



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

“EU SOU MÔFÍ”:
Juventude Periférica, Indústria Cultural e Luta por Reconhecimento

Hermana Cecília Oliveira Ferreira

João Pessoa

Julho de 2018

Hermana Cecília Oliveira Ferreira

**“EU SOU MÔFÍ”:
Juventude Periférica, Indústria Cultural e Luta por
Reconhecimento**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Simone Magalhães Brito.

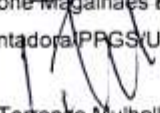
João Pessoa

2018

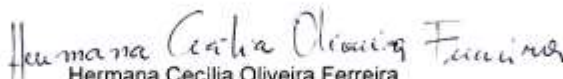
ATA DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA BANCA EXAMINADORA COMPOSTA PARA
AVALIAR O(A) ALUNO(A) HERMANA CECÍLIA OLIVEIRA FERREIRA.

Aos seis dias do mês de julho de dois mil e dezoito, às 09h, na Sala 507 do CCHLA da Universidade Federal da Paraíba, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação, intitulada: **"Eu sou môfi: Juventude periférica, indústria cultural e luta por reconhecimento"** apresentada pelo(a) discente Hermana Cecília Oliveira Ferreira, estando a Comissão Examinadora composta pelos docentes: Simone Magalhães Brito (Orientadora/PPGS/UFPB), Rogério Medeiros (PPGS/UFPB), Terrence Mulhall (DCS/UFPB). Dando início aos trabalhos, o(a) professor(a) Simone Magalhães Brito, na qualidade de Presidente da Comissão, convidou os demais integrantes da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida foi concedida palavra ao(a) Mestranda para expor uma síntese de sua dissertação que, após, foi arguida pelos membros da Comissão Examinadora. Encerrado os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a dissertação, à qual foi atribuído o seguinte conceito de APROVADA. A seguir foi encerrada a reunião, devendo a Universidade Federal da Paraíba, de acordo com a Lei, expedir o respectivo Diploma de **MESTRE EM SOCIOLOGIA**. Sendo a presente Ata assinada por mim, Simone Magalhães Brito (Presidente da Comissão) e demais membros.


Simone Magalhães Brito
(Orientadora PPGS/UFPB)


Terrence Mulhall
(DCS/UFPB)


Rogério Medeiros
(PPGS/UFPB)


Hermana Cecília Oliveira Ferreira
Mestranda

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F383e Ferreira, Hermana Cecília Oliveira.

Eu sou môfi : juventude periférica, indústria cultural e luta por reconhecimento / Hermana Cecília Oliveira Ferreira. - João Pessoa, 2018.

157 f. : il.

Orientação: Simone Magalhães Brito.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Identidade estigmatizada. 2. Juventude negra e periférica - Brasil. 3. Luta por reconhecimento. 4. Disputa moral. 5. Indústria cultural. 6. Subcidadania. I. Brito, Simone Magalhães. II. Título.

UFPB/BC

CDU 316.647.8(043)

Elaborado por RUSTON SAMMEVILLE ALEXANDRE MARQUES DA SILVA -
CRB-15/0386

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os meninos negros do Brasil que pela violência colonial desenvolvida através dos aparelhos ideológicos da dominação e da modernidade têm lutado cotidianamente por formas de reconhecimento de suas trajetórias de vida, seus corpos, e suas experiências sociais.

Epígrafe

“O domínio da linguagem proporciona um poder notável. “

Frantz Fanon

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Ogum, orixá que rege meu Orí e me coloca no caminho que minha ancestralidade pulsa enquanto pesquisadora e intelectual negra, no Brasil contemporâneo.

Agradeço à querida mestre em sociologia, a Professora Doutora Simone Magalhães Brito, pela sensibilidade, apoio, compreensão, força e inteligência em pensar o objeto da pesquisa junto comigo desde a graduação até aqui.

Agradeço aos colegas do mestrado, Nathielly e Serge pelas trocas de textos e de experiências pessoais e acadêmicas sobre o que é fazer pesquisa sociológica a partir do lugar de negritude.

Agradeço aos amigos Hell e Hector, pela companhia durante as etnografias da hora do almoço no Mercado Central.

Agradeço a Marcela Zamboni e Rogério Mederios pelas contribuições na minha formação enquanto socióloga na Universidade Federal da Paraíba.

Agradeço a CAPES pelo fornecimento da bolsa sem a qual não conseguiria ter executado este trabalho.

RESUMO

Esta dissertação analisa um conflito moral existente na cidade de João Pessoa entre os valores disseminados pela mídia local e a produção de uma identidade estigmatizada em sua tentativa de luta por reconhecimento. Logo, adotando a tipologia social do mofé naquilo que a constitui enquanto produção social de uma categoria específica local, este trabalho busca analisar os sentidos morais da estigmatização de jovens negros e de periferia na cidade. A partir de um pluralismo metodológico, buscou-se compreender o cotidiano de produção de valores em seus diversos níveis de interação com a produção midiática local incluindo redes sociais. Para este fim, os estudos de Jessé Souza (2006; 2009) sobre a subcidadania no Brasil serviram como discussão norteadora acerca dos processos de hierarquização valorativa de grupos mais empobrecidos do Brasil contemporâneo, por sua afinidade heurística com os clássicos de sociologia, e, sobretudo, com a teoria crítica. Deste modo, o quadro de problematização a desigualdade brasileira foi tencionado com uma perspectiva da teoria crítica sobre indústria cultural e a produção da vida moral. Ao final do trabalho, a teoria honnethiana sobre luta por reconhecimento guiou uma análise dos “traços” de uma identidade periférica que busca disputar valores com uma moral hegemônica existente na cidade. Assim, o esforço sociológico se deu, primeiramente, na compreensão da relação entre mídia e vida moral e, posteriormente, na constatação da existência de figuras de representação nas redes sociais que buscam, em certa medida, subverter o assujeitamento promovido pelas produções televisivas, configurando uma luta por reconhecimento moral a partir de uma identidade periférica.

PALAVRAS-CHAVE: juventude negra e periférica no Brasil – indústria cultural – disputa moral – subcidadania – luta por reconhecimento.

ABSTRACT

This dissertation analyzes a moral conflict existing in the city of João Pessoa between the values disseminated by the local media and the production of a stigmatized identity in its attempt to fight for recognition. Therefore, adopting the social typology of the *môfi* in what constitutes it as a social production of a specific local category, this work seeks to analyze the moral meanings of the stigmatization of young blacks and young people from the periphery in the city. From a methodological pluralism, we sought to understand the daily production of values in their different levels of interaction with local media production, including social networks. To this end, the studies by Jessé Souza (2006; 2009) on sub-citizenship in Brazil served as a guiding discussion about the processes of evaluative hierarchy of the most impoverished groups in contemporary Brazil, due to their heuristic affinity with the classics of sociology, and, above all, with critical theory. In this way, the framework for problematizing Brazilian inequality was intended with a critical theory perspective on the cultural industry and the production of moral life. At the end of the work, the Honnethian theory about the struggle for recognition guided an analysis of the “traces” of a peripheral identity that seeks to dispute values with a hegemonic morality existing in the city. Thus, the sociological effort took place, first, in the understanding of the relationship between media and moral life and, later, in the verification of the existence of representation figures in social networks that seek, to a certain extent, to subvert the subjection promoted by television productions, configuring a struggle for moral recognition from a peripheral identity.

KEY-WORDS: black and peripheral youth in Brazil – cultural industry – moral dispute – sub-citizenship – struggle for recognition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Emerson Machado entrevista homem após prisão em flagrante.

Figura 2: Emerson Machado apresenta ao vivo no Programa Correio Verdade a “dança do môfi”.

Figura 3: Página na rede social Facebook do repórter Emerson Machado.

Figura 4: Publicação em texto no Facebook feita pelo repórter Emerson Machado após mortes de crianças e adolescentes no Lar do Garoto.

Figura 5: Captura de tela de portal de notícias Facenews João Pessoa utilizando o termo môfi.

Figura 6: Vídeo colocado na plataforma Youtube com jovens performatizado a “dança do môfi”.

Figura 7: Vídeo colocado na plataforma Youtube com jovens dramatizando características morais associadas aos “tipos de môfis”.

Figura 8: Programa Correio Verdade transmitido ao vivo no horário de almoço dos paraibanos em barraca do Mercado Central de João Pessoa.

Figura 9: Fotografia feita durante observação participante durante horário de almoço no Mercado Central de João Pessoa.

Figura 10: Fotografia feita durante observação participante. Disposição de mesas e cadeiras para almoço em Mercado Central de João Pessoa.

Figura 11: Imagem encontrada a partir da ferramenta google pela nomenclatura môfi.

Figura 12: Mapa do centro da cidade de João Pessoa.

Figura 13: Fotografia de jovens em bairro periférico da cidade fazendo gestos identitários.

Figura 14: Imagens de memes, símbolos e termos utilizados pelos jovens de periferia.

Figura 15: Fotografia feita durante observação participante no Mercado Central de João Pessoa. Pichação da abreviatura da facção Okaida (OKD).

Figura 16: Captura de tela obtida no site de relacionamento Facebook. Vida Lôka e sentido de efemeridade.

Figura 17: Captura de tela obtida no site de relacionamento Facebook. Consumo e relação com a cidade a partir do Shopping Tambiá.

Figura 18: Captura de tela obtida no site de relacionamento Facebook. “Rolêzinho contra o preconceito” raça, classe e o direito à cidade.

Figura 19: Captura de tela obtida no site de relacionamento Facebook. Repercussão do ato na mídia local.

SUMÁRIO

RESUMO 8

LISTA DE FIGURAS 10

INTRODUÇÃO 12

CAPÍTULO I: PROGRAMAS POLICIAIS E SUBCIDADANIA 23

1.1 PROGRAMAS POLICIAIS NO BRASIL 23

1.2 REIFICAÇÃO DE DESIGUALDADES NO PROGRAMA CORREIO VERDADE 24

1.3 OS EMPREENDEDORES DO GROTESCO 26

1.4 EMERSON-MÔFÍ 30

1.5 LAR DO GAROTO 33

1.6 A DISSEMINAÇÃO DO TERMO 35

1.7 MÍDIAS DE MASSA E A DIFUSÃO DE DISCRIÇÕES MORAIS 39

1.8 OS ENUNCIADOS 41

1.9 CULTURA MILITAR E MÍDIA DE MASSA. 46

1.10 ETNOGRAFIAS DA HORA DO ALMOÇO: OS PROGRAMAS DO MEIO DIA A PARTIR DO MERCADO CENTRAL DE JOÃO PESSOA 48

CAPÍTULO II: MÔFÍ: A (DES)CONSTRUÇÃO DE UM ESTEREÓTIPO 56

2.1 DESVIO, CRIMINALIDADE 57

2.2 A PRODUÇÃO DA DIFERENÇA NO ESPAÇO URBANO 61

2.3 TÉCNICA E DESIGUALDADE 71

2.4 SENTIDOS DA SUBCIDADANIA 75

2.5 AS PÁGINAS ONLINE E LUTA POR RECONHECIMENTO 79

2.6 LUGARES MÔFÍ 82

2.7 O VALOR MIDIÁTICO 85

CAPÍTULO III: IDENTIDADE MÔFÍ E LUTA POR RECONHECIMENTO 86

3.1 IDENTIDADE, DISPUTAS MORAIS E LUTA POR RECONHECIMENTO
91

3.2 AUTORRECONHECIMENTO A PARTIR DA IDENTIDADE PERIFÉRICA
96

3.3 CONCLUSÕES OU HETERODOXIAS **100**

ANEXOS 106

1. Relação de termos
2. Índice de expressões
3. A performance online 107
4. A ralé vai à praia (Etnografia) 146

REFERÊNCIAS 148

INTRODUÇÃO

No ano de 2012 surgiu em João Pessoa uma nova palavra para classificar os jovens de periferia. Mômí é uma expressão local que concretiza um conjunto de tensões e estigmas. Difundida a partir do programa policiaisco Correio Verdade, esta categoria tem servido para se referir a meninos negros e pobres em situações de desvio. Amplamente disseminada junto com o medo associado às notícias narradas nos programas sobre violência, a palavra foi constituída a partir de um conjunto de arranjos sociais sobre uma expressão regional que se refere à ideia de meu filho – mômí. O uso do termo adquiriu abrangência quando o repórter Emerson Machado que atualmente se autointitula Emerson Mômí, abordava jovens em suas entrevistas, utilizando-se do vocativo:

“Mômí não tem vergonha não?”.

Deste modo, o surgimento do termo abriga uma série de repercussões e expõe o tratamento midiático dado a um segmento populacional da cidade – aqueles que vivem a experiência social da ‘subcidadania’. Os mômís de João Pessoa estão inseridos na parcela da população brasileira que Jessé Souza (2009:21) entende como ralé, sempre esquecida na sua gênese e destino comuns, essa parcela da população só é percebida no debate público como um conjunto de “indivíduos” carentes ou perigosos.

Isto justifica a adoção do termo na tentativa de compreensão sociológica acerca de tipologias, combinadas à observação de *situações de desvio e interação*, bem como, os sentidos morais que lhes caracterizam. A produção de atores sociais estigmatizados a partir da sua condição de classe em programas policiaiscos da mídia de massa brasileira é um fenômeno sociológico que contém especificidade própria, tendo em vista a popularidade dessas produções culturais e o constante uso da condição de classe de jovens e pessoas pauperizadas em todo o país enquanto matéria prima para este tipo de indústria cultural.

O surgimento de uma expressão local despertou, portanto, a necessidade de organizar sistematicamente, interpretando à luz da sociologia, um compêndio de dados que incluem: entrevistas; imagens; etnografias; publicações em rede social;

notícias em portais diversos de mídia de internet e análises situacionais para compor o presente quadro analítico.

É importante dizer que os resultados da exclusão social possibilitada pela desigual distribuição dos meios materiais e simbólicos da vida social entre diferentes estratos da sociedade brasileira estão refletidos na interação cotidiana entre esses mesmos estratos. A partir dos mômís de João Pessoa, é possível observar a conexão entre os conflitos de ordem moral e a luta de classes, incluindo interfaces de outros marcadores de diferença, dentre estes: gênero, raça e geração.

Deste modo, a produção midiática desse ator social – mômí – apresenta, não somente o surgimento de um estigma, mas revela o conflito entre classes que se estende a um modo onde é perceptível o desejo de eliminação de determinados grupos. A produção midiática de valores acerca da experiência social da subcidadania, traduz, em alguma medida, o conflito moral existente entre as classes e os grupos sociais no Brasil. Logo, as disputas de narrativas pelos estratos e recortes societários específicos serviram como recurso heurístico para o presente esforço reflexivo.

A apesar do estigma produzido pela indústria cultural, foi possível observar que, embora ocorra o assujeitamento desses indivíduos pela mídia de massa, uma economia moral se faz presente na luta pelo reconhecimento de uma subjetividade específica dentre os grupos menos favorecidos.

Destarte, a sociologia possibilita compreender que interações e disputas entre os diferentes estratos de nossa sociedade se baseiam em elementos morais. Assim, para compreender sociologicamente a experiência social dos mômís, buscou-se construir uma conexão entre pressupostos de sociologia urbana através do interacionismo simbólico presentes nas teorias de Goffman (1974) e Becker (1963/2008), com a teoria do reconhecimento de Honneth (2003). É importante salientar que essa escolha teórica, possibilita a aproximação e o diálogo com uma perspectiva da sociologia brasileira contemporânea, de maneira que a mesma foi requerida na discussão teórica para este trabalho. Intersecções entre raça e classe permeiam a consubstancialidade do texto, naquilo que a experiência social brasileira informa ao fenômeno analisado, considerando elementos oriundos da colonização.

Neste sentido, é importante frisar que não existiam conceitos sociológicos a priori ou prontos para a compreensão da micro realidade dos jovens negros de periferia observada em João Pessoa. Porém, as ferramentas teóricas adotadas se complementam de maneira que, apesar do lugar de desvio imputado aos *môfís*, o presente trabalho encontrou indicativos de uma resposta moral que esboça formas de respeitabilidade à margem do sistema.

Desse modo, este trabalho tem como aspecto central reunir e compreender processos de produção de valores que respondem ao estigma imputado pelos grupos estabelecidos e legisladores de uma moral normativa e hegemônica. Na agência dos *môfís* de João Pessoa, foi possível observar traços de uma luta por reconhecimento¹ que se constrói a partir dos locais de subcidadania e de exclusão. O argumento reside, portanto, no delineamento de uma gramática de termos morais resultantes do conflito entre classes na cidade. A partir da pesquisa, observou-se que os *môfís*, desempenham e empreendem os sentidos oriundos da condição de exclusão a partir de uma disputa moral que justifica suas interações, agências, possibilidades de agência, perspectivas de futuro e de auto inserção na estrutura social.

O trabalho de análise e interpretação sociológica foi feito a partir de dados encontrados no programa Correio Verdade, site de relacionamento Facebook, observação participante, entrevistas com *transeuntes* e cidadãos nos espaços e transporte público da cidade, dentre outras fontes, naquilo que condiz às interpretações produzidas acerca da subcidadania.

Disputados pelos meninos da subcidadania, termos e enunciados da luta moral pelos sentidos e termos foram observados em publicações online que, por sua vez, se apresentaram enquanto resposta à normatividade imposta, esboçando os elementos de um conflito de classe. Somadas às buscas na internet, as *etnografias da hora do almoço* capturaram comentários emitidos durante o estudo de recepção dos programas policiais no horário de almoço de *trabalhadores* na região central da cidade. Os sentidos desses comentários, por sua vez, foram combinados

¹ Por luta social, faz-se jus ao conceito de Axel Honneth (2003) que informa tratar-se do: “processo prático no qual experiências individuais de desrespeito são interpretadas como experiências cruciais típicas de um grupo inteiro, de forma que elas podem influir como motivos diretores da ação, na exigência coletiva por relações ampliadas de reconhecimento”.

a elementos encontrados nos diálogos com os entrevistados no transporte público da cidade.

Desvio e estigma funcionaram, portanto, enquanto conceitos para uma leitura sociológica acerca do caráter normativo da sociedade, ou seja, sobre o que os indivíduos produzem sobre o lugar social da subcidadania, considerando a influência que um programa da indústria cultural confere ao vocativo ampla disseminação através da mídia popular de massa. Quero dizer com isto que os sentidos morais emitidos pelos *empreendedores do grotesco* atingem diretamente as classes por estes mencionadas, e neste caso – os *môfis*, tendo em vista que são produzidos justamente para estas classes, pois é a classe social retratada, além de ser a “matéria prima” desse tipo de produção, também é reflexiva.

Estigma

Erving Goffman (1974) nos traz o termo *estigma* para discutir produção social de *identidades deterioradas*. Este conceito, por sua vez, encontra ressonância com a experiência social do grupo estudado porque os jovens pobres expostos no programa televisivo que deu origem ao termo “môfi” costumam ser identificados e, algumas vezes, expulsos dos ambientes de ampla circulação urbana, a exemplo do transporte público e de alguns shoppings centers da cidade.

Deste modo, pensou-se a produção midiática do môfi como uma produção particular de estigma: através de um bordão televisivo que transcende a mídia de massa e coloniza o imaginário dos pessoenses, essa tipologia social estigmatizada passa a organizar a interação entre diferentes grupos sociais na cidade, identificando o que é o môfi partir dos sinais diacríticos da subcidadania. No entanto, essa forma de interação é mediada por um poderoso aparato televisivo, o que não se adequa de maneira simples e imediata à discussão a partir do interacionismo simbólico.

Como a mídia molda ou interfere na produção de estigmas?

A partir do conceito de indústria cultural, Adorno e Horkheimer (2000: 32) lançam luz sobre o modo como, na modernidade, a arte e outros elementos da

cultura são *reificados* e *coisificados*, ou seja, transformados em produtos “*sob o véu da técnica*”. Neste sentido, busco demonstrar como esse argumento teórico se faz útil na contemporaneidade e traduz o funcionamento da sociedade a partir da leitura de que os programas televisivos da cultura de massa funcionam enquanto artífices da técnica que, ao promover o *deslumbramento das massas*, mascaram o real funcionamento da exploração na sociedade capitalista.

Neste caminho, busco assumir como base de interpretação a perspectiva de uma teoria crítica, ou o que Walter Benjamin (1982/1994) salienta para pensar numa perspectiva dos oprimidos.

A sociologia revela, deste modo, a correspondência entre *artefatos prontos*² de modernidade, capitalismo e colonialidade, com os juízos morais que os pessoenses fazem do *môfi*, demonstrando as nuances entre moral hegemônica (que orienta as noções mais amplas de certo/errado, bom/ruim) dos grupos estabelecidos, na interface e disputa desses sentidos morais com os grupos pauperizados da sociedade brasileira.

A partir do fenômeno explicitado surgem, portanto, alguns questionamentos.

“Como um termo, a exemplo do termo môfi, transpõe a esfera midiática e se enraíza na interação “face a face” dos pessoenses?”.

“Em que medida a terminologia môfi está baseada numa gramática moral, que reforça e reifica determinado lugar social de desrespeito e estigma?”

“De que modos, a partir das teorias de Honneth (2003) e Goffman (1974), é possível a compreensão acerca da produção de novas categorias morais de diferenciação entre os grupos sociais apesar do estigma, na luta por reconhecimento dessas identidades?”.

Diante disto, encontramos uma escassez de estudos em sociologia sobre os efeitos da mídia de massa brasileira na representação da experiência da *subcidadania*, e sua relação com produção, reificação ou aprofundamento de

² Por “artefatos prontos” ficamos com a definição de Jessé Souza (2003:25) e entendemos as práticas “impessoais e institucionais” oriundas do modelo de sociedade com base na produção capitalista. Esses artefatos são: as instituições do racionalismo ocidental – mercado capitalista e seu arcabouço técnico e o Estado racional centralizado monopolizador da violência.

estigmas. O problema sociológico aqui proposto, visa, portanto, conectar: indústria cultural e a produção de uma subjetividade a partir da identidade mômí observando a priori, a disseminação de um estereótipo de classe na forma de uma categoria midiática e regional da cidade de João Pessoa; e a posteriori sua ampla utilização do termo pela população local como indicador de um conflito, de modo que, finalmente, serão analisados os efeitos dessa construção ideológica na afirmação de uma identidade em busca por reconhecimento.

De acordo com isto, buscou-se, no primeiro capítulo, delimitar a produção midiática do grotesco e sua relação com a produção de um estigma específico sobre a juventude periférica da cidade; no segundo capítulo foram analisados os elementos coletados no campo da pesquisa discutindo o conceito de subcidadania na interface com aspectos semióticos; e ao final do texto, no terceiro capítulo, foi elaborado, à luz da teoria honnethiana, um estudo acerca das nomenclaturas criadas a partir do conflito moral estudado.

Ou seja, busco traçar e compreender o caminho de interações e tensões morais que parte da notícia e do processo de assujeitamento, até o cotidiano desses jovens em busca de fornecer respostas à condição de estigmatizados. Esse caminho pode ser descrito também como uma *figuração* entendida a partir da teoria de Elias e Dunning (1992:107) sobre as “*tensões controladas*” no conflito inerente às relações entre determinados estratos sociais.

Logo, o fundamento interacionista sobre os elementos reunidos, permitiu observar a dialética entre tipologias como os estabelecidos e outsiders, a partir da ambivalência entre os transeuntes e os mômís, enquanto faces de uma mesma “moeda”, constituindo então um objeto sociológico. Neste tópico, as palavras, “inseridas na linguagem corrente de determinado contexto histórico (Bakhtin, 1988: 18), retornam ao centro da problematização sociológica sob a perspectiva de que, o vocativo mômí, constitui-se enquanto o próprio conflito inscrito na linguagem. Por fim, podemos considerar que a palavra mômí se constitui enquanto fato social³ (Durkheim 1895/2007) devido sua “exterioridade, generalidade e coercitividade” verificada através do campo da pesquisa em João Pessoa.

³“Os quais têm como característica a exterioridade em relação às consciências individuais e exercem ação coercitiva sobre estas”.

O termo *môfi* representa, portanto, o sujeito inscrito na linguagem de uma sociedade enquanto ator. Um sujeito aberto às transformações sociais e constantemente atravessado por elementos ideológicos, valorativos, morais e estéticos inerentes a seu tempo.

Deste modo, foi possível compreender o termo *môfi* associado a uma forma específica de representação social da juventude na subcidadania. Esta forma, por sua vez, toma por base, estereótipos de classe e raça justificados e reificados a partir de uma desigualdade específica, que adquire mecanismos próprios para se manter funcionando. Dentre tais mecanismos, um universo valorativo de elementos morais mostrou-se capaz de atualizar-se, e reificar-se, na forma do estigma grotesco: *môfi*, produzido e disseminado por um meio de comunicação de massa.

Perceber a produção de uma identidade nos *môfis* de João Pessoa, determinada a partir do lugar de subcidadania, oportuniza transcender o entendimento do senso comum acerca das subjetividades juvenis periféricas do Brasil de hoje. Ora aprisionadas por produções acadêmicas que insistem em tratar geração a partir do olhar sobre o desvio, ora caricaturadas pela estética dos programas policiais, marcadores sociais da diferença como, por exemplo, raça e pobreza acabam funcionando enquanto limitações epistemológicas no que tange ao entendimento sobre outros aspectos acerca dos atores da subcidadania.

Desse modo, a análise acerca de um tipo social – o jovem negro de periferia que circula pelos espaços e ambientes da cidade – fornece novo fôlego sociológico na compreensão acerca dos modos como os grupos sociais constitutivos da subcidadania se utilizam do espaço urbano e disputam sentidos morais na luta por reconhecimento de sua subjetividade relacionando-se com a produção simbólica a cerca de si, isto, é, reflexivamente.

Nota Metodológica

A presente dissertação tomou enquanto objeto de estudo o processo de estigmatização de jovens de periferia na cidade de João Pessoa a partir de um bordão midiático intitulado: *môfi*. Os *môfis* são, portanto, além de um estereótipo

criado pela mídia de massa, um tipo social conhecido popularmente pelos sinais de subcidadania que ostenta. Desta maneira, roupas, adornos e maneiras de utilizar-se do corpo funcionaram enquanto os sinais diacríticos que identificam a juventude pertencente a este estrato social nos ambientes da cidade.

A pesquisa teve início com a análise das reportagens de Emerson Machado sobre a juventude periférica em situação de desvio. Este primeiro momento da pesquisa foi importante para definir o repertório moral veiculado pela mídia de massa identificando principais categorias do campo. Em seguida, buscou-se delimitar o campo etnográfico da pesquisa, um ambiente onde fosse possível perceber as interações entre a mídia e a população. A escolha do Mercado Central enquanto espaço público, se deu por encontrar naquele ambiente uma sequência de aparelhos televisivos dispostos e sintonizados na hora do almoço em barracas e restaurantes populares, locais nos quais essas transmissões suscitavam debates. Neste espaço, constituiu-se o campo da pesquisa, e outras tipologias se apresentaram, a exemplo dos *batalhadores da feira*. Ensaiou-se nesse momento uma espécie de estudo de recepção com os expectadores dos *programas do meio dia* – os *programas policialescos*.

Este momento do trabalho foi importante para tentar perceber se de fato existia uma correspondência entre as formas morais transmitidas por tais programas com os juízos que os *batalhadores* elaboram sobre suas experiências. Neste momento, apesar de tentar direcionar maior atenção ao Programa Correio Verdade, a fluidez do campo que informou à pesquisa trouxe elementos outros: eu não poderia fazer aquelas pessoas falarem apenas sobre o PCV⁴ e os sobre môfis.

A aproximação com os môfis foi extremamente dificultada pela relação de alteridade estabelecida, a priori, por minha condição de pesquisadora. A *sociabilidade môfi* é majoritariamente masculina e, deste modo, o marcador de gênero foi determinante para os limites da pesquisa de campo. Apesar desses *limites de alteridade*, a postura *flâneur* de observação do espaço urbano possibilitou a captura imagética dos môfis em situações de interação social com os demais cidadãos de João Pessoa. Análises situacionais somaram-se às *etnografias em Facebook* inspirando o capítulo terceiro sobre luta por reconhecimento.

⁴ Programa Correio Verdade.

Os métodos de pesquisa que se apresentaram enquanto possíveis contribuíram positivamente através da espontaneidade dos dados analisados. Ao final do campo e completando um quadro de análise, este trabalho é também caracterizado por um pluralismo metodológico que pudesse dar conta de um multifacetado objeto de estudo social em mais de um lugar e circunstância. A pesquisa em algumas páginas do site de relacionamento Facebook, por sua vez, se mostrou enquanto profícuo campo de análise, tendo em vista a espontaneidade das publicações realizadas pelos próprios jovens.

CAPÍTULO I

PROGRAMAS POLICIAIS E SUBCIDADANIA

1.1 Programas Policiais no Brasil

A partir dos anos noventa, surge no país os primeiros programas de temática policial nas principais emissoras de televisão aberta. As produções foram inicialmente disseminadas na região sudeste do país onde se encontram as maiores empresas nacionais de radiodifusão, tendo como exemplo “Linha Direta” (Globo: 1990); “Aqui Agora” (SBT: 1991); “Cidade Alerta” (Record:1995); “Na Rota do Crime” (Manchete: 1996); “Brasil Urgente” (Bandeirantes: 2001), dentre outros. Ante o sucesso de audiência desse gênero televisivo, outros estados brasileiros, com o passar dos anos, começaram a apresentar versões locais dos programas policiais.

Na Paraíba, a TV Tambaú, emissora afiliada ao SBT, inaugurou em 1992 o referido gênero televisivo com o programa “*Caso de Polícia*”, que continua indo ao ar todos os dias ao meio dia. O surgimento do gênero dentre os sistemas de comunicação implicou na proliferação do modelo de produto cultural para outros canais da TV aberta. A TV Correio, afiliada à Rede Record, por sua vez, lançou o “*Correio Verdade*”, programa policial também transmitido ao meio dia, que alcançou a liderança de audiência no estado. Mais recentemente, a TV Clube, vinculada à Bandeirantes, iniciou a exibição do programa “*Aqui na Clube*”.

É importante perceber que reportagens de cunho investigativo e policial sempre estiveram presentes em diversos programas de auditório do Brasil. Com o foco na exibição dos problemas sociais da vida das classes mais populares, os programas constituem verdadeiros aparelhos sociais de informação e entretenimento em massa. Um desses programas é o “*Programa do Ratinho*” conhecido em todo o país por quadros grotescos e sensacionalistas que promoviam, por exemplo, a simulação de assassinatos e o financiamento de “exames de DNA”.

Porém, além do viés policial ou investigativo, estes programas tendem a explorar aspectos do cotidiano das classes menos favorecidas do Brasil, depreciando, ridicularizando ou expondo ao extremo acontecimentos particulares da

vida dessa parcela da população. Homicídios, traições, tragédias diversas, exames de paternidade, ou seja, dimensões muito íntimas da vida dessas pessoas passaram a constituir a matéria prima desses programas.

1.2 Reificação de Desigualdades no Programa Correio Verdade

Para Jessé Souza (2009) a desigualdade social no Brasil é reproduzida através de ferramentas sutis de justificação moral, construindo determinações sobre quem merece e quem não merece os privilégios da cidadania:

Ela é reproduzida cotidianamente por meios “modernos”, especificamente “simbólicos”, muito diferentes do chicote do senhor de escravos ou do poder pessoal do dono de terra e gente, seja esta gente escrava ou livre, gente negra ou branca. (SOUZA, 2009:21).

A forma como se constituem a discriminação e vulnerabilidade social na qual se encontram os subcidadãos e concomitantemente a juventude negra e pobre no Brasil está hoje estritamente relacionada a fatos cotidianos e processos de justificação das desigualdades que observamos, por exemplo, nos programas policiais.

Quando não se fala dessas formas “novas” e “modernas” de se legitimar a dominação cotidiana injusta e se apela a uma suposta e vaga continuidade com o passado distante é porque não se sabe do que se está falando, ainda que não se tenha coragem de admitir. (SOUZA, 2009:21).

Desta maneira, os indivíduos que vivem numa condição de subcidadania têm direitos historicamente negados, pois são vítimas de arbitrariedades diversas em termos de justiça social, e do constante desrespeito à dignidade e integridade humana. Não questionados, os sinais da desigualdade no Brasil são estereotipados e absorvidos pela maioria na forma de objetos estéticos sem a presença de uma

avaliação crítica. Os modos de vida retratados pelas reportagens são *reificados* pela representação grotesca⁵ desse tipo de produção audiovisual.

Por grotesco tomamos o conceito de Bakhtin (2013) que atribui à figura que provoca o riso: o principal artífice de suspensão moral. No riso provocado pelo grotesco temos o momento de refutação, transformação ou manutenção das normas estabelecidas.

A partir da teoria crítica marxista encontramos os conceitos de *reificação* e *coisificação*, ambos relacionados à capacidade dos homens em transformar relações sociais em coisas externas aos indivíduos, independentes destes e coercitivas a estes. Para Adorno e Horkheimer (2000), o deslumbramento promovido pela técnica distancia os indivíduos da individualidade e subjetividade necessárias à avaliação moral ética.

O espectador não deve trabalhar com a própria cabeça; o produto prescreve qualquer reação: não pelo seu contexto objetivo — que desaparece tão logo se dirige a faculdade pensante —, mas por meio dos sinais. Toda conexão lógica que exija alento intelectual é escrupulosamente evitada. (ADORNO E HORKHEIMER, 2000: 185)

Deste modo, a técnica própria da modernidade instaura nos indivíduos a incapacidade de refletir por si mesmos enquanto sujeitos autônomos e emancipados acerca de determinada realidade social. O pensamento dos teóricos da escola de Frankfurt se faz pertinente pela natureza do objeto de estudo aqui analisado: a desumanização de uma parcela da população pelo programa policiaisco se revela enquanto um dos resultados da coisificação das condições de vida oriundas de relações desiguais entre indivíduos pertencentes aos diferentes estratos da sociedade. A vida das pessoas pobres passa, portanto, a ser exibida como um “apêndice do processo material de produção” (Adorno, 1954: 4).

Porém, o desenvolvimento deste argumento como a confirmação de uma suposta passividade dos jovens de periferia será discutido mais amplamente no

⁵ A partir da análise do conteúdo televisionado pelo Programa Correio Verdade encontramos a “Dança do môfi”. No ano de 2013 o repórter Emerson Machado hoje conhecido popularmente como Emerson Môfi ou simplesmente môfi adentrou o ambiente do estúdio onde Samuka Duarte narrava e comentava notícias ao vivo e com alguns dançarinos de um grupo local “lançou” a música.

terceiro capítulo, tendo em vista a disputa dos môtis pelos mesmos elementos simbólicos e morais coisificados pelos empreendedores do grotesco.

Para Muniz Sodré (1972:39), o grotesco parece ser um dos elementos básicos da cultura de massa produzida no Brasil. Segundo o autor, a organização das relações de produção engendra uma atmosfera psicossocial própria que se destina a perpetuar o seu tipo específico de relações humanas. “A cultura de massa – essencialmente política – é hoje o grande *medium* da atmosfera capitalista. No caso brasileiro, ela é também o espelho que reflete o id e os demônios da nossa estrutura”.

Ainda sobre a cultura de massa, Muniz Sodré (1972:17) ainda afirma que a parte cognitiva e a estética costumam situar-se em níveis muito superficiais com relação à cultura elevada. No entanto, a relação estética entre o consumidor e a obra é geralmente mais viva do que na cultura elevada atual. Isto porque existe maior participação psicoafetiva da parte do espectador – e toda relação estética é poderosa quando alimentada pela participação.

Através da pesquisa foi possível perceber uma relação de complementaridade entre o grotesco, com o anseio do público por representação e participação através da via midiática. Durante as *etnografias do almoço* observou-se o envio de fotografias de si mesmos pelos expectadores ao programa “Aqui na Clube”. Isto demonstra que essa parcela da população, “ao aparecer na tevê”, encontra um sentido de agência ou protagonismo. Valioso registrar que também durante a pesquisa no Mercado Central, desta vez em um segundo momento enquanto assistindo ao “Cidade e Ação”, foi possível perceber que os expectadores enviam ao programa fotografias posando ao lado de uma televisão sintonizada no programa, além das muitas fotografias de crianças ao lado dos aparelhos ligados no programa para reforçar a imagem de uma espécie de reconhecimento ou protagonismo popular.

1.3 Os empreendedores do grotesco

O Programa Correio Verdade vale-se do carisma do apresentador, que no sentido weberiano constitui o “tipo ideal”. Irracional, extra cotidiano e singular, suas características sugerem o oposto da racionalidade e a normalidade do mundo, como foi constatado por Veloso (2013:54) acerca do apresentador Samuka Duarte.

A partir da pesquisa, pôde ser observado que a técnica não neutra de tais *aparelhos ideológicos* coloniza o imaginário dos pessoenses e suas leituras sobre a cidade. Os discursos morais são o “prato principal” no cardápio televisivo informativo cotidiano. São muitos os ruídos que concorrem com o barulho das tevês no corredor de barracas para almoço que somam doze. Durante o almoço, Samuka Duarte, o apresentador do Programa Correio Verdade, comenta a crise de abastecimento de água na cidade e toca uma música eletrônica ao fundo da notícia. Este lugar representa, portanto, um dos contextos em que a *ralé brasileira* produz seus sentidos, e estes sentidos estão relacionados com a produção policalesca televisionada. É durante a hora do almoço que uma atenção maior é voltada para os aparelhos audiovisuais, e estes, por sua vez, são muitos. É durante o intervalo de almoço que os batalhadores podem assistir às notícias.

Sobre a *ralé* Jessé Souza (2009: 25) afirma ainda ser essa “classe social”, nunca percebida até então enquanto “classe”, ou seja, nunca percebida como possuindo uma gênese social e um destino comum, sempre foi (in) visível, entre nós, e percebida apenas como “conjunto de indivíduos” carentes ou perigosos.



Figura 1: Emerson Machado entrevista homem preso em flagrante. Captura de tela obtida através do site youtube.com. (Acessado em maio de 2017).

Umberto Eco (1993: 325-28) afirma que a televisão é um dos fenômenos básicos da nossa civilização, o que a torna um objeto de análise inerentemente sociológico e que:

É grave, de fato, não se perceber que embora a TV tenha constituído um fenômeno sociológico até agora incapaz de dar vida a verdadeiras criações artísticas, todavia, justamente como fenômeno sociológico, surge como capaz de instituir gostos e propensões, isto é, de criar necessidades e tendências, esquemas de reação e modalidades de apreciação tais que, em curto prazo, se tornam determinantes para os fins da evolução cultural. ECO (1993:330).

Embora sejam reconhecidas as infrações judiciais e as lesões aos direitos humanos que muitos desses programas causam a essas pessoas, o prisma sociológico prioriza problematizar o modo como a violência real televisionada preenche grande espaço da programação gratuita da televisão aberta brasileira gerenciada pelas emissoras através de concessões públicas, longe de constituírem uma esfera realmente democrática. Os programas policiais no Brasil constituem-se enquanto aparelhos ideológicos de reprodução de discursos que reificam desigualdades materiais e simbólicas, fundamentadas e perpetuadas pelas bases raciais, morais e étnicas de nossa sociedade.

A partir das teorias sobre indústria cultural encontramos suporte teórico para problematizar o PCV enquanto um produto televisivo de massa considerando suas “funções e disfunções” enquanto *mass media*. O que se busca aqui não tem somente a preocupação em dirigir a atenção para estudos que problematizem a comunicação e a cultura de massa, tendo em vista apenas o seu alto poder de alcance e reprodução, a exemplo dos jornais, do rádio e da televisão, mas, antes, ir em direção ao que aponta o historiador Egon Friedel (1990/1931, p. 13) quando afirma que “o cinema tinha outras possibilidades que as de natureza fílmica, possibilidades espirituais” e é neste sentido que podemos investigar quais as características sociais, e morais que o PCV detém enquanto um produto da indústria cultural.

A imagem capturada da internet demonstra a forma como a classificação mofí é transformada em produto midiático e estético pelos empreendedores que fazem o Programa Correio Verdade.



Figura 2: Emerson Machado apresenta ao vivo no programa Correio Verdade a “dança do mofí”. Captura de tela obtida no site youtube.com de vídeo postado em 23 de dezembro de 2010. (Acessado em: 9 de outubro de 2017).

Neste vídeo a “Dança do mofí” é exibida na televisão aberta do estado. Os jovens que acompanham Emerson Machado fazem parte de uma banda musical local e no momento da performance ao vivo utilizam bonés: principal sinal diacrítico da moda jovem das periferias. Neste programa, em específico, o mofí é um dos personagens midiáticos que encontram correspondência com o universo social a partir da sátira aos elementos e sinais diacríticos⁶ da pobreza.

Neste sentido, Merton e Lazarsfeld (1990: 112) afirmam que a mídia de massa reforça as normas sociais através de uma exposição pública do que é moralmente tolerável ou não. As normas sociais publicizadas têm a função de constranger os indivíduos e, para os autores, as normas devem ser afirmadas e

⁶Manuela Carneiro da Cunha (1986:97).

positivadas de maneira que fique claro seu posicionamento moral com relação à norma em questão.

Alguns dos programas do meio-dia possuem um mini auditório simulando o público expectador que participa e interage em alguns momentos com o apresentador do programa Correio Verdade. Para Veloso (2013) devemos entender o programa enquanto uma experiência moral na medida em que os atores envolvidos na produção/recepção vão responder aos estímulos provocados pelo programa de acordo com a finalidade de obter a performance adequada durante o programa.

Assim, o Correio Verdade impõe papéis a cada um de seus participantes possibilitando assim que seja elaborado um tipo de jogo, e neste caso, uma experiência moral no sentido de projetar e criar um *momento* no programa. Como se esse momento constituísse uma situação particular, inédita, exclusiva, não repetida.

1.4 Emerson-môfi

Emerson Machado: - Três são de menor, esses aqui ó, um dois, três. Esse aqui, eu já conheço. **Tiago:** - Conhece não. **Emerson Machado:** - conheço sim, conheço. Foi preso duas vezes porque tocou fogo nas casas. **Tiago:-** É não. **Emerson Machado:** - Môfi perverso, esse aqui eu também conheço, já é cliente da “casa”. Quantas vezes môfi já foi preso? **Tiago:** - Uma vez só. **Emerson Machado:** - Só uma não, que a gente já entrevistou você duas vezes. Vá, diga a verdade. **Tiago:** - Tá num tô dizendo, três vezes homi. **Emerson Machado:** - Môfi fuma maconha? **Tiago:** - Não. **Emerson Machado:** - Mas vendeu maconha. **Tiago:** - Não é minha não. **Emerson Machado:** - E é de quem? **Tiago:** - Oxe, e eu sei é? Cabelo bonito visse? **Tiago:** - É pra vender. **Emerson Machado:** - Pra vender o que? **Tiago:** - O cabelo. **Emerson Machado:-** E quem praga vai querer comprar um cabelo desse? **Tiago:** - Samuka. **Emerson Machado:** - E Samuka vai querer comprar pra que? **Tiago:** - Tá, ele é careca. **Helio:** - Só ameaçamos na 12 mesmo. **Emerson Machado:** - A 12? Pra que? **Tiago:-** Pra matar cabra de

pêia. **Helio**: - ôxe, eu mato até... **Tiago**: - Okaida, safado. **Helio**: - Foi da Okaida eu tô estourando é tudo. (*Programa Correio Verdade. João Pessoa, janeiro de 2013*).

A transcrição da entrevista acima traz alguns elementos constitutivos da identidade periférica explorada pelo programa policiaisco. Na abordagem jornalística de tom inquisitorial, Emerson Machado “o môfí”⁷ demarca a idade dos adolescentes reafirmando seu apelo em caracterizar, através da mídia de massa, a prática criminosa do delito. Em seguida, comenta a reincidência dos meninos na delegacia: “*já é cliente da casa*”. A expressão “*cliente da casa*” remete a uma figura de linguagem, um recurso figurativo para expressar a repetição da ação desviante. Essa expressão sugere também uma nova participação do jovem ou adolescente no PCV. Neste momento, devido ao caráter interrogatório da “entrevista”, o diálogo entre o repórter e os intitulados môfis se assemelha a uma abordagem policial, registrando informações no assujeitamento de indivíduos capturados no que a tipificação criminal define enquanto flagrante.

Na entrevista, o uso de drogas ilícitas e o porte ilegal de armas se misturam com informações sobre o tipo de cabelo dos jovens negros televisionados ao serem presos. Ao final da exploração midiática, os meninos entrevistados revelam o motivo de cometerem o desvio: o antagonismo e a competição com os jovens pertencentes à facção Okaida. Os motivos determinados pela condição social desses jovens parecem perder visibilidade frente ao deslumbramento promovido pela técnica dos programas policiais. Também é preciso perceber que a exibição televisiva deste ritual de passagem, está prevista e incluída no procedimento, isto é, na legalidade policial que organiza a prisão e o flagrante.

O repórter principal do Programa Correio Verdade, Emerson Machado, após o grande ‘sucesso’ de sua abordagem é hoje popularmente conhecido por Emerson Môfí, que adotou o bordão criado por ele mesmo em suas entrevistas no programa do meio-dia. Como pôde ser observado em transcrições das entrevistas, ao mesmo tempo em que nomeia os meninos abordados nas entrevistas também se autodenomina: môfí, construindo uma marca sua no Programa, enquanto repórter,

⁷ Sempre que chamado ao vivo pelo “âncora” do PCV, Emerson Machado é intitulado como: o môfí.

ao tornar engraçado e aceitável as formas constantes de desrespeito e desumanização dos adolescentes em situação de desvio.

A articulação discursiva do repórter contribui para com a definição do estilo do programa – produto, bem como, para a constituição de suas particularidades enquanto repórter diferencial. O uso de bordões, gírias e dancinhas ‘engraçadas’ fazem parte do conjunto que constitui o personagem que o repórter representa “no ar”. É a partir de diálogos como esse, midiaticizados, assimétricos e previstos que se desenvolve a dialética discursiva do conflito social onde se define o programa.

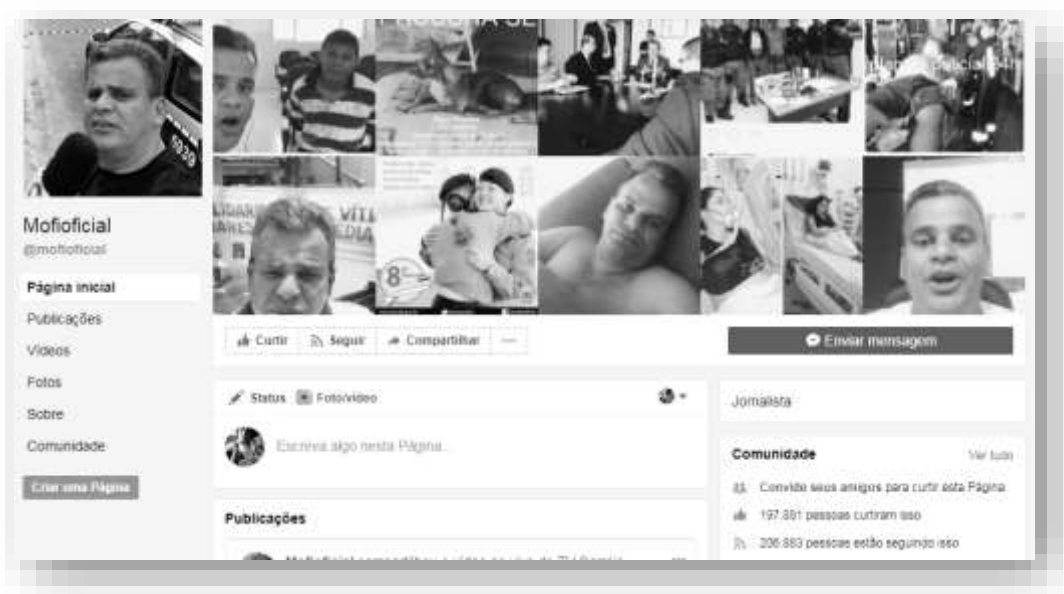


Figura 3: Página do repórter Emerson Machado e seus 206.883 seguidores. Captura de tela obtida no site de relacionamento Facebook. (Acessado em junho de 2018).

O repórter Emerson representa ou sintetiza, portanto, o conjunto normativo que orienta define os limites de alteridade para uma parcela da população brasileira. O programa cria uma arena ficcional marcada por uma dualidade básica para estabelecer um conflito programado entre “nós e eles”. Emerson representa, portanto, a moral hegemônica, “correta e justa”, enquanto que os mofís representam a ralé “degenerada” e inferior pela ótica do liberalismo meritocrático inerentes à sociedade contemporânea capitalista.

Disputando o carisma do público espectador do programa, Emerson consegue agregar em sua página no site Facebook 197 mil curtidas enquanto que o apresentador Samuka Duarte, “âncora” do programa possui apenas 35 mil seguidores.

Emerson Môfí é um homem branco, com idade entre quarenta e cinquenta anos, o principal repórter do Programa Correio Verdade nas abordagens policiais e prisões em flagrante de jovens da periferia em situação de assujeitamento⁸. Nas suas entrevistas, costuma zombar os meninos em situação de delito, é nesta ridicularização que reside o suposto caráter cômico de sua performance.

Além da jocosidade presente nos diálogos, suas falas possuem um tom moralizador e autoritário que deprecia a imagem dos jovens de periferia, majoritariamente negros. Bonés, chinelos característicos (imitações dos chinelos da marca Kenner), todos os sinais diacríticos da moda da juventude que vive em condições de subcidadania são ridicularizados. O repórter procura demonstrar que possui aval popular, por meio de sua popularidade nas redes sociais, para executar essa função moralizadora.

1.5 “Lar do garoto”

“A declaração é aquela. Eu espero que o povo de bem que tenha assistência, outra coisa, falaram em reformar os presídios, que cadeias estão sujas, imundas, tem que mudar é os hospitais, tem que reformar os hospitais públicos, tem que resolver o problema da saúde, tem que construir Policlínicas nos grandes centros da Paraíba, tem que se construir grandes hospitais. Mas se preocupar em reformar presídio? Acho que nosso dinheiro, o dinheiro pago pelo imposto do cidadão já ta sendo aplicado demais nas cadeias. A cadeia já está boa demais do jeito que está lá. Quem não quiser ir para o presídio faça por onde não fazer besteira. (...) Sete? Pensei que tinha sido mais! Continuo dizendo, só sete? Pode criticar Môfí. Môfí não tá nem preocupado. Môfí é assim e vai morrer assim. Tenho

⁸ PÊCHEUX, Michel. A Análise de Discurso: Três Épocas (1983).

medo só dos castigos de Deus. Direitos humanos tem é que cuidar só dos humanos de verdade”. (João Pessoa, junho de 2017).

Segundo as abordagens midiáticas, o môfi não é filho de ninguém. Sem pai e sem mãe, môfi é filho no sentido de prole e de propriedade, assim como outros tipos que colonizam o imaginário e a linguagem popular dos brasileiros.

Em junho de 2017 na sua página no site Facebook, Emerson Machado comenta a morte de sete jovens em um centro educacional no interior do estado.

Carbonizados, os adolescentes morreram após uma “rebelião”⁹ e no relato acima se observam algumas repetições no que tange à criminalização das vítimas, desta vez no site de relacionamento Facebook. O apresentador se utiliza mais uma vez do destino social trágico para elaborar seus discursos moralizantes.



Figura 4: Publicação do repórter Emerson Machado sobre o episódio em centro de detenção para menores. Captura de tela no site de relacionamento Facebook. (Acessado em junho de 2017).

A necessidade em tratar da atuação de Emerson Machado no programa policial Correio Verdade se dá necessariamente pela complexidade de sua

⁹Ver notícia em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/internos-de-centro-educacional-sao-mortos-durante-tumulto-no-agreste-da-paraiba.ghtml>

performance. Diferentemente do apresentador do programa, Samuka Duarte, o repórter é um homem branco, e sua atuação é determinada durante as reportagens pela cidade.

A constituição do estigma sobre a juventude periférica se determina simultaneamente com a criação do personagem-repórter; sucesso profissional e fama. São construídos através da desvantagem de uns sobre outros, neste caso, do repórter sobre a juventude pauperizada. A polêmica, sempre presente nas falas do repórter, deixa o estúdio de gravação do programa e caracteriza a grotesca persona desumanizadora de corpos jovens e negros.

É importante entender estigma através da definição de Goffman (1975):

Enquanto o estranho está à nossa frente podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...]. Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande”. (Goffman, 1975:12)

Os mômís, deste modo, funcionam enquanto antítese da ordem normativa de uma racializadora biopolítica¹⁰ de Estado, tendo em vista as correlações ou *afinidades* eletivas¹¹ entre a moral liberal presente antes mesmo da abolição da escravidão, e as famosas políticas de embranquecimento social associadas aos micropoderes e dispositivos historicamente datáveis¹².

1.6 A disseminação do termo

É importante salientar que o termo mômí enquanto elemento linguístico disseminado pelo Programa Correio Verdade funciona enquanto plataforma, hiperlink, agremiação de encontros virtuais no site de relacionamento Facebook. O

¹⁰ Foucault, M. *Microfísica do Poder*. 15ª ed., Rio de Janeiro, Graal, 2000.

¹¹ WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

¹² Alguns desses dispositivos e instituições, como, por exemplo, o Código Penal com base racial do médico legista Raimundo Nina Rodrigues, pode ser lido em: SCHWARCZ, Lilian Moritz. *O Espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

“batismo midiático” promovido pelo PCV possibilitou que jovens de diferentes localidades periféricas se encontrassem identitariamente a partir dos sinais da sociabilidade exibida no programa. Apesar de aprisionado e assujeitado¹³ pelas lentes dos programas policiais antes mesmo de cometer qualquer crime, esses sujeitos mostraram fazer uso de situações-desvio como ambiente de suspensão moral, onde falas e performances se destacam nos espaços mais democráticos e de maior circulação popular. Ao digitar a palavra na caixa de pesquisa do site Facebook encontramos a publicação a seguir.



Figura 5: Publicação em portal de notícias hospedado na rede social reportando prisão em flagrante de jovens de periferia a partir do termo mofí. Captura de tela obtida no site de relacionamento Facebook. (Acessado em fevereiro de 2017).

A imagem acima demonstra que um portal de notícias com página hospedada na rede social utiliza da categoria criada pelo Programa Correio Verdade para se referir aos jovens presos em *situações desvio*.

¹³ Misse, Michel (2010).

Atualmente, nossas cidades são caracterizadas pela diversidade de espaços e pela pluralidade social, tendo em vista processos de *complexificação e diferenciação das* chamadas *esferas* que compõem a sociedade, como problematiza Silva (2018). Segundo a bibliografia sociológica clássica a *autonomização* das esferas é simultânea à diminuição da *consciência comum*

É bem verdade que cada província tende a perder sua fisionomia distintiva, mas isso não impede cada indivíduo de adquirir cada vez mais uma que lhe é pessoal. (Durkheim 2001: 285).

Neste sentido, após a publicação do vídeo “Dança do môfi” com mais de quarenta e três mil visualizações no site *youtube*, outros vídeos foram publicados tratando da mesma temática: a juventude periférica de João Pessoa.

Pergunta: Se você tivesse que identificar uma figura na rua, que você achasse que iria te assaltar como descreveria fisicamente?

Resposta: Primeiro eu iria olhar pra trás, já ver se era o meliante. Na hora que eu perceber que tá me seguindo, se ele fizer alguma coisa que é suspeito, eu vou desconfiadamente pro outro lado da rua como se fosse normal, eu vou andando um pouco mais rápido. **Pergunta:**

Você sabe o que é môfi? **Resposta:** Sim. **Pergunta:** Tu tem medo de môfi?

Resposta: Tenho. Principalmente com Nike verde. **Pergunta:**

Se você tivesse que dizer como um môfi se veste. **Resposta:** Nike verde, bermuda principalmente da Maresia, camisa a mesma coisa, entra sempre no ônibus cantando música de violência. (Entrevista realizada no centro de João Pessoa. Fevereiro de 2016).

A proximidade com a audiência se torna uma das estratégias dos programas do meio dia no que diz respeito não apenas à manutenção da fidelidade do público, mas, sobretudo ao feedback a partir do qual a produção precisará para delinear o seu estilo, determinando o que deve ou não ser veiculado.

No debate sobre cultura de massa, estes programas se enquadram na definição de Eco (1993) de que um produto é pensado e arquitetado com o objetivo de reproduzir o conhecimento e os valores de um público. Apesar de composto por um grande número de pessoas, este grupo possui traços muito específicos; inerente a sua sociabilidade, cultura e condição socioeconômica e um certo sentido de

exclusão do mundo da respeitabilidade que programa e reportagens buscam enfatizar.

Os estudos de recepção realizados a partir das *etnografias da hora do almoço* demonstraram que, ao mesmo tempo em que as mortes se transformam em “notícias bizarras” nos *programas do meio dia*, os comerciantes do Mercado Central reabsorviam-nas e, na medida em que tais execuções eram televisionadas, ou seja, *reificadas* pela via midiática, agiam como se através daquela informação a população se conformasse, acalmasse, encontrasse uma resposta justa que explicasse o ocorrido.



Figura 6: Jovens de periferia gravam vídeo da “dança do môfi”. Captura de imagem capturada do site youtube.com, postado em 8 de fevereiro de 2011. (Acessado em 9 de outubro de 2017).



Figura 7: Jovens dramatizam na internet características sobre os tipos de môfis. Fonte: Youtube.com

Sobre este fenômeno, podemos pensar seguindo Giddens (1984):

Analisar a estruturação de sistemas sociais significa estudar os modos como tais sistemas, fundamentados nas atividades cognoscitivas de atores localizados que se apoiam em regras e recursos na diversidade de contextos de ação, são produzidos e reproduzidos em interação. GIDDENS (1984:30).

As noções presentes em determinada esfera ou campo se expandem adentrando outros ambientes sociais. Assim, o môfí – enquanto tipo social com representação midiática, coloniza ambientes reais de nossas sociedades, não necessariamente pela experiência que os indivíduos desta sociedade tiveram com estereotipo social, mas, pelas noções compartilhadas através da mídia de massa.

1.7 Mídia de massa e a difusão de descrições morais

Para Mauro Koury (2002:99), o medo é uma construção social de sentidos imprescindível para se pensar os processos de sociabilidades e de formação dos instrumentos da ordem e da desordem em um meio social qualquer. Por este

caminho, através de uma genealogia dos termos adjetivos de classificação de menores infratores (punguista, trombadinha etc.), Alessandra Teixeira (2014) problematiza a representação do crime nas cidades brasileiras ao abordar o protagonismo ou a sujeição dos jovens de São Paulo na criminalidade urbana. A autora argumenta que:

Erigido como algoz, principal responsável pela escalada da violência urbana e ao mesmo tempo como principal “vítima” de um processo de exclusão, marginalização e extermínio, o menor manteve-se no epicentro da desordem urbana a esse momento, sendo a extenuação de seu processo de sujeição o que acabou por convertê-lo na figura potencial ou acabada do delinquente. TEIXEIRA, (2014:4).

Lugares físicos e midiáticos entendidos enquanto “espaços de cidadania”¹⁴ mostraram-se, pois, enquanto *arenas interacionistas*, onde os diversos tipos sociais que constituem a cidadania (ou subcidadania) de nossa sociedade realizam e elaboram suas trocas.

Foi possível observar que, além dos estereótipos de classe, figuras e iconografias desses jovens são transformados em *memes*¹⁵.

Sobre *mimesis*, Elias e Dunning (1992:125) definiram enquanto as emoções e os sentimentos desencadeados por elas estão relacionadas com as que se experimentam em situações da “vida real” “transpostas apenas e combinadas com uma espécie de prazer”.

Assim, foi observado que o lugar social do desvio caricaturado e mimetizado de maneira massificada pelo Programa Correio Verdade funciona enquanto dispositivo estético que aciona elementos simbólicos de classe e raça traduzindo códigos linguísticos e classificações que diferenciam os jovens da subcidadania submetidos à produção do estigma. Através das redes sociais, foi possível perceber elementos de identificação social e reconhecimento melhor discutidos no segundo capítulo.

¹⁴Durante a pesquisa foram selecionados alguns espaços da cidade enquanto: *espaços de cidadania* por apresentar fluxo diversificado de pessoas. Dentre estes: Parque Sollon de Lucena (Lagoa), shopping Tambiá, Terminal de Integração Rodoviária, Transporte público, dentre outros. Contudo, como já mencionado, a maior parte da pesquisa etnográfica se desenvolveu no Mercado Central.

¹⁵ Figuras midiáticas com práticas caricaturadas e mimetizadas – imitadas, repetidas.

1.8 Os enunciados

Bourdieu (1989, p. 93) escreve que as revoluções simbólicas são as que confundem o conformismo lógico e moral das coisas, e isto pode ser pensado acerca tanto dos discursos quanto das práticas (habitus) produzidos na vida em sociedade.

Para o autor, existem categorias próprias e inerentes a cada campo social, cada qual com a sua particularidade, de modo que o poder simbólico atua enquanto um poder que pode ser combinado ou não a outros tipos de poder, violência ou coerção: física ou simbólica.

Segundo Bakhtin (1988, p.16), a estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social, e deste modo, a enunciação só se efetiva entre falantes. A partir disto, os mômís de João Pessoa funcionam enquanto categoria social que define subcidadania através da comunicação regional e local e enquanto amálgama simbólica e de significados, no que tange às representações modernas sobre juventude, pobreza e raça.

Emerson Machado: Quinta-feira aqui na comunidade Jardim Planalto, a polícia militar, comandada pelo Tenente Sobreira apreendeu um adolescente de 16 anos e o de maior José Ivo de 19 anos. O motivo mostra aqui, Ranieri, o motivo, olha o motivo do assalto, um chapéu. Pense num mômí sem futuro, pense num mômí barato, é uma vergonha não é não, tenente? **Tenente Sobreira:** É isso mesmo, tudo começou com um chapéu, né, porém, depois que nós detivemos ele, operação pelo Cabo Josemar, a gente foi verificar, que ele tem um nome falso, mas quando a gente teve posse dos documentos e puxamos os nomes deles, é, um já era foragido da “média”, e o outro respondia por um homicídio, ou seja, elementos que já tinham passagem já, e de alta periculosidade. (Transcrição de reportagem transmitida pelo programa Correio Verdade. João Pessoa. fevereiro de 2012).

Analisamos a transcrição acima e a partir da análise do discurso, o modo como as falas emitidas pelo programa policial Correio Verdade criam sentidos repetitivos de enunciação. Esses discursos se cristalizam em bordões, alegorias

estéticas, verdadeiros objetos midiáticos que se relacionam diretamente com nosso repertório social. A ideia de filho está associada à compreensão histórica da construção da linguagem que hoje desempenhamos, tendo em vista as representações de nossa sociedade sobre casa, rua, privado e público como informam as Ciências Sociais¹⁶ perpetradas no Brasil.

Emerson Machado: “Não môfí, primeira vez não, com essa habilidade? É de Mandaca (bairro Mandacaru), né? **Adolescente:** É. **Emerson Machado:** Lá do beco de Zé Borges? **Adolescente:** É de Zé Borges não, é lá na Travessa Rodrigues Alves. **Emerson Machado:** Vige, môfí, lá é perigoso. E cadê o parceiro? E a arma? **Adolescente:** Que arma? Tem arma não! **Emerson Machado:** Conhece Véinho? Lá de Mandacaru? **Adolescente:** Conheço, mas se eu pegar ele eu só lamento. **Emerson Machado:** Você matou um, num foi, môfí? **Adolescente:** Eu não matei ninguém não. **Emerson Machado:** Você tá sendo acusado. **Adolescente:** Eu sou acusado, mas ninguém matou eu não. **Emerson Machado:** Mas, você não mataram ainda não, môfí ainda tá vivo. Môfí, desse tamainho, môfí. Vá estudar! **Adolescente:** Ôxi, tá massa. (Transcrição de reportagem transmitida pelo Programa Correio Verdade. João Pessoa. Fevereiro de 2016).

A transcrição acima demonstra o caráter moral da abordagem do programa ao conversar com o adolescente preso, identificando o endereço do adolescente chegando até mesmo a prever e alertar o garoto sobre um de seus possíveis destinos – a morte, quando Emerson Machado diz: “*mas, môfí não mataram ainda não*”. O final da entrevista é marcado pelo: “*tá massa*” do garoto que parece não possuir mais respostas para oferecer ao repórter.

Segundo Foucault (2012:34) “o enunciado é um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar”. Deste modo, a linguagem utilizada pelos programas do meio dia funciona articulando elementos simbólicos – signos de uma identidade periférica.

¹⁶DaMatta, Roberto. A casa & a rua. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.



Figura 8: Programa Correio Verdade sendo transmitido ao vivo no horário de almoço em barraca.

Mercado Central de João Pessoa. Agosto de 2016.

As notícias e seus sentidos morais são transmitidas ao meio dia com música eletrônica dentre outros ruídos de fundo somados às imagens grotescas que compõem a bricolagem estética desse tipo de produção audiovisual. Essa composição nos diz algo sobre a modernização que se desenvolve no Brasil. Pós-moderna para alguns, esse tipo de produção imagética parece somatizar traços da nossa barbárie moderna¹⁷ com o que alguns teóricos da modernidade como Benjamin (1933) e o próprio Giddens (1991) apontam enquanto as "*consequências*" do projeto de modernidade.

Uma miséria totalmente nova abateu-se sobre o homem com esse desenvolvimento monstruoso da técnica. A nossa pobreza de experiência mais não é do que uma parte da grande pobreza que

¹⁷ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. (1985), *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar Editores.

ganhou novamente um rosto tão nítido quanto o do mendigo medieval. Qual o valor de todo nosso patrimônio cultural quando a experiência já não o vincula a nós? A (nossa) pobreza de experiências não é uma pobreza particular, mas uma pobreza de toda a humanidade. Trata-se de uma espécie de nova barbárie. (BENJAMIN, 1933).

É necessário, portanto, discutir a modernização no Brasil, sobretudo, quando esta toca em problemas sociais históricos, tornando necessárias críticas acerca da reprodução da desigualdade em seus meandros e interfaces com marcadores de classe, raça, gênero e geração, dentre outros, que se perpetram a partir do “projeto ocidental”¹⁸.

Deste modo, os programas policiais no Brasil, a exemplo do Correio Verdade, constituem-se enquanto principais aparelhos técnico-ideológicos de disseminação e reprodução dos discursos que reificam desigualdades materiais e simbólicas em nossa sociedade. Foi observado, a partir da análise dos discursos produzidos pelo programa, que as categorias utilizadas nos atos de fala¹⁹ produzem dialogicamente e se comunicam com formas do que se espera ser a maneira moralmente aceita pelos espectadores. Durante as etnografias da hora do almoço percebeu-se que a interação desenvolvida pela audiência é algo poderoso para garantir o aval do conteúdo televisionado, na medida em que produz uma aproximação do público presente enquanto: um nós de honesto e decente, em oposição aos criminosos.

As produções televisivas concorrentes do Programa Correio Verdade como, por exemplo, o Programa ‘Aqui na Clube’ conta com a participação ao vivo dos telespectadores online. Estes, por sua vez, enviam seus comentários, opiniões e fotografias de si junto aos aparelhos televisores sintonizados no respectivo programa.

Durante a programação e a transmissão das reportagens, o repórter lança seus bordões e músicas para as chamadas das próprias reportagens. É necessário perceber como a atuação do repórter, para além do teor moralizante do programa,

¹⁸ Jessé Souza (2006) problematiza o modo como os elementos constitutivos de uma cidadania forjada nos países pioneiros em modernização são transplantados para outras sociedades como se fossem “artefatos prontos”.

¹⁹ AUSTIN, John L. Quando dizer é fazer: palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

tem um papel fundamental no sentido de criar classificações sobre a vida, sobre como deve ser a sociedade. Existe de fato um protagonismo na atuação dessa figura midiática. A pobreza e o não-sucesso da juventude periférica consistem na “matéria-prima” da performance do repórter no programa e o termo de classificação criado é, a partir de então, a sua “marca”, seu diferencial jornalístico.

Deste modo, as categorias sociais disseminadas pelos meios de comunicação de massa como, por exemplo, o termo mômí, funcionam enquanto representações sociais modernas que colonizam o imaginário da cidade, construindo, portanto, ideias caricaturadas e distanciadas²⁰ sobre a os mais pobres. Essas construções imagéticas e morais estão estritamente relacionadas aos modos de distribuição dos bens materiais e simbólicos²¹ de uma sociedade, interferindo, portanto, na produção dos sentidos sobre a desigualdade que se reproduz e retroalimenta através dos aparelhos ideológicos e técnicos da modernidade.

Segundo Boltanski e Thévenot (1991; 1999), a classe dominante busca implementar uma composição discursiva que inclua as “ordens de grandeza” através do esforço de justificação. A “cité civique” (cidade cívica), que tem os valores da coletividade e da democracia; e a “cité industrielle” (cidade industrial) com seus da ciência, tecnologia e eficiência, incluindo também a “cité de l’opinion”, (cidade da opinião), de modo que a reputação e o reconhecimento dos atores sociais da dinâmica desempenham ações necessárias.

Ainda sobre as emoções instauradas por estes processos de diferenciação e complexificação sociais na modernidade, observa-se que as figuras estéticas e mimetizadas pela técnica dos aparelhos modernos de comunicação instauram o distanciamento blasé²² inerente ao processo de modernização que vivemos.

A articulação discursiva do repórter contribui tanto para com a definição do estilo do programa, quanto para a constituição de sua particularidade como repórter. É a partir destes diálogos, mediatizados, assimétricos e também previsíveis que se

²⁰ BOLTANSKI, Luc. (1993).

²¹ BOURDIEU, Pierre. (2004), “Espaço social e poder simbólico” in P. Bourdieu, Coisas ditas, São Paulo, Brasiliense

²² SIMMEL, George (2005).

desenvolve a dialética moral e programada sobre o conflito social onde se baseia o programa televisivo.

Conquistando cada vez mais a receptividade no público e utilizando-se de artifícios para mobilizar este público, estes programas acabam garantindo uma espécie de álibi popular para a exposição sem limites das condições de vida de uma camada da sociedade estigmatizada e vulnerabilizada como verificou Romão (2013).

Situações-desvio são filmadas e televisionadas²³, mostradas como se fossem a única expressão possível no restrito universo de possibilidades dos meninos pobres. Logo, observou-se primeiramente o tipo de interação verbal e as condições concretas nas quais se realiza a linguagem enquanto método para análise do discurso. Posteriormente consideraram-se os *atos de fala* para então entender o termo além da sua forma interpretativa habitual.

1.9 Cultura militar e mídia de massa.

Umberto Eco (1993, p. 46) acredita que não se pode pensar a sociedade moderna sem os meios de comunicação de massa. Deste modo, os programas policiais, amplamente difundidos no Brasil, encontram amparo histórico em produções radio televisivas, mas também numa base cultural que tem nas figuras tanto do coronel quanto do tenente elementos semióticos e familiares.

A sociologia nacional possui estudos sobre a expansão do capitalismo, durante o regime militar (Ortiz, 1995, p. 153), associado à distribuição e consumo da cultura popular de massa através do rádio. A experiência autoritária não se restringiu aos ditames coronelistas. Desde o período regencial com a participação dos *marechais*; atravessando o momento histórico que data a República Velha, perpassando o Regime Militar, até os dias atuais com a entrada do exército sitiando

²³O programa rebate ao vivo críticas e processos aos quais responde judicialmente sobre desrespeito aos direitos humanos “A larga maioria exposta à execração pública, na mídia-circo, é constituída de pessoas pobres (homens, mulheres, jovens e idosos) negros, homossexuais, idosos, mulheres, e outros segmentos “marginalizados” advindos das camadas mais humildes, provenientes de favelas, cortiços; de bairros pobres e cidades periféricas da Paraíba”. Notícia fornecida pelo site: <http://blogln.ning.com/forum/topics/acp-a-o-civil-p-blica-contra-sistema-correio-da-paraiba-e> em 15 de junho de 2015.

a cidade do Rio de Janeiro ²⁴ e a reinserção de militares na administração ministerial do Executivo Federal na atual gestão Temer, é notório que essas figuras militarizadas estão inseridas no *modus operandi* do fazer político brasileiro.

Com Vitor Nunes Leal (1976), observamos na figura do coronel enquanto influente poder na constituição política dos municípios brasileiros estendendo-os aos mandatos estaduais e presidenciais. Conciliando a lógica privatista do poder dos donos de latifúndios do interior do país com o *voto de cabresto* determinante nas eleições que se inauguravam em nossa república, a figura do coronel desempenhou considerável influência em nosso recente passado político republicano.

Através das transcrições de entrevistas realizadas pelo PCV foi possível observar um apelo às figuras policiais que participam ativamente dos quadros do programa. Figuras sempre presentes nas *situações-desvio*, além do caráter coercitivo que assumem historicamente através da violência física praticada até os dias atuais, somam-se à violência de Estado impingida aos indivíduos à margem da cidadania e ao racismo institucional de um Brasil com recente passado escravagista.

Neste momento, o peso de violência histórica dos militares observado na constituição da sociedade brasileira recai simbolicamente na interpretação do jogo cênico promovido pelos programas policiais ante as prisões de pessoas em flagrante, donde se vê a vinculação imediata da moral positiva aos agentes policiais que transborda para os repórteres através de uma interação sempre amistosa e cordial entre estes. Esta cordialidade é negada pela animosidade dispensada às pessoas conduzidas ao cárcere.

É notório que as abordagens realizadas por policiais e repórteres dos *programas do meio dia* antecipam, a partir de categorias prisionais, a experiência carcerária e de morte na qual a ideia implícita é: “*você não é um sujeito, você está morto*”, o que pôde ser verificado por análise discursiva da fala de Emerson Machado.

Não obstante a condição de subcidadania que circunscreve indivíduos em *guetos*, como define Wacquant (2004:157), junto com a suposta participação em crimes, desativa simultaneamente o sujeito do mundo da cidadania, enquanto que

²⁴ <https://exame.abril.com.br/brasil/temer-autoriza-intervencao-do-exercito-no-rio-de-janeiro/>

aos empreendedores do grotesco e à polícia compete apenas o “serviço à sociedade” por meio das abordagens dos inquisidores morais que *assujeitam* o indivíduo a ser “corrigido”.

O crime, portanto, desativa a agência na abordagem policial ou jornalística desproporcional, nas quais adolescentes e jovens são rebaixados moralmente antes mesmo de julgados judicialmente. Nessas abordagens, a esfera judicial raramente é mencionada enquanto que a exaltação métodos punitivos²⁵ revela a forma da tática política em exercício.

1.10 Etnografias da hora do almoço: Os programas do meio dia a partir do mercado central de João Pessoa

Enquanto o Programa Correio Verdade é transmitido em aparelhos de televisão nas *barracas do almoço*, expectadores comentam as notícias simultaneamente. Dona Maria, uma das donas das barracas de almoço, comenta a morte de um jovem na mesma rua de uma conhecida sua no bairro Alto do Mateus, em João Pessoa.

“Pia só, na rua de Rose”.

²⁵ FOUCAULT, Michel (2009).

A leitura semiótica da sequência de barracas enfileiradas e sintonizadas nos programas do meio dia informa no primeiro contato com o campo da pesquisa a hegemonia desse tipo de produção televisiva.



Figura 9: Trabalhador assiste ao programa policial no horário de almoço. Fotografia realizada no Mercado Central de João Pessoa durante pesquisa de campo. (Agosto de 2016).

Para Sodré (1984: 54), a forma televisiva *simula operacionalmente o mundo*, de modo que o mundo documental ou fictício reproduzido é um modelo, um simulacro, para o sistema reprodutivo. Este ponto é interessante para refletir sobre a representação da pobreza e dos dilemas da subcidadania no Brasil contemporâneo pelos meios de comunicação de massa, o sofrimento distanciado e a morte enquanto matéria-prima do produto elaborado pelo meio televisivo.

Foi, portanto, pela proximidade com a subcidadania, que estes programas se tornaram ponto de partida para o entendimento sobre os sentidos que essa população elabora sobre si. Ao mesmo tempo em que são produtos dos programas, esses indivíduos também são sujeitos, e por isto o mercado central da cidade, isto é, a feira, se constitui enquanto um dos ambientes para investigação empírica sobre os modos como grande parte dos pessoenses produzem sentidos coletivos sobre seu lugar, a partir da subcidadania e sobre a cidade.

São muitos os sons do lugar, além do burburinho próprio da feira e do fluxo dos carros que cruzam constantemente as avenidas que circundam o mercado nos quatro sentidos. Também tocam músicas populares e o barulho de todas as tevês ligadas transmitindo algum dos programas do meio dia. Os programas, por sua vez, se assemelham aos produtos vendidos no mercado, à carne fresca exposta, recém-abatida na hora do almoço. No balcão e na tevê são produtos de fácil acesso.

O dono da barraca na qual almocei em um dos dias de observação troca o canal enquanto justifica dizendo:

“Samuka fala demais”.

Em seguida, sintoniza em outro programa policiaisco, o ‘Cidade e Ação’, que conta com a participação dos expectadores através de mensagens instantâneas online. Enquanto a notícia é transmitida na televisão observo os transeuntes, alguns homens portam sinais diacríticos específicos, que por sua vez são exibidos com ênfase pelas câmeras pela televisão. Observo muitos bonés com o ícone da marca Nike, assim como as tatuagens com desenhos de peixes-carpa, o símbolo da Nike e também o massificado de bonés com o símbolo aponta para relação com mercado do tráfico de drogas na cidade²⁶.

O Mercado Central demonstrou abarcar uma complexidade de trabalhadores e tipos sociais que cotidianamente por ali circulam e vendem seus produtos, na região do centro da cidade. Composto por uma pluralidade de atores sociais o mercado, se mostrou enquanto ambiente dinâmico e protagonizado por brasileiros

²⁶ Foi constatado, através da pesquisa, que os bonés da marca Nike são utilizados por alguns jovens que fazem parte da facção Okaida,

feirantes dotados de grande simpatia e eloquência comunicativa. Presenciar este lugar possibilitou algumas reflexões sobre a subcidadania e seus sentidos.

Gilberto Velho (1994) escreve que:

Na grande metrópole contemporânea, encontramos não só um maior número de papéis e domínios, como evidentes discontinuidades e contradições entre estes. Família, trabalho, religião, lazer, opções políticas, entre outros, configuram um campo de possibilidades em que atores individuais se movem, mais ou menos impelidos ou pressionados, mas com uma gama básica de alternativas e opções. (VELHO, 1994:68)

No início do trabalho de campo, a ausência de um roteiro preestabelecido sobre a maneira como iria abordar os *batalhadores da feira*, tendo em vista que a priori tratava-se de uma etnografia *flâneur*, caracterizou uma pesquisa sem ambições metodológicas mais pré-estabelecidas. Por se tratar de um local de compra e venda de produtos a relação: trabalhador/ consumidor estava dada a todo o momento o que resultou na frequência ao Mercado Central da cidade durante os meses de junho, julho e agosto no horário de almoço.

Entre onze e quatorze horas permaneci na barraca de Dona Maria que servia salada de acompanhamento ao prato feito com duas opções de carne custando oito reais. A fotografia do corredor de mesas e cadeiras vistas da perspectiva de onde almoçava todos os dias mostra ao fundo os jovens de periferia conhecidos por mômís na cidade. Muitos deles são os filhos dos *batalhadores da feira* e auxiliam seus pais nos afazeres diários.

Enquanto permaneço no lugar, os rapazes estão conversando, assistindo algo no computador, saindo e voltando de moto, em constante movimento. A proximidade dificultada pela minha condição de pesquisadora jovem definiu o olhar que seria possível escolhendo aquele lugar enquanto campo da pesquisa. Durante o tempo que realizei etnografias no Mercado não presenciei nenhuma situação-desvio ou prática criminosa no lugar. A presença daquele grupo de jovens integrava o espaço de maneira harmônica e sem gerar maiores conflitos diferentemente, por exemplo, das situações observadas no transporte público da cidade.

Observou-se que o disciplinamento moral acontece também na opinião pública e não apenas nos dispositivos de criminalização do Estado, aproximando-se do argumento de Alessandra Teixeira (2014:4) ao abordar o modo como o problema da criminalidade urbana e da violência desde as décadas 1970-80 passou a ser imputado ao menor. As imagens e estereótipos de classe e raça colonizam os espaços de socialização na cidade, condicionando e interferindo nos diálogos e assuntos pautados pela população local.

Apesar do estigma imputado pelo *mass media*, não é objetivo deste trabalho afirmar que os môfis de João Pessoa constituem um grupo homogêneo ou coeso de jovens envolvidos com o chamado “mundo do crime”. Para uma melhor compreensão analítica é importante defender que môfi é um termo genérico, ou seja, amplamente difundido pela mídia de massa local na cidade para classificar jovens periféricos. Os môfis exibidos pelo Programa Correio Verdade, nem sempre são os mesmos môfis que se autointitulam nas páginas do Facebook. Entretanto, a noção de pobreza se fez presente na maioria das falas capturadas pelas entrevistas com os *transeuntes do centro*²⁷ sempre associadas à prática de desvios ou à pobreza.

É importante perceber a violência associada à juventude periférica no Brasil enquanto processo e observar a partir do desvio as formas de representação da criminalidade em nossas cidades. Alessandra Teixeira (2014:4) afirma que foi em torno da “trombadinha” que os discursos, tanto oficiais como do senso comum, armaram o problema da criminalidade e da violência nos anos 70 e 80, inspirando, como reação ao medo difuso que esse personagem suscitou, formas ainda mais violentas de seu enfrentamento e sua solução – do linchamento às execuções sumárias.

A construção dessas categorias em torno de grupos sociais assemelhados ao longo do tempo indica a existência de uma tendência que pôde ser compreendida a partir do campo da pesquisa um pouco dos processos que se formam ao longo de uma vida, mesmo que essas vidas não sejam tão longas nem tão livres assim. Que

identidades e disposições os indivíduos acionam e que instâncias sociais constituem sua experiência e expressão na vida em sociedade a partir do lugar social da subcidadania.

Segundo Howard Becker (2008:15) o ato criminoso não é criminoso em sua essência, mas sim a partir da interação social que transforma os jovens e adolescentes da periferia na classificação genérica: *môfi*. O *môfi* é *môfi* antes mesmo de cometer o desvio²⁸ pois, nasce *môfi*, em um lugar social predeterminado através de sua origem racial e social na subcidadania. Os espaços públicos e privados; a rua; a cidade e a cidadania parecem não estar disponíveis e são negados veemente a esses indivíduos. A interação observada em *situações-desvio* e a partir das entrevistas com pessoas comuns que habitam João Pessoa foram imprescindíveis para inferir esta hipótese: o desvio ou, a possibilidade de desvio é, senão, o que há de mais constitutivo na identificação desses e entre esses jovens.

Norbert Elias & John Scotson afirmam que

Essas cenas recorrentes eram o sintoma de uma situação de conflito que existia não apenas em Winston Parva, mas nas sociedades com centros urbanos especialmente grandes. Eram sintomáticas da guerrilha quase incessante que costuma travar-se entre os setores estabelecidos dessas sociedades da nova geração. O cinema servia de ponto de encontro para multidões de adolescentes, que eram particularmente afetados pelo fato de sua sociedade não lhes oferecer papéis claramente definidos. Eles haviam ultrapassado parcialmente seus papéis infantis, porém muito ainda não se enquadravam - e alguns, provavelmente, nunca se enquadrariam - em nenhum dos papéis prescritos para os adultos. ELIAS & SCOTSON (2000:139).

Diante disto, é importante frisar que não constituem o foco principal deste trabalho as chamadas: economias criminais, porém, é necessário mencionar os julgamentos morais elaborados pela opinião pública sobre as trajetórias do grupo estudado. Considerar, interpretar e relacionar as categorias do universo considerado

²⁸ Para compreender o conceito '*desvio*' é necessário entender determinadas ações sociais na perspectiva de Howard Becker e relativizar noções morais de certo e errado. Becker, Howard S. 2008 [1963]. *Outsiders*. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar.

enquanto do desvio pela normatividade pessoense, foi, portanto, indispensável para entender os sentidos dessa juventude.

O *flâneur*, como Benjamin se identificava, possui semelhanças com o *storyteller* de Arendt. Sobre isto, Matos (2003) argumenta que:

“O homem da massa é um desolado, desolado, sem solo, sem chão, sem lugar de pertencimento no mundo (...) A narração retém do passado algo de perturbador face ao torpor do presente. O narrador arendtiano, como o flâneur baudelairiano, possuem algo do visionário, do vidente e da fala oracular, sabedoria tecida na substância da existência”

Hannah Arendt (1999), assim como, Walter Benjamin, possuíam formas narrativas próximas de descrever a realidade das massas urbanas.



Figura 10: Sequência de cadeiras e mesas frente às barracas para almoço. Fotografia realizada no Mercado Central de João Pessoa. Agosto de 2016.

A banalidade do mal de Arendt, se relaciona, portanto, com a incapacidade dos indivíduos das sociedades modernas questionarem regras, e refletirem sobre suas ações. Arendt argumenta, ao falar sobre a banalidade do mal, acerca do surgimento de “chavões repetitivos e vazios de reflexão” próprios da modernidade autoritária. Ainda, acrescenta que a banalidade do mal diz respeito à incapacidade das pessoas em distinguirem em suas ações sobre o bem e o mal, tornando-se apenas legislador moral de si mesmo. De maneira articulada com as principais mudanças, sociais, culturais e econômicas da realidade brasileira a televisão de massa narra e seleciona a moral a ser instituída.

Diante disto, observamos que a literatura alemã da teoria crítica, indica alguns caminhos interpretativos acerca dos pressupostos do totalitarismo, da obediência militar, e dos meandros que a modernidade autoritária implementa na vida em sociedade. As rupturas com o tradicional e o surgimento de uma massa de indivíduos que passam a se relacionar a partir de novas formas de filiação, associação e identificação.

CAPÍTULO II:

MÔFÍ: A (DES)CONSTRUÇÃO DE UM ESTEREÓTIPO

Em busca de compor um quadro analítico a partir de uma sociabilidade estigmatizada, o presente capítulo se debruçou numa sociologia que se fundamenta na cidade enquanto campo a partir de etnografia urbana, análises situacionais, entrevistas e pesquisa na internet e em redes sociais.

No capítulo anterior, foi analisado o modo como a pobreza vivida na cidade é produzida e difundida de maneira degradada através dos programas de gênero *policialesco* Correio Verdade, como classifica Edgar Rebouças (2009) ao associar a este produto da indústria cultural o caráter cômico e grotesco das abordagens jornalísticas, revestidas da temática policial.

A juventude considerada desviante nos por grande parte da população da cidade é conhecida e tipologizada socialmente pela palavra: môfí. Na mesma medida em que ocorre este fenômeno de nomeação, um repórter exclusivo do programa *policialesco* de maior audiência do estado, se autointitula: môfí.

Assim, os elementos de identificação entre a população de jovens inserida no que Jessé Souza (2006) definiu por *subcidadania* ganham ampla repercussão quando difundidos pelas emissoras de televisão.

A partir deste momento do texto, o presente trabalho se aterá a analisar lugares e situações onde a identidade dos môfí se determina. A fim de obter melhor clareza analítica, o fenômeno de disseminação do termo será diferenciado a partir de “lugares de fala” distintos. Sendo o primeiro, portanto: i- quando pelos cidadãos de João Pessoa – (configurando em um processo social de *figuração* na produção de *estigma*), e, ii- quando manifestado pelos jovens da subcidadania constituindo na autoafirmação da identidade periférica môfí, um dos elementos empíricos centrais de nossa análise sobre luta por reconhecimento.

2.1 Desvio, criminalidade

Para Becker (2008:27) *desvio* não é uma qualidade que reside no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete um ato e aquelas que reagem a este ato. Assim, considerando que *môfi* é o resultado de um processo através do qual os jovens de periferia de João Pessoa foram intitulados midiaticamente sob o prisma do desvio²⁹, Becker (1963/2008), este trabalho buscou delinear expressões e sentidos de uma juventude estigmatizada.

Vigiada em demasia, a sociabilidade desses jovens se apresenta pelos espaços da cidade de modo que as os traços específicos desta experiência coletiva constituem a atmosfera de *lugares e não-lugares* (Agier, 2011), *margens e fluxos* (Hannerz, 2011), do espaço urbano.

Em defesa do método materialista histórico-dialético, Karl Marx diz que precisamos rejeitar qualquer receita ou esquema e começar pela definição real de nosso “material histórico”, como resgata Giddens (1998:88).

Entretanto, ao mesmo tempo em que se inserem enquanto produtos da modernidade, os *môfis* enquanto sujeitos, engendram maneiras outras do que entendemos luta por reconhecimento moral na subcidadania.

Assim, os sentidos associados ao termo *môfi* mostraram-se tão diversos quanto sua repetição, o leva à ampliação e aprofundamento de seu sentido inicial. Algum esvaziamento do sentido literal também foi constatado. O *môfi* além do *outro* produzido pelos programas policiaiscos na Paraíba, sempre associado ao crescimento dos índices de violência, criminalidade e morte, transcende o entendimento discriminatório do senso comum. Isto é, inserido na categoria *môfi* constatou-se existir um leque de maneiras³⁰ de se perceber e de se autoafirmar *môfi*.

³⁰ A partir da pesquisa foi possível perceber que o lugar social da diferença criado pelo bordão midiático não somente aprisiona os jovens em categorias estigmatizantes. O termo, nas palavras de Bakhtin (2013) “é um produto aberto às transformações de seu tempo”, e desta maneira, elementos identitários outros além da criminalização das ações desempenhadas na subcidadania constituem pontes para a produção de reconhecimento e identificação entre esses jovens.

A experiência carcerária, por sua vez, se apresentou como parte do repertório de identificação da identidade mômí. Entretanto, é importante salientar que, por se tratar de um termo regional, popular, genérico e difuso, a incipiente conceitualização sociológica aponta para o entendimento de que o lugar social do desvio não se relaciona somente com os sentidos coletivos prisionais ou do desvio. Os caminhos urbanos percorridos pela juventude periférica brasileira hoje, apesar de hiper vigiada, são muitos, assim como a rotatividade de quem entra e quem sai dos centros de detenção. De acordo com isto, a presença da juventude negra e periférica do Brasil em centros de privação de liberdade, se mostrou, portanto, enquanto mais um lugar de interação e sociabilidade entre esses jovens e, desta maneira, é importante incluir fragmentos da experiência carcerária no campo das possibilidades desses jovens e nos estudos sociais produzidos no Brasil além dos entendimentos que a moralidade do senso comum produz sobre a sociabilidade nas cadeias do Brasil, considerando que vivemos no quarto país com maior população carcerária do mundo sendo que mais da metade desse número é composta por pessoas negras³¹.

Deste modo, na busca por uma melhor compreensão dos dados que a pesquisa informava, foi necessário transcender o entendimento objetivista das estatísticas, das matérias jornalísticas, e do senso comum. Para este fim serviram, mas não somente estas, indicadores de pesquisas, mas, sobretudo, *categorias de morte e noções de salvação*³² utilizadas pelos meios de comunicação em massa; instituições prisionais de reabilitação e redes sociais, dentre outras esferas constitutivas da vida em sociedade.

Os mômís são, portanto, figuras ambivalentes, ampliando nossa compreensão a respeito dos agenciamentos, *dispositivo* se instituições Foucault (2000); Deleuze (2005). Esta discussão trata, principalmente, de uma discussão sobre o que é produzido a partir da desigualdade entre classes no Brasil contemporâneo.

Observou-se que os mômís de João Pessoa ramificam e disseminam valores através de figuras de representação midiática no imaginário que os cidadãos³³ fazem

³¹ Mapa da Violência 2016.

³²As *categorias de morte* é um conceito utilizado para definir a repetição das noções de morte iminente presentes nas manifestações e expressões dos enunciados analisados.

³³ (Agier, 2011).

do termo. A partir da pesquisa, é possível afirmar que *môfi* é a categoria nativa pessoense para definir juventude e subcidadania. Desta maneira, foi necessário entender como o *estigma* (Goffman, 1975:15), inerente ao surgimento do termo, compreende processos e desdobramentos de elementos simbólicos que vão além do sentido estrito do termo. A *diferença* que funciona enquanto ponto de identificação para esses jovens constitui caminho primordial de análise social, tendo em vista os sinais diacríticos que caracterizam o pertencimento a determinada classe social.

O conceito de *diáspora* sugerido por Gilroy (1994) pode ser utilizado para entender narrativas dissonantes do projeto de modernidade ocidental instaurado no Brasil e incluindo narrativas históricas outras em discussão, aproveitando maneiras outras de estar³⁴ e de se fazer perceber no mundo, a exemplo das performances na luta por reconhecimento.

Deste modo, o conceito de *figuração* situa as terminologias utilizadas. É através do sentido figuracional que buscou-se ordenar os diferentes atores e experiências de pesquisa: *Empreendedores do grotesco; batalhadores da feira; transeuntes do centro; passageiros*, dentre outras:

A estimulação emocional peculiar e a renovação de energias proporcionada pelas atividades de lazer da categoria mimética, culminando numa tensão agradável, representam um equivalente mais ou menos institucionalizado face ao poder e à uniformidade das restrições emocionais exigidas por todos os tipos de ações intencionais dos indivíduos nas sociedades mais diferenciadas e civilizadas. A agradável excitação-prazer que as pessoas procuram nas suas horas de lazer, representa assim, ao mesmo tempo, o complemento e a antítese da tendência habitual perante a banalidade das valências emocionais que se deparam nas premeditadas rotinas “racionais” da vida (ELIAS; DUNNING, 1992b: 115).

A necessidade de observar esta realidade social a partir de situações que etnografia urbana possibilita torna necessário compreender a cidade enquanto arena

³⁴ Djamila Ribeiro (2014) “O que é lugar de fala”.

de disputas. O centro da cidade que abriga o comércio é também arena de disputa e constante ressignificação de elementos simbólicos que perfazem a interação entre *cidadinos e môfis*.

Em João Pessoa, etnografia urbana torna-se uma prática complexa, e por este motivo desafiador, o objeto de pesquisa que se ramifica pelo espaço urbano, pôde ser percebido através da leitura dos símbolos e da vestimenta dos indivíduos pertencentes ao grupo social pesquisado. A partir dos sinais diacríticos dos jovens de periferia denominados môfis, foi possível identificar os elementos desta identidade.

Deste modo, falar sobre a produção midiática desse ator social transcende o estudo restrito sobre os meios de comunicação de massa, perpassando discussões sobre juventude, violência, subcidadania, análise do discurso e semiótica dentre outros assuntos.

Entrevista: Cidadino 2.

“Pergunta: Tu sabe o que é môfí? **Resposta:** Môfí? Meu filho... eu sei explicar, é uma palavra que botou né. Meu filho como se fosse doidêra, intuado, tipo assim, no meu ponto de vista, num é, meu fi. Tá vendo, eu vendo óculos, ai vão comprar um óculos ai bota, ai diz: “nam, esse tá muito môfí, muito marginal mesmo, né, marginal mesmo. **Pergunta:** Tu tem medo de môfí? **Resposta:** Não, não. Que eu não devo a nenhum. Agora, lógico que a gente tem medo de que? De ser roubado né? Igual o dia aqui de terça feira, a gente sabe que vai sempre pro shopping ali, a maioria ali em cima se encontrar, e a gente sabe que né.

(Entrevista realizada com transeunte nº2: no centro de João Pessoa. Fevereiro de 2016).

A entrevista acima demonstra um pouco sobre os juízos que os *cidadinos* fazem dos môfis. Alguns elementos simbólicos, como, por exemplo, o modelo de óculos de preferência dos jovens de periferia é identificado enquanto sinal do desvio. “Marginal”. O termo môfí se apresentou enquanto uma amálgama que sobrepõe

processos sociais resultando na disseminação de um estigma, que por sua vez desencadeou um processo de identificação social a partir deste estigma.



Figura 11: Captura de tela encontrada no site google.com a partir da busca: mofi. (Acessado em junho de 2017).

2.2 A produção da diferença no espaço urbano

“A cabroeira escarninha metia-os à bulha: - Vêm tirar a barriga da miséria, párias da bagaceira, vítimas de uma emperrada organização do trabalho e de uma dependência que os desumanizava, eram os mais insensíveis ao martírio das retiradas. A colisão dos meios pronunciava-se no contato das migrações periódicas. Os sertanejos eram malvistos nos brejos e o nome de brejeiro cruelmente pejorativo. Lúcio responsabilizava a fisiografia paraibana por esses choques rivais”. (José Américo de Almeida, 1928)³⁵.

³⁵ Esse trecho do “romance social” de José Américo de Almeida é um exemplo da necessidade *figuracional* própria da análise sociológica de categorizar os grupos sociais em *tipos*. Elias e Scottson (2000) repetem os antagonismos inerentes à interface: nós/eles em “*Estabelecidos e Outsiders*”. Assim, os *môfis* de João Pessoa se apresentam enquanto antítese da ordem normativa a partir da qual se baseia a moral hegemônica encontrada

Em sociologia entendemos que os *refinamentos dos gostos* Elias (2008); a hierarquização dos modos de vida e dos costumes, dentre outras formas de *diferenciação* inerentes ao projeto ocidental de modernidade, distingue e diferencia os indivíduos tal como perceberam Elias (2008) e Bourdieu (1979), respectivamente.

Antônio Sérgio Guimarães (2002) relaciona a produção dessas classificações simbólicas com o processo de modernização social onde se inserem narrativas sobre a condição do negro ou do diferente, considerando a progressiva expansão das interações entre grupos diversificados que a cidade produz.

Através do entendimento de que pichações, formas de se utilizar do corpo, objetos e roupas estão carregados e valor simbólico (Bourdieu, 2010:9), provenientes de relações sociais específicas, os “objetos” desses indivíduos funcionam enquanto marcadores estéticos da subcidadania fornecendo *insights* sobre a interação entre indivíduos e grupos que compõem João Pessoa.

Pierre Bourdieu (2010:10) argumenta que os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto instrumentos de reconhecimento e de comunicação eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição para a integração moral. Logo, esta definição é escolhida para entender os símbolos dos mômís difundidos pelos programas policialescos.

Os sinais da sociabilidade desses meninos estão por diversos lugares. Observando a cidade foi possível identificar pichações, modos de utilizar-se do corpo e adornos, como, por exemplo, chinelos e bonés usados não somente pelos garotos, mas também, pelos outros indivíduos inseridos na condição de subcidadania. Sobre isto, o pensamento de Jessé Souza (2006:79) complementa mais uma vez o entendimento de que existe uma hierarquia valorativa na lógica das instituições.

em alguns discursos: mídia de massa, transeuntes do centro, etc. “Eu estou incluído e correto, o mômí é errado, é marginal”.

Esta hierarquia de valores se complementa com a produção de signos sociais visíveis de modo que a *eficácia legitimadora das relações desiguais* resultado do processo de naturalização³⁶ das estruturas implícitas.

Entrevista: Cidadino 3.

Pergunta: Você assiste o correio verdade? **Resposta:** Assisto.

Pergunta: Sempre? **Resposta:** Todos os dias. **Pergunta:** O que você

acha da violência em João Pessoa? **Resposta:** Eu acho que tá muito grande e que a política tem que fazer alguma coisa a respeito disso. **Pergunta:** O que ouviu falar dos môfí? **Resposta:** Que eles

só andam de Nike, só querem saber de matar, violência, essas coisas. (Entrevista realizada com transeunte nº: no centro de João Pessoa. Fevereiro de 2016)³⁷.

A partir da entrevista acima, percebe-se que a sociabilidade dos jovens de periferia produzida em João Pessoa – identidade môfí se relaciona com signos identitários que não estão em consonância com as regras da “cidadania branca” e estabelecida pelos *programas do meio dia*, tampouco pela moral hegemônica da cidade. Esses aspectos foram entendidos a partir de vestimentas e preferências pelas marcas de roupa legitimadas pelos grupos favorecidos economicamente.

Símbolos e marcas de bonés são identificados entre os jovens de periferia pela alusão à facção *Okaida* que por sua vez relaciona com os sentidos simbólicos do grupo islâmico “Al Qaeda”. As preferências por marcas, modelos de boné, músicas dentre outros meios de identificação social distingue os môfis entre si – o que complexifica a categoria de exclusão/afirmação môfí distanciando-a de um termo midiático e genérico.

No mapa a seguir, os círculos numerados demarcam os lugares por onde os meninos da subcidadania transitam no centro e são identificados enquanto môfis na região do central da cidade.³⁸ O Terminal de Integração Rodoviária (1) dá nome à

³⁶Um dos modos através do qual se dá essa naturalização foi tratado no primeiro capítulo.

³⁷ Esses conflitos devem, portanto, ser destacados tendo em vista que as categorias e noções associadas à violência, apesar de presentes nos discursos considerados normais e produzidos pelos meios de comunicação em massa estão relacionadas com marcadores raciais da diferença, (raça e classe são exemplos), e estruturados sobre a interação e sociabilidade sobre e da experiência social periférica.

³⁸ Esse dado foi possível através da pesquisa realizada no site Facebook e das entrevistas realizadas no centro.

página da rede social Facebook: “Môfi da Intregação”, enquanto que o Tambiá Shopping (2) foi palco dos “Rolêzinhos” e das manifestações *antirracismo*³⁹ na capital.

Os resultados da pesquisa de campo foram obtidos através de uma sociologia com traços de uma etnografia *flâneur* e na perspectiva dos vencidos proposta por W. Benjamin. Tal como propõe Agier (2011: 49), buscou-se compreender a cidade sobre os “sobre os ombros” dos cidadãos.

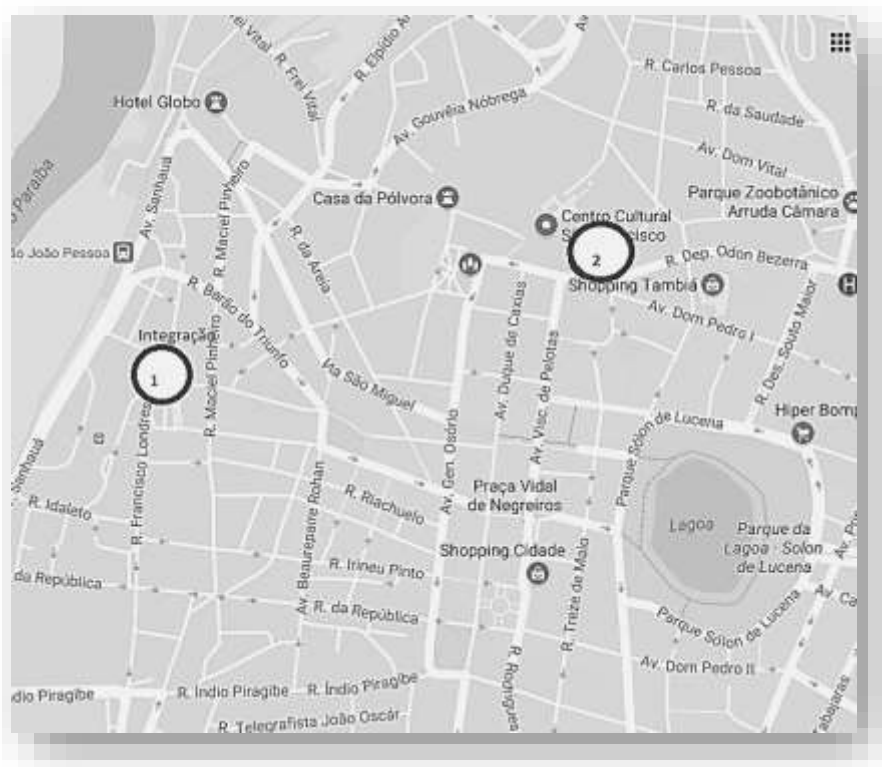


Figura 12: Captura de tela obtida através do *google.maps*. Recorte do mapa da região do centro de João Pessoa. (Acessado em fevereiro de 2016).

A página na rede social Facebook, intitulada “Eu sou môfi”, inspirou o título deste trabalho de dissertação pela utilização do vocativo pelo repórter Emerson Machado no Programa Correio Verdade ao dar voz a uma identidade periférica.

Tendo em vista que em uma sociedade onde os encontros face a face se tornam, a cada dia, mais dificultados pelos entroncamentos e bifurcações da cidade,

³⁹Mais uma reportagem sobre o ato: http://www.jornaldaparaiba.com.br/noticia/115140_shopping-fecha-portas-mais-cedo-por-conta-de-protesto

através da pesquisa, foi notório observar alguns obstáculos materiais. O valor da tarifa de ônibus foi um fator observado que determinava o acesso dos jovens de periferia ao transporte público da cidade. Somado à excessiva vigilância dos espaços públicos e privados que constituem o cenário urbano, e que inclui o transporte público, a rede social Facebook se mostrou enquanto alternativa metodológico e “lugar” para e de encontro dos jovens de periferia, tornando viável o campo da pesquisa, principalmente, por disponibilizar em plataforma online fatos, eventos e diálogos dos meninos denominados môffs⁴⁰. A coerção social e policial também se mostrou enquanto impeditivo de encontro entre os jovens de periferia em alguns ambientes da cidade.

Constatado que a circulação e sociabilidade destes grupos de jovens, não homogêneos, apesar de genérico pela nomenclatura estudada, quando nos ambientes da cidade, se caracterizam por encontros fluidos e sazonais, de maneira que a perseguição e estigma impelidos a esta juventude em nossa sociedade torna a atividade da pesquisa, muitas vezes, arriscada, devido à hostilidade presenciada, por exemplo, nas etnografias urbanas realizadas. O risco da pesquisa se dá pela aproximação com o grupo pesquisado, pois, como foi citado em momento anterior do texto, esta parcela da população está inserida em situações cotidianas de desrespeito aos direitos humanos, e a sua própria integridade física. Em algumas situações rotineiras urbanas, é possível encontrar esses jovens sendo abordados, revistados, e levados por equipes de policiais militares. Em alguns momentos sem praticar delito algum, os jovens de periferia são retirados e constrangidos dos ambientes da cidade com ampla circulação de pessoas, como praias, shoppings centers e nos ônibus do transporte público.

O site de relacionamento Facebook tornou-se um dos campos da pesquisa por abrigar, de forma permanente, a interação entre a juventude periférica através das páginas intituladas: “Eu sou môff”; “Môff no face” e “Môff da Intregação”. Como observado, os nomes das páginas informam, no primeiro momento, fragmentos de uma identidade de grupo que apesar de periférica, se relaciona completamente com

⁴⁰Quando comparadas às entrevistas com esses jovens, as publicações online forneceram espontaneidade, diferente do constrangimento gerado em outras abordagens e considerando que os enunciados online, contendo expressões morais e respostas ao estigma da juventude periférica, se tornaram mais úteis pra com a análise proposta no presente trabalho.

mecanismos midiáticos, urbanos e contemporâneos de nossa sociedade. “Intregação” presente no título da página online estudada, diz respeito ao espaço físico do Terminal de Integração do transporte público situado no centro da cidade, lugar de encontro dos ônibus de todos os bairros de João Pessoa e da região metropolitana, um *não lugar*, na definição de Augé (1994).

“Se, por um lado, os “não lugares” permitem uma grande circulação de pessoas, coisas e imagens em um único espaço, por outro transformam o mundo em um espetáculo com o qual mantemos relações a partir das imagens, transformando-nos em espectadores de um lugar profundamente codificado, do qual ninguém faz verdadeiramente parte”. (AUGÉ, 1994: 164).

Através das páginas da rede social Facebook, foi possível identificar repetições de noções, termos, situações, lugares e preferências dos jovens da subcidadania analisados. A imagem a seguir observa que os lugares da sociabilidade dos jovens nomeados e que também se autointitulam mômís, se relaciona com lugares físicos da cidade. Os sinais linguísticos, por sua vez, carregam na escrita online o apelo ao sotaque local. Gírias, maneiras de falar e bordões são transferidos da comunicação oral para o registro escrito das páginas online do Facebook.

Assim, a cidade, na sua complexidade, constituída a partir de espaços dotados de idiossincrasias que a sociedade lhe implica, também é composta por amálgamas de elementos simbólicos que representam a vida na subcidadania. Símbolos das marcas de roupas e calçados, gírias, tipos de corpo e, a localidade geográfica onde esses jovens residem, são traduzidos em expressões jocosas empregadas cotidianamente pelos *empreendedores do grotesco* através da suspensão moral sempre presente nas abordagens jornalísticas, o que pôde ser visto nas entrevistas citadas anteriormente.

Os discursos produzidos pela mídia de massa, por sua vez, não podem ser percebidos de modo distanciado do universo de sistemas semióticos. A televisão, enquanto um *dispositivo midiático* instaura sua capacidade de mediação na interação entre indivíduos de uma sociedade como argumenta Fausto Neto (2008: 119).

Na imagem a seguir, capturada na rede social em junho do ano corrente observamos que jovens moradores do bairro São José, localizado na zona norte de João Pessoa, posam para a foto fazendo gestos específicos. Essas maneiras de utilizar-se do corpo remetem a uma identidade de grupo minimamente coeso.

Na fotografia observa-se que alguns jovens escondem o rosto, ou parte dele, todos vestem roupas nas cores preto e branco, o que sugere alusão ao uniforme de um dos times do futebol local, Bota Fogo da Paraíba. O boné e os óculos espelhados, bastante característicos da expressão *môfi*, identificada também das falas dos *transeuntes do centro*, também puderam ser identificados pela fotografia.

Justificado e difundido enquanto nosso “conflito central”, a partir do *mass media*, esses jovens representam a classe excluída de todas as oportunidades materiais e simbólicas e do reconhecimento social. A partir do discurso emitido pelo meio de comunicação de massa sobre *o que o delito cometido representa em si*, e principalmente *por quem é cometido*, esses programas super exploram falas elaborando argumentações de moralização excessiva que são exibidas repetidas vezes, invariavelmente.



Figura 13: Fotografia de jovens em bairro periférico da cidade fazendo gestos identitários. Captura de tela obtida no site de relacionamento Facebook. (Acessado em junho de 2018).

Observando a relação desses números com a subjetividade produzida pelos jovens de periferia em João Pessoa sob a interferência de um programa policial, o estudo da sociabilidade dos então denominados mômfs, se compreende, sobretudo, enquanto hiperlink. Um *dispositivo*, Derrida (2005) que funciona sob a égide dos aparelhos modernos e ideológicos de tais programas que, por sua vez, traduz o trágico em cômico⁴¹.



Figura 14: Imagens com símbolos e termos utilizados pelos jovens de periferia. Captura de tela obtida no site de relacionamento Facebook. (Acessado em agosto de 2017).

Na imagem acima encontramos a *hashtag*: *ponte preta*, que faz menção à casa de shows localizada no bairro Mandacaru, em João Pessoa. O mesmo local é mencionado em outros momentos em publicações de outras páginas.

⁴¹ “Na literatura mundial e especialmente nas narrativas orais anônimas, encontramos múltiplos exemplos em que a agonia e satisfação das necessidades naturais estão misturadas, em que o momento de morte coincide com o da satisfação das necessidades naturais. (...) Imagens desse tipo rebaixam não apenas o moribundo, mas rebaixam e materializam a própria morte, transformando-a em alegre espantalho”. (BAKHTIN, 2013: 130).

A relação entre a produção etimológica de palavras associadas aos indicadores de violência que colocaram João Pessoa liderando o ranking em número de mortes de jovens negros dentre as capitais brasileiras no ano de 2012, se constitui enquanto ambição maior da pesquisa ⁴². Esses indicadores resultam na produção de todo um universo simbólico, não somente, sobre a violência física que acomete os jovens do estrato social: subcidadania.

O crescimento dos índices de violência em localidades anteriormente “pacatas” em estados como Paraíba e Ceará, isto quando comparadas com capitais do sudeste, a exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro, se justifica por inéditos aumentos nos índices de crescimento econômico e, principalmente, do contingente demográfico dessas regiões, sem a participação de medidas estatais e de governo, suficientemente eficazes em termos de educação, redução da pobreza e da desigualdade social, e de segurança pública. Segundo o Mapa da Violência (2016: 27) “esses fluxos de capitais, recursos humanos e criminalidade dirigem-se agora para o interior das UF’s tradicionais, ou para estados até então excluídos das bênçãos do desenvolvimento [...]”.

Em 2012, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de João Pessoa liderou o ranking das cidades brasileiras dentre as “capitais do medo” com uma taxa de 140 homicídios a cada 100 mil habitantes negros. Esses dados são referentes ao ano de 2010, mas publicados apenas em 2012 pelo Mapa da Violência, que segundo a polícia militar do estado da Paraíba registrou a morte de 512 jovens naquele ano.

A partir desses números observamos que a desvantagem que a camada da população negra sofre é quase 29 vezes maior do que a parcela branca da população que compõe a cidade. Segundo o Mapa da Violência (2010) as mortes de parcela da população da juventude negra e periférica menor de 24 anos consistem em aproximadamente 70% dos homicídios cometidos por armas de fogo no Brasil.

Entendemos por vitimização negra a relação entre as taxas HAF⁴³ de brancos e as taxas de HAF de negros, cujo índice positivo indica o

⁴² Porém, essa lacuna, permanece aberta, assim como a sociabilidade e as formas de produção de identidade na subcidadania.

⁴³ Homicídios por arma de fogo.

percentual a mais de mortes negras sobre as brancas; ou o percentual a mais de mortes brancas quando o índice é negativo. (Mapa da Violência (2016: 60).



Figura 14: Pichação com a abreviatura da facção Okaida (O.K.D). Fotografia realizada durante as etnografias do almoço. Mercado Central de João Pessoa. Maio de 2016.

Pensar a existência do termo a partir das taxas de homicídios de jovens negros e periféricos torna-se um desafio elucidativo, e alinhar esses números à produção audiovisual dos *programas da hora do almoço* confere novo fôlego ao exercício sociológico de avaliar as produções audiovisuais de massa na constituição e disseminação de categorias sociais de representação midiática sobre pobreza.

Acerca dos resultados e desdobramentos do capitalismo e da aplicação do dinheiro enquanto mecanismo de resolução de conflitos sociais, Feltran (2014) argumenta que:

“No Brasil, as periferias são o centro de duas figurações recentes e dicotômicas: a da violência urbana que pede mais repressão e a do desenvolvimento social, que transformaria pobres em "Classe C". Este ensaio argumenta que a representação da "violência urbana" retirou o centro da "questão social" contemporânea dos "trabalhadores", deslocando-o aos "marginais". A derrocada do universalismo inscrito nesse deslocamento enseja um governo seletivo que recorta a população em distintos graus de "vulnerabilidade" e níveis de "complexidade" da intervenção estatal; como efeito colateral, emergem distintos regimes normativos nas periferias - por exemplo: estatal, do "crime" e religioso - que embora estejam sempre em tensão, encontram coesão no fato de regularem mercados monetarizados. (FELTRAN, 2014, p. 495).

Assim, chegamos ao seguinte questionamento:

Por que a subcidadania, o sofrimento e a pobreza constituem a matéria prima desse tipo de produção audiovisual?

Apesar do recorte, foi verificado o modo como essa violência acomete uma camada específica da população brasileira interferindo na sociabilidade da juventude periférica em João Pessoa e transformando os dilemas da pobreza em entretenimento de massa para todo o estado. A partir deste estudo, pode-se inferir que os jovens de periferia de João Pessoa foram transformados em *figuras de representação midiática*.

Esse fenômeno encontra amparo em Walter Benjamin (1994) para quem o uso social da técnica reproduz a dominação de maneira tal que esta subtrai o *espírito das coisas*, retirando-lhe assim a autonomia. Este raciocínio constitui o âmago de uma análise crítica, de modo que, para que se desempenhe uma ação esclarecida e *emancipada*, esta deve estar refletida e calcada na experiência do acontecimento vivido e presente, e não reificado, ou obscurecido pelo deslumbre coletivo sobre o desenvolvimento da técnica.

2.3 Técnica e Desigualdade

A crítica habermasiana da modernidade consiste na colonização do mundo da vida pelo sistema. Para Habermas (1987: 186) a modernidade constitui-se de imperativos sistêmicos que funcionam enquanto objetos coletivos tornando-se autônomos de modo que a grande empreitada da modernidade se torna, portanto, naturalizá-los e reificá-los.

Logo, identificar esses imperativos auxiliaram no diagnóstico de distinguir o programa enquanto um dos mecanismos mantenedores e reprodutores de patologias sociais. Por este motivo teórico, tornou-se importante submeter as produções audiovisuais supracitadas no arcabouço dos autores da teoria crítica.

Essa dependência, que provém de uma mediatização do mundo da vida pelos imperativos sistêmicos, adota a forma patológica de uma colonização interna; os desequilíbrios críticos na reprodução material [...] só podem ser evitados pagando o preço de perturbações na reprodução simbólica do mundo da vida (HABERMAS, 1987: 432).

Segundo Jessé Souza (2006), para Charles Taylor, o indivíduo além de produto também é fonte da produção de sentido, e essa perspectiva deve divergir da tendência moderna que desvincula ação e a experiência humana da moldura contextual que lhe confere a realidade mais complexa. De acordo com este pressuposto, as pessoas parecem incapazes de observar como se articulam seus valores guias que orientam suas práticas mais existenciais e políticas.

Ao fazer uso da literatura marxiana, Althusser (1980) discute a função dos aparelhos ideológicos do Estado e a reprodução das relações de produção onde a *infraestrutura* (dimensão material e objetiva da vida) determina a *superestrutura* (campo das subjetividades e leis), de modo que os aparelhos ideológicos produzidos na *superestrutura* devam atender aos ditames e normas valorativas e ideológicas das classes detentoras dos meios de produção.

Todos os aparelhos de Estado funcionam simultaneamente pela repressão e pela ideologia, com a diferença de que o aparelho repressivo de Estado funciona de maneira massivamente prevalente

pela repressão, enquanto os ideológicos pela ideologia.
(ALTHUSSER, 1980:54).

Jessé Souza (2006) nos aponta bases epistemológicas importantes para perceber os modos como os bens constitutivos de uma cultura ou de uma dada situação social são articulados a partir de aspectos morais e valorativos para que se resulte na ação concreta.

Apenas formulamos sentido para nossas vidas com base na relação que estabelecemos com as avaliações fortes que formam a referência última da condução da vida do sujeito moderno. SOUZA (2006: 25).

Destarte, faz-se pertinente pensar até que ponto nossa *práxis* científica está colonizada por véus ideológicos, a exemplo das teorias que pensam o Brasil a partir de ideias cristalizadas que têm como enfoque peculiaridades culturais⁴⁴ na justificação das desigualdades.

Para Cardoso (2010: 24) as ideias de que a modernidade que se instaurou no Brasil é incompleta, ruim, ou que o desenvolvimento de alguns processos sociais, civis, políticos e revolucionários, possuem resultados negativos e derivam de uma legitimidade oriunda de ordenamentos sociais e de uma normatividade intelectual que se instaura no país junto com os *sentidos de justiça* produzidos pelas respectivas classes dominantes, e logo, colonizam a produção científica, intelectual e acadêmica que se produz no país.

Por conseguinte, problematizar a desigualdade em um país como o Brasil, nos exige, portanto, a ampliação do que entendemos por modernidade. A modernidade constitui-se enquanto um processo não acabado, no qual seus sujeitos são responsáveis pelas conexões entre julgamentos individuais, normas e valores mais gerais. Isto é, a permanente tensão entre ações individuais e padrões que buscam universalização e que constitui um dos temas de Max Weber (2002) quando escreve sobre as *afinidades eletivas* e o papel do indivíduo interligando possibilidades de ação aos determinantes mais estruturais da vida em sociedade.

⁴⁴ Aqui me refiro à crítica que Jessé Souza tece acerca do estatuto científico dos ensaios produzidos por intelectuais brasileiros a exemplo de Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre, e, Raízes do Brasil de Buarque de Holanda.

A partir da reflexão de Jessé Souza (2003/2009) não nos traz resultados científicos satisfatórios continuar pensando e justificando nossos problemas sociais seguindo o argumento de que somos uma nação pré-moderna, como se as formas de desigualdade produzidas circunscrevessem o Brasil enquanto um caso à parte.

É preciso, portanto, tomarmos cuidado com essencialismos e julgamentos que apontem para as condições sociais de naturalização de desigualdades em contexto global. Ao contrário disto, precisamos pensar o Brasil e a desigualdade produzida aqui como algo inerente ao projeto ocidental e colonial de modernidade, ampliando e complexificando este conceito, tendo em vista que a modernidade é um projeto inacabado e que se reifica a partir das novas experiências sociais.

A *hermenêutica do espaço social* consiste, portanto, na vinculação da ação humana à moldura social lhe confere compreensibilidade. O efeito interpretativo da sociologia, vincula ação social com o contexto empregado de sentidos próprios e correspondentes.

Apesar da divergência conceitual entre a *hermenêutica* de Taylor, Souza (2006) aborda elementos com o *mundo da vida versus sistema* de Habermas (), de modo que ambas as propostas se complementarão, tendo em vista que a primeira contribui na compreensão metodológica e de análise das entrevistas quando: os discursos emitidos pelo programa policiaisco conferem a moldura moral disseminada na mídia de massa, e a segunda com, a contribuição *habermasiana* que consiste na colonização das concepções de juventude periférica pela ótica liberal da meritocracia através da eficácia discursiva na esfera comunicacional, isto é, na esfera pública.

É possível inferir que a representação midiática dos môfis não se constitui enquanto um acaso, ou processo local da abordagem jornalística em programas de temática policial. Essas produções audiovisuais, disseminadas em todo o território nacional, se relacionam diretamente com interesses de grupos específicos e concomitantemente com os valores morais das classes estabelecidas.

Adotar um posicionamento de análise crítica sobre a moralidade presente nos discursos dos pastores, políticos e apresentadores, os chamados: “homens-de-bem”, se torna imprescindível para compreender o conteúdo do que está sendo

difundido não somente na Paraíba, mas em todo o país. Estas são as figuras mais carismáticas, no sentido weberiano, da midiaticizada política contemporânea. Estes são os agentes que discutem e disseminam cotidianamente as bases e noções morais de nossa sociedade interferindo, inclusive, na produção de leis e nas tomadas de decisão mais estruturais que normatizam a democracia que praticamos atualmente.

2.4 Sentidos da subcidadania

Através da pesquisa foi possível observar que símbolos, bens de consumo e os valores da periferia são utilizados de maneira ambivalente pela produção do programa policial Correio Verdade e pelos jovens da subcidadania, intitulados e autointitulados – môfis. Bens de consumo como, por exemplo, os bonés, roupas e calçados imitação de determinadas marcas (de elevado valor monetário) são mencionados e desqualificados nas entrevistas na tevê; *“olha aqui o motivo, um boné”* ⁴⁵.

Sobre a cultura de massa Muniz Sodré (1972, p. 17) afirma que a parte cognitiva e a estética costumam situar-se em níveis muito superficiais com relação à cultura elevada. No entanto, a relação estética entre o consumidor e a obra é mais viva do que na cultura elevada devido à participação psicoafetiva da parte do espectador – e toda relação estética é poderosa quando alimentada pela participação.

Assim, observou-se que os sentidos relacionados aos objetos e adornos de uso popular (bonés; vestimentas, etc.) são disputados constantemente pelos atores da subcidadania. Afirmando-se com protagonismo midiático, os môfis asseguram sua compreensão a respeito de determinado do conjunto de bens simbólicos e materiais selecionados por sua classe social manifestando-se no espaço virtual.

Sobre a orquestração de bens simbólicos e culturais Baudrillard (2010:66) afirma que o consumo possibilita formas de classificação e diferenciação social, de maneira que os em que os objetos/signos se ordenam, não só como diferenças

⁴⁵Emerson Machado em entrevista com adolescente preso. (Programa Correio Verdade, junho de 2013).

significativas no interior de um código, mas como valores estatutários no seio de uma hierarquia.

Os processos sociais que envolvem os mômís vão além da espetacularização dos modos de vida moralmente julgados pelos programas do meio dia. Os sinais diacríticos e os lugares de sociabilidade dos jovens da subcidadania se ramificam por outros canais comunicacionais, como foi observado no site de relacionamento Facebook.

A imagem a seguir foi retirada de uma das páginas analisadas servindo enquanto dado empírico para a pesquisa na busca por formas de produzir sentidos pelos jovens da subcidadania. A partir da pesquisa foi possível compreender que para esses jovens a vida pode ter um sentido efêmero e breve, de modo que a cidade constitui-se enquanto espaço referencial.

Isto também se relaciona com o que João Ruas (2003:13) afirmou sobre a cidade, a representação dos lugares⁴⁶, e como as pessoas identificam-se ou constroem suas identificações com estes. Castells (1983) ainda discorre sobre os espaços dos fluxos e espaços dos lugares.

Para Castells (1983:294) o sistema urbano é onde se organiza o conjunto das relações humanas, sociais e as regras de funcionamento do sistema urbano são bastante fáceis de determinar, pois estas são apenas as regras mais gerais do modo de produção. Essa análise nos pode parecer simplista, entretanto, é dentro da sociedade capitalista que acontece também a produção das contradições sociais, disputas, articulações políticas e a produção do simbólico.

⁴⁶ A partir da pesquisa realizada na cidade de João Pessoa foi possível encontrar *lugares-mômí*. Esses ambientes foram indicados pelos *transeuntes* através de entrevistas no centro da cidade. Os outros lugares foram encontrados a partir da etnografia urbana na busca pela catalogação desses espaços a partir de pichações. Desta maneira, ficaremos com a noção de lugar antropológico fornecida por Marc Augé (2005:) pelo fato de se tratar de um lugar relacional, identitário de histórico.



Figura 15: Captura de tela obtida no site de relacionamento Facebook. (Acessado em junho de 2017).

A centralidade do termo môfi mostrou estar relacionada a problemas contemporâneos como, por exemplo, a redução da maior idade penal de dezoito para dezesseis anos e o aumento expressivo do número de mortes por armas de fogo da juventude periférica decorrentes do envolvimento com o comércio de drogas ilícitas e do encarceramento desse segmento⁴⁷ da população.

A imagem a seguir demonstra, além das preferências de consumo, alguns dos caminhos da sociabilidade dos jovens que longe das lentes dos programas policiaiscos se autointitulam môfis. Seus circuitos são determinados de acordo com a dinâmica que o comércio popular da cidade possibilita quanto aos usos de objetos, roupas e adornos, exibidos pelo programa enquanto sinais de discriminação são exaltados nas redes sociais como escolha e predileção.

⁴⁷ http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253

A página “Môfi no face” foi criada no ano seguinte em que João Pessoa liderou o ranking das capitais mais violentas do país, segundo os dados do Mapa da Violência 2012. Este dado também se relaciona com a disseminação do termo môfi, difundido pelo programa policial Correio Verdade⁴⁸.

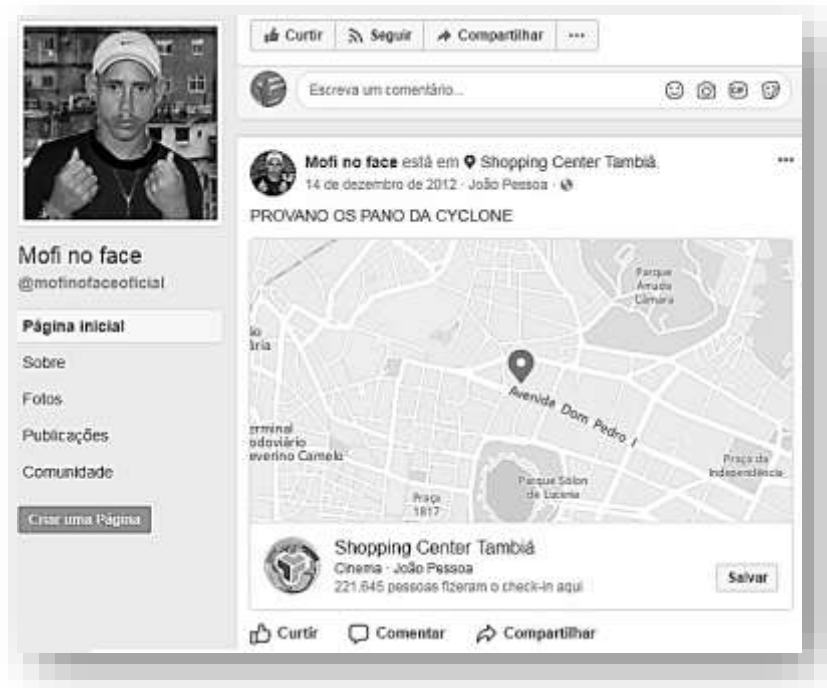


Figura 16: Captura de tela obtida no site de relacionamento Facebook. (Acessado em junho de 2017).

Deste modo, os meninos da subcidadania denominados môfis se utilizam do lugar social da subcidadania para criar pontos de identificação e solidariedade enquanto que preferências de consumo e o uso que fazem dos lugares e *não lugares* Marc Augé (1992/2005) e que compõem o espaço urbano funcionando enquanto diretrizes para os *fluxos* que percorrem na cidade.

Desta maneira, observamos o modo como a desigual distribuição material na sociedade brasileira se relaciona com a produção de todo um universo simbólico, originário especificamente desta, e não de outra desigualdade. Assim, é papel da sociologia, observar como se determinam esses fenômenos que embora pareçam

⁴⁸No ano de 2013 o “Ponto de Cem Réis” (uma praça revitalizada na região central da cidade) passou a ser hostilizado por grande parte dos moradores de João Pessoa. Segundo o “comentário geral” o lugar havia se tornado um “lugar ruim” com “muita briga”, “muito Okaida e Estados Unidos”, “muito môfi”.

soltos e desconexos são facilmente manipulados por aqueles que detêm o controle e monopólio dos meios de produção materiais, simbólicos e morais de uma sociedade.

2.5 As páginas online e luta por reconhecimento



Figura 17: Evento público agendado através da rede social. Captura de tela retirada da página “Môfi no face” do site de relacionamento Facebook. (Acessado em 27 de agosto de 2017).

De acordo com McLuhan (1974: 19) a comunicação em massa consiste em mais do que a simples troca de informações; resulta na transformação radical de todo o funcionamento da sociedade moderna. A partir disto entendeu-se a manifestação de sentidos e identificações através da página do site de relacionamento enquanto um fenômeno contemporâneo de afirmação e mobilização de uma identidade periférica.

Assim, para além dos espaços físicos, bustos, monumentos e obeliscos pichados no espaço da cidade não são os únicos suportes de inscrição da sociabilidade dos jovens de periferia de João Pessoa. A rede social se revelou enquanto campo da pesquisa pelo teor dos enunciados e símbolos compartilhados através da plataforma Facebook.

No âmbito dos movimentos sociais urbanos, característicos de nossa época, os rolezinhos dos jovens de periferia – fenômeno que adquiriu repercussão nacional, ainda são pouco conceituados nas ciências sociais, Gohn (2008). O que se nota é que as reivindicações das pessoas pobres parecem pouco ressoar quando não amparadas no escopo das mídias alternativas e da solidariedade jurídica de setores da chamada militância contemporânea.



Figura 18: Captura de tela retirada da página “Môfi no face” do site de relacionamento Facebook.
(Acessado em agosto de 2017).

Em um contexto histórico, no qual expressiva parcela da população nacional encontra-se em situação de subcidadania, a manifestação da indignação social parece estar condicionada ou restrita a alguns setores médios da sociedade, leia-se – determinadas classes, estratos sociais.

Os gestos, atos e performances da população periférica são interpretados pelo senso comum e pela opinião pública enquanto atitudes “grosseiras ou marginais”, isto quando não punidos pela força policial e pelas leis que

criminalizam⁴⁹ as expressões da vida na subcidadania. Por este motivo, o estudo dessa realidade social indicou um novo olhar acerca das manifestações populares, ou seja, da periferia na busca pelo *direito à cidade* Harvey (2012) e na *luta por reconhecimento* Honneth (2003) a partir da identidade periférica.

Assim, o despertar de uma nova identidade periférica e marginalizada, em João Pessoa, aponta enquanto caminho de interpretação sociológica a disseminação desse gênero televisivo nos meandros de uma modernidade que, embora considerada tardia, se ramifica vertiginosamente interferindo nos modos de vida e nas interações entre os grupos constitutivos da sociedade.

Abrangendo multidões através da difusão em massa de valores, emoções, preconceitos e medos normalizados e padronizados coletivamente, objetos estéticos, geralmente pouco analisados pela ótica de uma sociologia crítica, coloca o presente objeto de pesquisa dentre os temas pertinentes, tendo em vista fenômenos contemporâneos recentes como, por exemplo, os rolezinhos caracterizados pela hostilidade aos jovens de periferia em espaços públicos e privados das cidades brasileiras.

Objetos e adornos utilizados pela ralé são estereotipados e classificados, espetacularizados intensamente pela mídia de massa que os associa a figuras estéticas digitalizadas e mimetizadas pelas lentes dos empreendedores dos programas policiais. Chinelos, bonés, maneiras de utilizar-se do corpo funcionam enquanto marcadores sociais da diferença revelando a classe à qual esses indivíduos pertencem e que constitui nosso maior conflito social, o empobrecimento das populações afrodescendentes. O Brasil não é o país da democracia racial, e, factualmente se apresenta estar longe disto.

É através desses meandros que os jovens da subcidadania de João Pessoa produzem uma identidade cultural que combina elementos simbólicos oriundos do rap, hip-hop, brega funk e do funk ostentação. A partir da valorização do consumo, o que é possível observar tanto nas páginas da rede social, quanto na moda dos bonés de cores fluorescentes e chamativas, as correntes metálicas e o exibicionismo com a marca Nike.

⁴⁹<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/02/projeto-de-lei-quer-enquadrar-movimentos-sociais-na-lei-antiterrorismo>

Sobre este fenômeno, Caldeira (2014) argumenta que

Tanto os protestos de junho como os rolezinhos usaram a mídia social para se organizar e ignoraram completamente as formas instituídas de representação e organização política. Ambos foram protagonizados por jovens e têm suas raízes no seu cotidiano, em uma cidade estruturada para segregar e reproduzir desigualdades. Tanto uns como outros aumentaram sua amplitude e visibilidade no momento em que foram reprimidos pela polícia. Ambos contestam autoridades constituídas e modos de regulação e separação preexistentes. (CALDEIRA, 2014:19).

A economia de elementos simbólicos, exposta no site de relacionamento, demonstra os sentidos que os jovens da subcidadania empregam em um lugar social marcado também pela violência, morte e encarceramento. São mobilizados elementos; objetos e símbolos de uma modernidade que, embora tardia, não é menos intensa. Assim como a efemeridade do sucesso e popularidade das marcas valorizadas por uma sociedade do consumo, a vida desses jovens é associada à morte ou à prisão iminentes. Ser “vida loka⁵⁰”, portanto, remete ao estilo de vida pouco planejado, de quem não sabe o que pode lhe acontecer. O pessimismo e a expectativa de uma vida interrompida também estão presentes no universo emocional do grupo estudado.

2.6 Lugares môfí

Entrevista: Cidadina 4.

Pergunta: Queria saber se você tem medo de môfí. **Resposta:** Tenho. Pronto, a gente tava agora aqui sentado, de repente chegou um (baixa o tom de voz), né... Aí ele pulou a roleta e sentou ali atas, aí eu fiquei logo assustada. Aí eu disse, pronto, é agora. Eu sou horrorizada mesmo, com medo. Até na rua quando eu passo aí eles

⁵⁰ “Vida loka” (vida louca) é uma expressão da juventude periférica paulista que se disseminou no Brasil a partir da música do grupo de rap Racionais MC’S. Trecho: “Eu me sinto às vezes meio pá, inseguro, que nem um vira-lata, sem fé no futuro”.

olham pra mim, eu fico nervosa. Que hoje em dia a gente não pode encarar ninguém, né?! Aí é assim.

(João Pessoa, fevereiro de 2016. Entrevista realizada no transporte público da cidade).

Durante a pesquisa percebeu-se que em João Pessoa existem *lugares-môfi*. Esses locais geralmente estão associados à frequência dos jovens de periferia, como, por exemplo, algumas linhas do transporte público e o Tambiá Shopping. Tornou-se interessante perceber o modo como os grupos e a sociabilidade destes jovens conferem a distintos ambientes da cidade características diferentes. Observou-se também a sazonalidade do estigma em lugares como a praia de Tambaú. Situada ao final da Avenida Epitácio Pessoa que divide a cidade em norte e sul a praia é bastante frequentada por pessoas de muitos bairros da cidade justamente por abarcar públicos de diferentes localidades (assim como o Terminal de Integração Rodoviária).

Entretanto, algumas pessoas, pertencentes não somente às classes economicamente mais favorecidas, alegaram que o local é “baldeado”, “muvuca demais”. *“Dá muito môfi”*.

Por se tratar de um lugar bastante heterogêneo o Mercado Central da cidade se mostrou enquanto campo profícuo para as *etnografias da hora do almoço*. Buscou-se relacionar o conteúdo os programas do meio dia com o cotidiano de parcela da população brasileira que se caracteriza no que Jessé Souza (2009: 263) denominou por batalhadores⁵¹ a partir da ideia de transcendência. No Mercado Central foi possível observar os traços dessa classe, pelas pessoas que trabalham no centro da cidade, todos os dias. A maioria dos meninos da subcidadania, que no programa policial supracitado e pelos transeuntes seriam chamados de môfis, são

⁵¹ “Os batalhadores, por sua vez são astutos, determinados, espertos, polivalentes. Não pode se abater diante da adversidade, capazes de manter o futuro como um foco palpável de ação e expectativa, que os impele a continuar trabalhando e apesar desse desafio, os trabalhadores enfrentam um histórico de violência por parte da sociedade brasileira, de estigma e subcidadania visíveis. Essa formação social se apegua às redes de cooperação e fraternidade, promove formas de comunidade e arranjos produtivos, no que atravessa as instituições e subsistemas que vai encontrando pelo caminho: a família ampliada, a igreja, o culto, a fé e o misticismo popular, as redes informais de comércio e socialidade” (SOUZA, 2009: 263).

os filhos dos *batalhadores* – informação obtida através das *etnografias da hora do almoço*⁵².

Os batalhadores são as pessoas que vivem em condições sociais menos favorecidas em termos de cidadania, concorrendo entre si nos ambientes mais precarizados pelo capital, mas que, no entanto, são redimidos por uma noção muito determinada de dignidade e honestidade, o desejo de “vencer na vida” como nos traz Souza (2009: 264). O trabalho, portanto, constitui-se enquanto base econômica e moral da família batalhadora brasileira e é durante o intervalo de sua jornada de trabalho no horário de almoço que assistem aos *programas do meio dia*.

A *ralé* está na televisão sendo explorada de muitas maneiras possíveis e a sociabilidade dos mômís mostrou-se divergir, em alguma medida, dos valores de seus pais, no que tange à ética do trabalho enquanto produtor de valor social. Os adultos, donos dos pontos, bancas e barracas trabalham cotidianamente e desempenham no Mercado Central de João Pessoa o chamado “bater ponto” no local, apesar do trabalho informal – não assalariado. O trabalho cotidiano, laboral e dispendioso constitui a centralidade da vida dessas pessoas⁵³.

Os jovens identificados como mômís pela normatividade da cidade estão “sempre por ali”, “podem estar como podem não estar, depende do dia⁵⁴”. Estão sempre saindo e retornando, prestando alguma assistência aos negócios familiares, mas também aos seus próprios negócios e sociabilidade. Das barracas de almoço, durante o horário de almoço quando foi realizada a pesquisa era possível vê-los. Estão em sua maioria “de rolê” e não necessariamente trabalhando – o que apontou para uma descontinuidade, ruptura mora no sentido da ocupação do trabalho.

A amplitude da categoria trabalho parece aumentar ainda mais quando observando as atividades desempenhadas no Mercado Central. O leque de formas se expande conforme a disponibilidade dos indivíduos do lugar em negociar sobre coisas e ramos diversos. No corredor de cadeiras e mesas das barracas de almoço

⁵² Metodologia originária no presente trabalho.

⁵³ Dona Maria, 53 anos é uma das informantes desta pesquisa, trabalha no Mercado há quase trinta anos. Já trabalhou vendendo carne e queijo com o ex-marido, mas nos últimos dez anos “abriu uma vaga” nas barracas de almoço, hoje é a única proprietária do negócio, seu filho tem 19 anos e aparece de vez em quando “pega a moto pra pagar uma conta...”.

⁵⁴ Falas de batalhadores durante etnografias da hora do almoço. Julho de 2016.

transitam os trabalhadores que vendem as refeições, estes também possuem barracas e fiteiros menores, no final da sequência de doze barracas, e comercializam cigarros de marcas importadas, sem os impostos da Souza Cruz. Os meninos – môfis ficam por ali, próximos às barracas dos cigarros. O tipo de atividade parece ser hierarquizado e essa hierarquia pode ser percebida na infraestrutura do próprio mercado que, em alguns setores possui calçamento e saneamento básico enquanto que outros não.

2.7 O valor midiático.

Essa estrutura mostrou determinar o valor das mercadorias comercializadas e o tipo de clientes que frequentarão o lugar. O quê assistir não é necessariamente uma opção quando o lugar para se almoçar é o mercado. Praticamente todas as barracas e bancas estão sintonizadas nos *programas do meio dia*, seja no Correio Verdade (que é o mais hegemônico), seja um de seus concorrentes. A violência, as mortes e o sangue televisionado fazem parte do repertório utilizado pelo *mass media*.

A partir do monopólio da fala normatizada nos *programas da hora do almoço*, o indivíduo *assujeitado* é apelidado pelo pseudônimo môfi, ou seja, batizado com um nome genérico que não é o seu. A imagem transmitida da pessoa midiaticizada na grande maioria das vezes não possui rosto, é um corpo negro semidesnudo que lembra um “boneco inerte” frente ao interrogatório frenético do repórter inquisidor.

Sempre cabisbaixa a figura televisionada é a aparição mimética do *outro* e através dos programas policiais são apresentados como indivíduos que não possuem família. A origem é a pobreza, e o destino - a morte. Sem mãe nem pai o môfi é filho de qualquer um, assim como podem ser os filhos-de-ninguém. Sem proteção.

Porém, os caminhos da pesquisa levaram o delineamento do trabalho para caminhos outros mostrando que o termo môfi apresenta-se enquanto um produto social inacabado.

CAPÍTULO III:

IDENTIDADE MÔFÍ E LUTA POR RECONHECIMENTO

Até o presente momento esta dissertação se debruçou sobre os dados empíricos, discussões e conceitos reputados necessários à verificação da nossa hipótese norteadora, qual seja, está a surgir uma identidade jovem e periférica gestada a partir de uma classificação moral formulada pelos programas policiais que, através da assunção da consciência da sua identidade de grupo periférico, vem exercitando a sua cidadania na busca por reconhecimento.

No primeiro capítulo, abordamos os caminhos percorridos até a conformação do quadro atual, onde a juventude periférica de João Pessoa é referida pelo termo môfí. Esse processo de batismo midiático teve a sua origem, conforme demonstraram as transcrições das entrevistas realizadas no programa Correio Verdade, no uso insistente da expressão regional môfí pelo repórter Emerson Machado para referir-se aos jovens periféricos aprisionados e apresentados durante a gravação de matérias jornalísticas veiculadas pela TV Correio, emissora afiliada à Rede Record de televisão aberta do estado.

A constatação da existência de uma categorização originariamente midiática de um grupo social em torno do termo môfí indicou a necessidade de investigação dos elementos instituídos por produções midiáticas policiais a exemplo do Correio Verdade. Da análise dos programas, constatou-se que a sua produção se baseia na tradução de elementos constitutivos da vida na subcidadania para concentrá-los em personagens sociais moldados pelo grotesco, as chamadas *figuras sociais de representação midiática*. Dentre as figuras sociais de representação midiática produzidas pelos programas policiais está o môfí.

Fora constatado, ainda no primeiro capítulo, a partir da *etnografia da hora do almoço*, que a face grotesca e, portanto, risível Bakhtin (2013) atribuída à representação midiática do môfí se desdobra em uma suspensão moral no que tange às violências televisionadas e perpetradas tanto pelas agências policiais quanto pelas equipes midiáticas contra a juventude periférica em situação de desvio.

Ao conteúdo grotesco característico da mídia de massa, é anexada a natureza policialesca dos programas, somando-se alternadamente ao riso o julgamento moral e normativa de natureza oposta àquela desempenhada pela juventude periférica. Assim, o binômio riso e moralização concretiza-se nos programas do meio dia.

A partir do segundo capítulo, a investigação debruçou-se sobre os efeitos surgidos a partir da relação entre: a figura social de representação midiática mofí com o corpo social de João Pessoa, introduzindo os primeiros apontamentos sobre uma discussão sobre a relação entre a exclusão social frente aos reconhecidamente aceitos, (Honneth 2003).

Em Mead (1980 citado por HONNETH, 2003) observamos que a psicologia social é capaz de instaurar conceitualmente a formação identitária através da experiência de reconhecimento intersubjetivo. Essa dimensão da autopercepção produzida na interação intersubjetiva foi denominada por Mead como ‘Me’. O autor informa ainda que a autoimagem cognitiva se transforma numa autoimagem prática a partir do momento que o repertório moral passa a ser o filtro interpretativo da interação. Da apreensão das expectativas morais dos parceiros de interação surge a categoria do ‘outro generalizado’

De partida, observamos que os sinais da sociabilidade periférica têm sido difundidos através da mídia de massa sob a moldura do estigma e da degradação moral imputados à condição de pobreza. Constatou-se que a técnica utilizada na difusão desses sinais é notadamente ideológica⁵⁵, desde a seleção da juventude periférica enquanto principal alvo de moralização com ênfase em sinais de classe, o que resulta em interpretações que estigmatizam a sociabilidade da juventude periférica – formuladas a partir do prisma moral dos grupos estabelecidos.

O lugar social da subcidadania produzido com base na diferença de condições materiais e culturais é reforçado e legitimado como um “mau lugar” ante a disseminação dos valores morais reconhecidos pelos grupos sociais detentores dos

instrumentos midiáticos. Desde modo, este empreendedorismo moral televisivo mapeia os ambientes da cidade, incluindo seus grupos e sentidos de marginalidade.

Ainda no segundo capítulo, argumentou-se que a realidade social presente marcado pelo crescimento econômico desigual associado ao crescimento demográfico urbano e à estagnação de investimentos governamentais no campo da educação, cultura e lazer têm gerado pauperizadas aglomerações urbanas, demasiadamente vigiadas e oportunizadas pela violência, Wacquant (2001).

A vigilância do Estado sobre os grupos periféricos tem como consequência o encarceramento de indivíduos que são submetidos aos holofotes da mídia de massa.

Munidos do aparato teatral e do outro a ser corrigido, neste caso, os mômfs, a mídia de massa apresenta o desvio enquanto conduta vinculada à juventude periférica e expõe os sinais de sociabilidade dessa juventude enquanto símbolos do desvio, valendo-se do espaço midiático para reforçar a moral dos grupos estabelecidos. Sob a perspectiva da moralização, os programas policiais difundem, para a sua ampla audiência, os modos de vida da juventude periférica: estética, lugares de sociabilidade, uso dos corpos e linguagem; inserem no horizonte subjetivo dos espectadores a demarcação de um grupo social.

Axel Honneth (2003: 319) escreve que o reconhecimento não se esgota somente em palavras ou expressões simbólicas e que somente como atitude manifesta o reconhecimento é fidedigno. Assim, a categorização da juventude periférica sob o título mômfi, originariamente perpetrada pelos programas policiaiscos produziu efeitos diversos na dialética da diferença entre os grupos sociais; e da produção dos espaços sociais na cidade de João Pessoa.

Se por um lado a mídia de massa vislumbrou, nas condutas de desvio praticadas por indivíduos pertencentes à juventude periférica, a possibilidade de construção e exploração da figura social de representação midiática mômfi, por outro, observamos que a juventude periférica identificou na expressão mômfi uma síntese nominal da sua expressão sociocultural razoavelmente uniforme.

A distância entre a moral hegemônica propagada pela mídia de massa através da discriminação dos indivíduos periféricos em situação de desvio e aquela titularizada pela juventude periférica oportunizou os elementos de uma identidade afirmativa por jovens de periferia através do título mômí.

Por se tratar de um processo multifacetado, a categoria mômí, inicialmente etérea, transformou-se em objeto de moralização midiática, colaborando na demarcação de uma identidade voluntariamente assumida pela juventude periférica.

A categoria mômí produz a multilateralidade hermenêutica típica das disputas que opõem grupos moralmente estabelecidos àqueles que ainda buscam os meios de luta por reconhecimento. Constatou-se que a cidade e seus moradores se transformam, respectivamente, na arena e auditório dessa disputa. Arena devido o interacionismo simbólico próprio da complexificação social moderna; e auditório pela ampla audiência conquistada pelo programa de massa.

A análise sociológica produzido até o presente momento indica que a formulação do repertório simbólico caracterizador do mômí gerou uma disputa entre sujeitos sociais pelos sentidos inerentes aos símbolos portados e emitidos pela e sobre a juventude periférica. Em alinhamento aos enunciados morais emitidos pela mídia de massa, conforme contatado a partir das etnografias da hora do almoço e das entrevistas estruturadas – os demais tipos sociais que compõem a cidade reafirmam os seus valores morais através da negação dos símbolos mômí.

A juventude periférica se mostrou aderindo aos seus símbolos, apresentando os seus próprios sentidos em performances urbanas que, para além do desvio, contemplam a sociabilidade pautada na busca, sobretudo, por cultura e lazer. Através das etnografias realizadas no transporte público da cidade foi possível traçar um paralelo entre as noções sobre direito à cidade difundida pelas páginas do Facebook com o ato de pular catracas, e pelo direito à cidade a partir de uma condição de classe específica. O olhar sensível ao presente objeto que performatiza na cidade de João Pessoa expressões de da luta por reconhecimento através de uma identidade periférica, possibilita os entendimentos acerca da juventude que afirma, também suas perspectivas morais.

Tomando como ponto de partida as constatações registradas nos capítulos anteriores e acima sintetizadas, trataremos, no presente capítulo, das questões referentes ao surgimento de uma identidade na luta por reconhecimento a partir da experiência juvenil de determinado estrato social. A desigualdade reificada pelo empreendedorismo grotesco dos programas policiais se mostrou colonizar o pensamento dos demais grupos que compõem a totalidade social na cidade de João Pessoa.

A partir do estereótipo criado acerca do jovem de periferia foi possível elaborar uma sequência de fatos sociais que oportuniza compreender o fenômeno de formação de identidades da subcidadania na luta por reconhecimento.

3. 1 Identidade, Disputas morais e Luta por Reconhecimento

O quadro até agora esboçado informa a existência em curso na cidade de João Pessoa de uma luta social⁵⁶ formada em torno da categoria *môfi*.

A partir da pesquisa, identificou-se o conflito surgido a partir dos *sentidos morais* negativos formulados por grupos hegemônicos sobre os elementos apresentados pela juventude periférica sob interferência estigmatizadora da produção televisiva policiaisca. Os sentidos negativos dados aos elementos constitutivos da *identidade dos môfis* se desdobram em experiências morais de desrespeito substanciadas na *privação de direitos* conformadores da autonomia individual; e na *degradação da estima social*.

Os sentidos morais negativos produzidos sob a interferência da mídia policiaisca e lançados sobre a categoria *môfi*, além de produzirem experiências de desrespeito, participam também do processo de formação da identidade dos jovens de periferia, tendo-se em conta que a constituição identitária se dá na intersubjetividade.

Honneth adere à formulação do processo de formação identitária proposta por G. H. Mead comentando-a:

“À constituição de uma consciência de si mesmo está ligado ao desenvolvimento da consciência de significados, de sorte que ele lhe prepara de certo modo o caminho no processo da experiência individual: através da capacidade de suscitar em si o significado que a própria ação tem para o outro, abre-se para o sujeito, ao mesmo tempo, a possibilidade de considerar-se a si mesmo como um objeto social das ações de seu parceiro de interação. Reagindo a mim mesmo, na percepção de meu próprio gesto vocal, da mesma maneira como meu defrontante o faz, eu me coloco numa perspectiva excêntrica, a partir da qual posso obter uma imagem de mim mesmo e, desse modo, chegar a uma consciência de minha identidade”. HONNETH (2003: 129-130)

Assim, pensar a formação da identidade da categoria mōfī sob o enfoque da interação com a normatividade moral dos grupos hegemônicos, possibilita observar os caminhos através dos quais esses indivíduos formulam a sua subjetividade e lutam pelo seu reconhecimento, provocando a sociedade na busca por uma reformulação estabilizadora pautada no reconhecimento da diferença.

Logo, para compreender o conflito aqui discutido, é necessário salientar a dinâmica de formação da identidade e ao processo de luta social baseado no reconhecimento da diversidade moral. Para tanto, tomou-se enquanto ponto de partida teórica a compreensão de Axel Honneth acerca da luta por reconhecimento surgida a partir da experiência moral de desrespeito.

A partir de Honneth⁵⁷, e para compreender esboçadamente o processo de formação da identidade, será mencionada a psicologia social de George Herbert Mead:

“À constituição de uma consciência de si mesmo está ligado o desenvolvimento da consciência de significados, de sorte que ele lhe prepara de certo modo o caminho no processo da experiência individual: através da capacidade de suscitar em si o significado que a própria ação tem para o outro, abre-se para o sujeito, ao mesmo

tempo a possibilidade de considerar-se a si mesmo com um objeto social das ações de seu parceiro de interação. Reagindo a mim mesmo, a percepção de meu próprio gesto vocal, da mesma maneira como meu defrontante o faz, eu me coloco numa perspectiva excêntrica, a partir da qual posso obter uma imagem de mim mesmo e, desse modo, chegar a uma consciência de minha identidade”.

Entretanto, embora o arcabouço teórico apresentado por Honneth e Mead instrumentalize conceitualmente para pensar a categoria mofé, a distância entre as generalizações teóricas formuladas pelos autores e a concretude peculiar apresentada pela dinâmica social em torno da interação da juventude periférica na cidade de João Pessoa, compele a realizar aproximações teóricas entre a realidade brasileira e a luta por reconhecimento, adotando como ponte, sobretudo a literatura de Jessé Souza (2006:2009).

A formação da consciência sobre si é, para alguns autores, um fenômeno inerente ao encontro intersubjetivo conduzido pela linguagem. É na interação comunicativa que o humano se habilita a refletir sobre a sua individualidade. Neste sentido, a linguagem, sobretudo, oralizada⁵⁸, possui a capacidade de gerar reações simultâneas, tanto no receptor quanto no emissor da mensagem.

Para Honneth (2003, p. 129) se um sujeito influi sobre seu parceiro de interação por meio de seu gesto vocal, ele é capaz ao mesmo tempo de desencadear em si mesmo a reação dele, visto que sua própria expressão é perceptível a ele próprio como um estímulo vindo de fora; mas por isso seu gesto vocal, a que ele pode reagir da mesma maneira que qualquer outro ouvinte, contém para ele o mesmo significado que possui para seu destinatário.

É esta particularidade que torna possível o estranhamento de si a partir do desenvolvimento da habilidade de estranhar-se em correspondência ao estranhamento do outro, do receptor.

Honneth (2003, p. 129) comenta o advento da psicologia social de Mead para a sustentação empírica da luta por reconhecimento:

“Mas, visto que a impulsividade o ‘Eu’ não pode ser aplacada, junto com ela migra um elemento da idealização normativa para toda a práxis social; os sujeitos não podem outra coisa senão se assegurar reiteradamente, na defesa de suas pretensões espontaneamente vivenciadas, do assentimento de uma coletividade contra-faticamente suposta, que lhes faculta, comparada à relação de reconhecimento estabelecida, um maior número de direitos à liberdade” HONNETH (2003, p. 129).

Da imensidade dessas divergências morais, que constantemente recobrem de certa maneira o processo de vida social com uma rede de ideais normativos, resulta para Mead, o movimento que constitui o processo de evolução social:

“Essa é a maneira pela qual a sociedade continua a se desenvolver, a saber: por uma influência recíproca, como a que se efetua ali onde uma pessoa pensa algo até o fim. Mudamos constantemente, em alguns aspectos, nosso sistema social, e podemos fazê-lo com inteligência, porque podemos pensar” HONNETH (2003, p. 129).

Essa tese contém a chave teórica para um conceito de evolução social que propicia à ideia hegeliana de uma ‘luta por reconhecimento’. Mead estabelece um vínculo sistemático entre o afluxo ininterrupto do ‘Eu’ e o processo de vida social, adicionando o grande número de divergências morais à soma de uma força histórica: em toda época histórica acumulam-se novamente antecipações de relações de reconhecimento ampliadas, formando um sistema de pretensões normativas cuja sucessão força a evolução social em seu todo a mais permanente adaptação ao processo de individuação progressiva.

Se um sujeito influi sobre seu parceiro de interação por meio de seu gesto vocal, ele é capaz ao mesmo tempo de desencadear em si mesmo a reação dele, visto que sua própria expressão é perceptível a ele próprio como um estímulo vindo de fora; mas por isso seu gesto vocal, a que ele pode reagir da mesma maneira que qualquer outro ouvinte, contém para ele o mesmo significado que possui para seu destinatário.

A conexão que permite a consciência sobre si se aproxima da reflexão sobre si emanada pelo outro (receptor) diante da locução inicial. Esse exercício viabiliza a

autopercepção exterior sob a perspectiva da alteridade moral. Um somente o é porque – demarca através da linguagem falada o que – o outro não é no que se refere às infinitas diversidades do humano.

Deste modo, é este mecanismo psíquico que orienta o processo de tomada de consciência sobre si e sobre a própria subjetividade, representando a chave para a autopercepção da identidade⁵⁹.

Nesse sentido são esclarecedores os comentários de Honneth (2003):

À constituição de uma consciência de si mesmo está ligado o desenvolvimento da consciência de significados, de sorte que ele lhe prepara de certo modo o caminho no processo da experiência individual: através da capacidade de suscitar em si o significado que a própria ação tem para o outro, abre-se para o sujeito, ao mesmo tempo a possibilidade de considerar-se a si mesmo com um objeto social das ações de seu parceiro de interação. Reagindo a mim mesmo, a percepção de meu próprio gesto vocal, da mesma maneira como meu defrontante o faz, eu me coloco numa perspectiva excêntrica, a partir da qual posso obter uma imagem de mim mesmo e, desse modo, chegar a uma consciência de minha identidade". (HONNETH, 2003, p. 127).

O processo de formação e percepção da autoidentidade se intensifica na medida em que o indivíduo promove a diversificação das suas interações intersubjetivas, tendendo a perceber-se de modos tanto mais diversos quantos forem os repertórios morais dos seus interlocutores. O que em situação de periferização e exclusão social deixa de acontecer.

Em um ambiente social favorável à livre interação intersubjetiva, os sujeitos estão propensos a formularem uma autopercepção identitária multifacetada– fruto de múltiplos estranhamentos recíprocos. Por livre entende-se aquela interação ocorrida: entre sujeitos pertencentes a subgrupos sociais distintos; sem interferências capazes de conformar antecipadamente as reações recíprocas entre os sujeitos da interação.

O referido *modelo psicossocial* de tomada de consciência sobre si, quando dirigido à investigação da formação identitária da categoria *môfi*, suscita imediatamente as indagações seguintes:

A interação intersubjetiva entre os sujeitos pertencentes à categoria môfi e os sujeitos pertencentes aos demais grupos sociais se dá de maneira livre?

De que modo a mídia interfere nos processos de produção da identidade môfi?

A pesquisa de campo realizada, sob perspectivas metodológicas diversas: etnografias da hora do almoço, entrevistas estruturadas, observação *flâneur*, e pesquisa na rede social Facebook, permitiu que fosse formulada uma resposta inicial para as questões postas acima. Para compreendê-la, retomaremos elementos já colocados.

3.2 Autorreconhecimento a partir de uma identidade periférica

Os indivíduos inscritos na categoria *môfi*, por sua vez, confrontam a hostilização ocorrida nos espaços públicos fronteiriços – espaços que antagonizam *môfis* e não *môfis* – e, que diante do estereótipo que lhes é lançado, assumem a face identitária pela qual são reconhecidos.

Exibindo uma introspecção por vezes “marrenta”, buscando transparecer uma perigosidade⁶⁰ que encontra eco nos juízos pré-moldados formulados e reproduzidos pelos grupos hegemônicos, estes sujeitos performatizam um tipo social marcado pela violência apriorística associada aos *môfis*, apesar de seus corpos franzinos, porém presentes no imaginário dos grupos hegemônicos com o reforço necessário à estigmatização.

Ao mesmo tempo em que, na *dimensão transversal* da identidade *môfi*, a interferência da produção televisiva policiaisca na construção de juízos pré-moldados forja um perfil baseado na ideia de perigosidade e exclusão, sobretudo, através das pesquisas realizadas no Facebook, que a referida interferência televisiva oportuniza, a *dimensão horizontal* da identidade *môfi*, promove entre os indivíduos

60 Pude observar esse padrão comportamental a partir da observação *flâneur* realizada em alguns locais de sociabilidade: paradas de ônibus, transporte público, Lagoa e Mercado Central da cidade.

da juventude periférica o surgimento do sentimento de pertencimento a um grupo social específico.

A formação do sentimento de pertencimento a um grupo social inscrito na juventude periférica de João Pessoa é precipitada pela difusão da *figura de representação midiática* mômí. É que ao interagir com a figura midiática dotada de seus caracteres o indivíduo reage a si mesmo, vê-se enquanto objeto social em uma perspectiva excêntrica, iniciando o processo de autoidentidade.

Na conformação da identidade pelas perspectivas da autoidentidade, a identidade coletiva dos indivíduos inscritos na categoria mômí, possui papel importante diante das experiências de desrespeito perpetradas pelos grupos sociais hegemônicos, que se substanciam na ridicularização moral televisionada, na proibição de circulação em ambientes privados de acesso público (shopping center), e no “mudar de calçada” ante a presença da juventude periférica.

Essas experiências de desrespeito provocam um sentimento de indignação nos indivíduos que identificam, nestas situações, a violação da sua identidade como pessoa. Na busca reflexiva pelas causas do desrespeito, atinam incipientemente que a base motivadora do desrespeito é o não reconhecimento deferente da moral por eles titularizadas. Essa percepção alimenta a indignação individual pela violação da sua identidade como pessoa e ao mesmo tempo indica que o desrespeito ocorre pelo fato de pertencerem a uma categoria. Resulta daí o fortalecimento da sua autopercepção identitária atrelada a uma noção de grupo. A consciência de que a experiência de desrespeito surge a partir do não reconhecimento da moral titularizada pelo seu grupo descola a indignação da esfera exclusivamente individual e promove uma percepção coletiva da questão, o que produz aproximação empática entre os indivíduos que padecem dos mesmos desrespeitos. Por essa dinâmica restará reafirmada a identidade da juventude periférica dentro da categoria mômí e o reconhecimento recíproco entre os seus membros.

Diante da discussão proposta no presente trabalho, foi identificada, na cidade de João Pessoa, uma produção televisiva policialesca que expõe a juventude periférica sob a perspectiva do desvio, formulando sobre esses indivíduos

enunciados baseados na ridicularização e inferiorização moral. Constroem, a partir desse viés, a *figura de representação midiática*⁶¹: môfí.

A partir das etnografias da hora do almoço⁶², foi possível observar a reação dos espectadores aos programas policiaiscos e as interpretações emitidas por eles em relação aos môfis apresentados na tela, donde se extraiu a existência de um alinhamento entre a perspectiva moral nutrida tanto pela mídia quanto pela audiência.

Das entrevistas estruturadas colheu-se interpretações também alinhadas aos caracteres imputados pelos programas policiaiscos à figura de representação midiática, marcadas pela associação entre a categoria môfí e o desvio/perigosidade.

Essa aproximação com o campo informou existir na interação social praticada em João Pessoa a associação da juventude periférica à categoria môfí. Além disso, observou-se a existência maciça de uma rejeição moral, nos moldes da rejeição veiculada pelos programas televisivos, aos símbolos e performances manifestos pelos jovens da subcidadania.

Destarte, a constatação da existência de uma interpretação homogênea pelos grupos não inseridos na categoria môfí, a respeito das performances e dos elementos simbólicos manifestos pelos môfis, indicou que a produção midiática policiaisca, além de iniciar o processo de demarcação e batismo de uma categoria, disseminou um estereótipo que antecipa juízos morais negativos e retira da interação intersubjetiva corpórea (face a face) a possibilidade de formação de interpretações e autopercepções recíprocas e autênticas entre os grupos estabelecidos e os môfis.

Diante do exposto conclui-se que as interações intersubjetivas necessárias à percepção das subjetividades conformadoras da identidade não ocorrem de maneira livre entre os môfis e os grupos hegemônicos por estarem presente juízos pré-moldados em torno da categoria môfí e da subcidadania.

Assim, com os estereótipos introjetados na moral hegemônica de João Pessoa pela produção policalesca, a construção da subjetividade dos indivíduos inscritos na categoria mômí não alcança uma autopercepção identitária multifacetada, tendo em vista que os mômís passam a interagir com o interlocutor, apesar dos juízos pré-dispostos pela esfera midiática.

Através do trabalho, foi possível analisar a constância do termo moral no processo de interação intersubjetiva dos mômís repercute diretamente na sua formação identitária, de modo que se pode afirmar que esta identidade adquire enquanto característica uma natureza dual, formada, de um lado; i- pelos juízos morais formulados e reproduzidos pelos indivíduos não pertencentes ao grupo mômí e, de outro lado; ii- pelos juízos formulados pelos demais indivíduos inscritos na categoria mômí.

Logo, a perspectiva de autopercepção da subjetividade mômí surgida da interação entre mômís e grupos diferentes, será aqui referida enquanto de *dimensão transversal* da identidade mômí; enquanto àquela perspectiva de autopercepção da subjetividade mômí surgida da interação entre indivíduos igualmente pertencentes à categoria mômí nos referiremos como *dimensão horizontal* da identidade mômí.

A esse respeito, observou-se que os juízos morais negativos formulados, reproduzidos e emitidos pelos grupos hegemônicos televisivos, bem como às reações antagônicas de tais grupos diante da presença de indivíduos inscritos na categoria mômí, reforçam o processo de aprofundamento da segregação, fazendo com que os mômís reforcem seus nichos de sociabilidade, identidade e autorreconhecimento.

À manifestação acrítica dos juízos pré-moldados baseados na ideia da perigosidade formulados e reproduzidos pelos grupos hegemônicos em torno do mômí soma-se a repetitiva interrupção da sociabilidade plena entre esses diferentes grupos, produzindo na cidade legisladora da moral hegemônica.

Diante destes pontos, identificou-se alguma impossibilidade de produção de percepções e autopercepções identitárias *recíprocas e autênticas*, uma convicção na pertinência dos seus julgamentos pré-moldados que, em última análise, produz experiências de desrespeito para os mômís.

3.3 Conclusões ou Heterodoxias

As análises e reflexões teóricas realizadas, com base nos elementos colhidos na pesquisa de campo, informam a existência de uma identidade periférica esboçada a partir da disseminação da *figura de representação midiática*: môfi.

Esta figura de representação midiática, na perspectiva objetivada, por sua vez, traduz uma forma de sociabilidade elaborada através de símbolos e de linguagem específica da juventude periférica, o que tem sido significado de modo diferente pela comunidade de João Pessoa, produzindo as heterodoxias dualistas da representação môfi.

À esta produção de sentidos morais antagônicos em torno da categoria môfi atribuiu-se o cerne da tensão social existente entre a juventude periférica e os grupos hegemônicos, de onde surgem experiências de desrespeito e a consequente luta social por reconhecimento desta identidade periférica.

Estas tensões foram capturadas analiticamente através de termos reincidentes que revelam alguns sentidos de uma identidade periférica. Logo, foi observado que alguns termos utilizados pelos *empreendedores do grotesco* se repetem através das publicações produzidas por estes jovens. Gírias e chavões, apelidos como “Trakino”; “Jamaica” e “Koringa” fazem alusão ao seu universo simbólico rechaçado moralmente pela mídia de massa enquanto sinais de criminalidade, sob uma ótica positivada e de autoafirmação.

Através da pesquisa pôde-se observar que a afirmação de uma identidade calcada em uma condição de classe estigmatizada midiaticamente, disputa elementos comuns com os ditames morais hegemônicos, como por exemplo, a exaltação da moda e de sua localidade periférica através da rede social, o que configura, portanto, contraponto de autoafirmação: o conflito moral.

Na *figura de representação midiática môfi* estão inscritos os elementos objetivos de identificação da sociabilidade da juventude periférica: desde o vestuário até a expressão corporal. Nesta figura, passa a caber a face de qualquer indivíduo pertencente à juventude periférica, desde que continuem aderindo aos seus símbolos.

Desde modo, constatou-se que as experiências de desrespeito produzidas pela mídia policialesca e pela moral dos grupos sociais hegemônicos não foram suficientes para desestimular a juventude periférica a aderir a determinados símbolos de sociabilidade, e deste modo, o jovens de periferia da cidade, passaram a ser conhecidos como *môfi* pelos indivíduos pertencentes aos grupos sociais hegemônicos; assumiram individualmente a síntese nominal midiaticamente produzida; e passaram a reconhecer seus pares também a partir da categoria *môfi*, esboçando assim a identidade periférica *môfi*.

Enquanto resultado analítico identificou-se heterodoxias oriundas da categoria *môfi* com o objetivo de referenciar empiricamente antagonismos interpretativos e referenciando os elementos morais impulsionadores da luta social em curso.

De acordo com o estudo da linguagem sobre o surgimento de terminologias morais, a exemplo dos *môfis* e pelas lutas diversas por estes produzidas em determinado contexto histórico, é imprescindível a observância de que tais termos, enquanto produtos simbólicos traduzem subjetividades, identidades e manifestações sociais, expressam uma condição de classe que situa esses jovens à margem de uma normatividade.

À iminência de morte foi dado o destaque necessário, tendo em vista que a expressão encontrada em postagens da rede social demonstra a repercussão dos números encontrados, por exemplo, no Mapa da Violência (2012, 2014, 2016). Foi observada a produção de sujeitos e de uma identidade que se relaciona com um horizonte de possibilidades incerto. A vida futura dessa juventude e a concretude da condição de existência material e corpórea se apresentam em um lugar de *liminaridade*, como sugere Van Gennep (1978).

Entretanto, a condição de *assujeitamento* promovida pela indústria cultural dos empreendedores do grotesco na mídia de massa se manifestou de maneira inovadora através da *transcendência* de traços que constituem uma identidade periférica através da performance inscrita em manifestações observadas na cidade (transporte público, principalmente), fotografias e animações gráficas.

Assim, escrita através de uma gramática de terminologias oriundas de um *lugar social* que informa sobre as condições da juventude na subcidadania a

sequência de imagens e tabelas a seguir analisa algumas noções da sociabilidade dos jovens de periferia intitulados *môfis*.

Este trabalho buscou analisar constituição de uma identidade periférica: os *môfis* de João Pessoa, sua relação com a indústria cultural local e a produção de valores morais. A experiência da pesquisa buscou situar e compreender as disputas de valor e conflitos sociais que organizam essa identidade a partir das tensões cotidianas da audiência de um programa de TV local, bem como através dos elementos expressos através de termos, gestos e símbolos (aos quais chamei de *heterodoxias*) disputados entre os diferentes estratos sociais.

As noções, símbolos, localidades, maneiras de utilizar-se do corpo, dentre outros atributos estigmatizados através da técnica não neutra da indústria cultural desempenhada pelos programas policiaiscos, se mostraram enquanto *heterodoxias* – palavras com dupla aplicabilidade moral. Os grupos que fazem menção ao universo simbólico pertencente ao modo de vida proveniente das pessoas inseridas na condição de subcidadania mostraram referirem-se a este universo repelindo-o.

Desta maneira, através na análise possibilitada pela pesquisa, encontramos em falas e diálogos menções aos termos da subcidadania que funcionam enquanto fronteiras morais. Estas fronteiras são, portanto, construídas pelos indivíduos na interface com uma moral hegemônica e inquestionada, e neste processo, os meios de comunicação de massa interferem diretamente, instaurando através da indústria cultural um conjunto de sentidos, símbolos e subjetividades morais sobre a vida das pessoas mais pauperizadas da sociedade brasileira.

Em João Pessoa, através das entrevistas, observamos que, ao serem perguntados sobre os *môfis*, os *transeuntes* enfatizam alguns aspectos da expressão das pessoas, e neste caso, os jovens da periferia. Na descrição destas pessoas, os *môfis* são identificados pelos sinais diacríticos da moda juvenil utilizada pelas pessoas da periferia. Essas descrições demonstraram o caráter por vezes, jocosos, por vezes excêntricos. Foi possível perceber também que nas narrativas populares capturadas pela pesquisa o medo a esses indivíduos é latente.

É importante enfatizar que apesar do estigma imputado a esses jovens pauperizados, foram encontradas tensões e respostas aos estigmas e enunciados

de exclusão produzidos pela mídia local. A análise sociológica identificou traços da luta por reconhecimento dentro do grupo estigmatizado, de modo que a pesquisa aponta elementos que buscam confrontar a exclusão e as experiências de *desrespeito* produzidas através da mídia de massa local.

Através do trabalho de Jessé Souza (2006) foi possível se aproximar dos elementos morais da experiência de subcidadania no Brasil contemporâneo, elaborando uma relação entre subcidadania e a produção de uma gramática moral sobre a experiência social da juventude da cidade a partir da condição de pobreza. Foi possível observar, em enunciados morais, elementos discursivos a economia simbólica e valorativa que permeia as relações entre os indivíduos, determinando, assim, sucessos e fracassos, possibilidades de *reconhecimento*, Honneth (2003), diferenciação social e *estigma*, Goffman (1974) a partir da autonomização de esferas: sociais e midiáticas, num fenômeno próprio da modernidade que é afetado pela condição periférica. Foi verificado que esferas midiáticas e redes de comunicação online se mostraram enquanto *autopoiéticas* por serem capazes de operar com base em suas próprias operações, assim, se autoproduzindo como argumenta Luhmann (2012:47).

Desta maneira, o presente trabalho se aproximou em alguns momentos de discussões contemporâneas pertinentes e presentes na opinião pública sobre temas como: a mortalidade e a violência que acomete a juventude periférica brasileira; os “rolezinhos”; redução da maioridade penal no Brasil de dezoito para dezesseis anos; sociabilidade e consumo da periferia; lazer; direito à cidade; tráfico de drogas; programas policiais e infração aos direitos humanos; racismo institucional; dentre outras temáticas que tocam a realidade do grupo estudado.

Assim, os impedimentos e limites de alteridade encontrados durante o trabalho de campo, tendo em vista que além de pesquisadora, minha condição enquanto mulher negra e, relativamente jovem, tornou a aproximação com os jovens pesquisados dificultada e impossibilitada em inúmeros momentos.

Por fim, foi verificado que na interação entre diferentes classes de uma dada sociedade conflitos são indicativos de modos de diferenciação social e também indicam os sentidos das transformações sociais. Através da *figura social de*

representação midiática – môfi – foi possível analisar uma maneira existente de luta por reconhecimento a partir do universo moral e simbólico constituído na interface da luta de classes. Lugares, termos e categorias de classificação foram encontrados nos discursos produzidos pelos grupos hegemônicos da cidade e também no repertório moral dos jovens. Para uma melhor explanação analítica esses termos foram denominados de *heterodoxias* para melhor explanação do entendimento acerca da disputa moral em uma dada sociedade.

Diante disto, a necessidade de adequação entre pressupostos teóricos e a realidade observada determinaram e limitaram dimensões e possibilidades de observação do fenômeno social estudado. A capacidade analítica foi condicionada, em grande parte, pelos limites epistemológicos das teorias utilizadas, tendo em vista que, a teoria crítica *honnethiana*, apesar de buscar preencher as lacunas deixadas por Habermas acerca dos processos ideais de emancipação humana, deixa modelos de sociedade de fora de conceitos e enquadramentos teóricos fundamentais para compreender a sociedade brasileira, como por exemplo: a interface entre os problemas de colonialidade e o argumento sobre moralidade.

No que condiz às explicações contemporâneas acerca dos desdobramentos de trabalhos acerca do gerenciamento da violência, Mbembe (2018) dialoga com Arendt e Foucault, sobre o modo como o imperialismo, isto é, a moderna civilização ocidental é precursora dos campos de concentração nazistas, isto é, a expansão ampliação da política praticada no ocidente. Este ponto se relaciona com o trabalho de Fanon (1968) sobre a população não europeia entendida como *incompletos de humanidade*, caracterizando o que seria a desumanização dos corpos e do território através de delimitação de fronteiras, mapeamentos e proibição, ou seja, a invenção de uma estrutura destruindo outra, tanto no sentido físico como nos códigos de conduta, etc.

Assim, o fenômeno social de luta por reconhecimento de uma classe à qual é negada direitos básicos como a cidadania traz à tona alguns limites de compreensão sociológica. Testando conceitos e reformulando explicações teóricas, a práxis sociológica atualiza as possibilidades de interpretação de dados contemporâneos do presente de grupo que, apesar de outsider, é representativo do expressivo estrato social brasileiro – os jovens negros da periferia brasileira. Por fim, foi preciso se

deslocar enquanto pesquisadora, e realocar noções de normatividade e exclusão para compreender a exclusão da maioria.

Môfis, portanto, não são exceções, eles são a maioria populacional, a regra da exclusão social no Brasil.

ANEXOS

1. Relatório de termos:

Sagaizinho	Sagaz
Trakino	Traquino
Lombradinho	Lombrado, drogado
Koringa	Coringa/Palhaço: totem de algumas facções criminosas
Jamaica	Alusão ao uso de maconha
Cumadês	Comadre, compadre
Môfis	Meu filho regionalizado, marginal, jovem da periferia
Boy, Novinha	Adolescente feminino/masculino

2. Índice expressões:

Captura 1: Vida lôka; de passagem.

Captura 2: Ponte Preta

Captura 3: CAC

Captura 4: Môvei

Captura 5: Boy

Captura 6: Boyzinha

Captura 8: Motô (motorista). Integra (Terminal de integração rodoviária)

Captura 9: Inimigu

Captura 10. Ponte Preta

Captura 11: Ostentação; Môfi

Captura 12: Novinha

Captura 13: Lazer

Captura 14: Consumo, marcas de roupa Cyclone

Captura 15: Consumo

Captura 16: Violência

Capturas: 17, 18, 19: Môfí também protesta

Captura 20: Quebrada

Captura 21: Okaida

Captura 22: Pertencimento ao bairro

Captura 23: Humildade

Captura 24: Alemão

Captura 25: Amor de mãe

Captura 26: Comando Vermelho

Captura 27: Proteção senhor.

Captura 28: Éhnois.

Captura 32: Deus, chão

Captura 33: Vida lôka; Jesus

Captura 34: Fecha.

Observação:

Os termos acima citados se relacionam com as tabelas ao final do texto. Estes termos foram essenciais para compreender o universo moral inerente à sociabilidade dos jovens. A gramática social da luta por reconhecimento da subcidadania se baseia em um repertório de linguagens e sentidos próprios da sociabilidade periférica.

3. A performance online

Victor Turner, fala de *performance* enquanto um processo constituído por cinco momentos:

“1) sensação de dor ou prazer; 2) imagens de experiências passadas são evocadas; 3) emoções associadas a essas experiências do passado são revividas; 4) um sentido: significado é gerado na medida em que conexões se estabelecem, fazendo com que o passado e o presente se encontrem e 5) a experiência se completa através de uma forma de expressão”. TURNER (1982:91).

Foi observado que os jovens da periferia utilizam a plataforma online enquanto lugar de encontro, performance e compartilhamento de noções coletivas sobre sociabilidade; gênero; classe; possibilidades de existência; perspectivas de futuro, dentre outras dimensões da vida na subcidadania. Esses elementos podem ser observados nas tabelas a seguir que demonstram através das falas emitidas e terminologias em páginas e perfis de usuários da rede social pertencentes à subcidadania (estrato social recortado para análise) formas de interação, identidade, e contestação do estigma, além de formas de luta por reconhecimento.

Nas imagens a seguir, serão analisados alguns elementos constitutivos de uma gramática moral que denominei *heterodoxias*, utilizada por esses jovens nas redes sociais.

O intuito da pesquisa, neste ponto, é identificar elementos; palavras; gestos; dentre outros sinais que delineiem a luta por reconhecimento a partir de uma categoria social de desvio (môfi) associada aos jovens da subcidadania.



Captura de tela 1.

Data/Fonte:	Dezembro de 2012. Página: “Eu sou môfi”. Site de relacionamento Facebook.
Elementos visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfi</i> . Boné Nike; corrente no pescoço; camisa de marca NA. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”.
Conteúdo textual, principais noções:	“A vida é loka e nela eu to de passagi”. Menção imprevisibilidade dos fatos; vida efêmera.



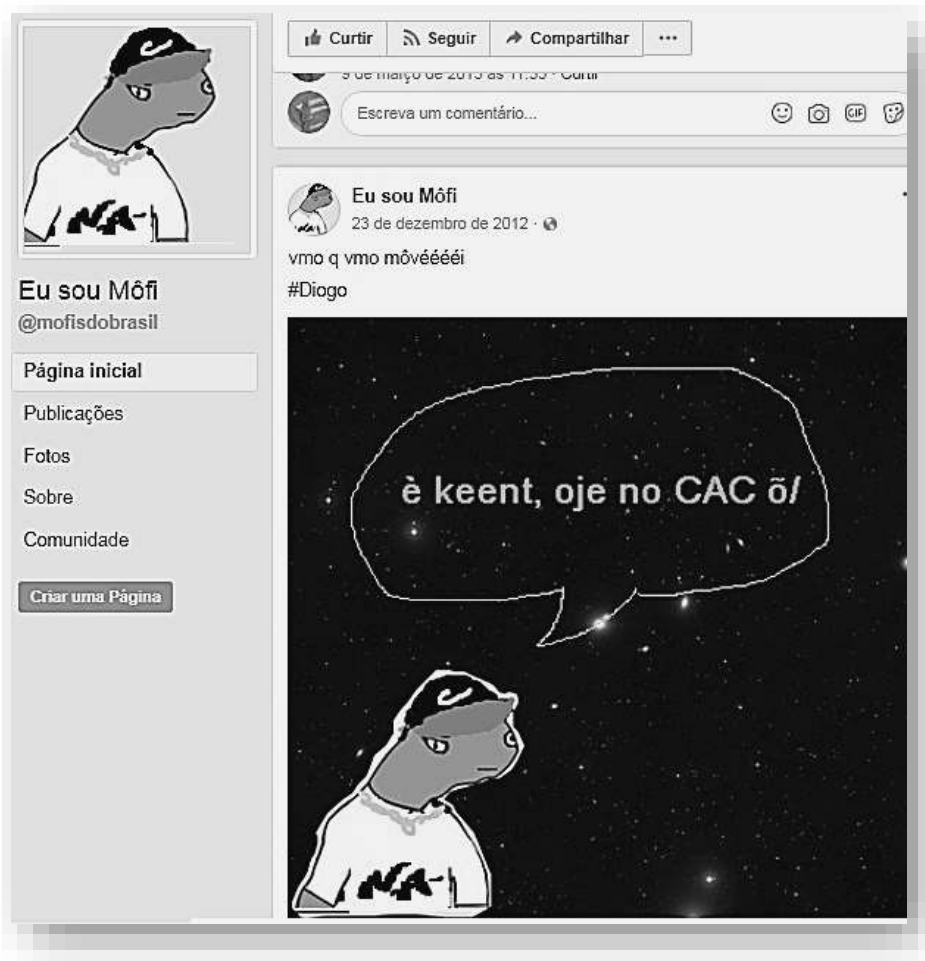
Captura de tela 2.

Data/Fonte:	Dezembro de 2012. Página: “Eu sou môfi”. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfi</i> . Boné Nike; corrente no pescoço; camisa de marca NA. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”.
Conteúdo textual, principais noções:	“Hoje é na pooonte, hõomi õ/ é daquele modelo vuum”. Noções de pertencimento; referência à casa de shows: Ponte Preta, localizada no bairro Mandacaru na zona norte da cidade.



Captura de tela 3.

Data/Fonte:	Março de 2013. Página: “Eu sou môfi”. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfi</i> . Boné Nike; corrente no pescoço; camisa de marca NA. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”.
Conteúdo textual, principais noções:	“Curta aê movei, q môfi dá valô JERAAL”. Convite para curtir/seguir a página. Escreve o português informal. Presença de gírias: movei; môfi; “jeral”.



Captura de tela 4.

Data/Fonte:	Dezembro de 2012. Página: “Eu sou môfi”. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfi</i> . Boné Nike; corrente no pescoço; camisa de marca NA. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”.
Conteúdo textual, principais noções:	“vmo q vmomôvééééi #Diogo”; “É keentoje no CAC õ/”. Escreve o português informal. Presença de gírias: movei; kent.



Captura de tela 5.

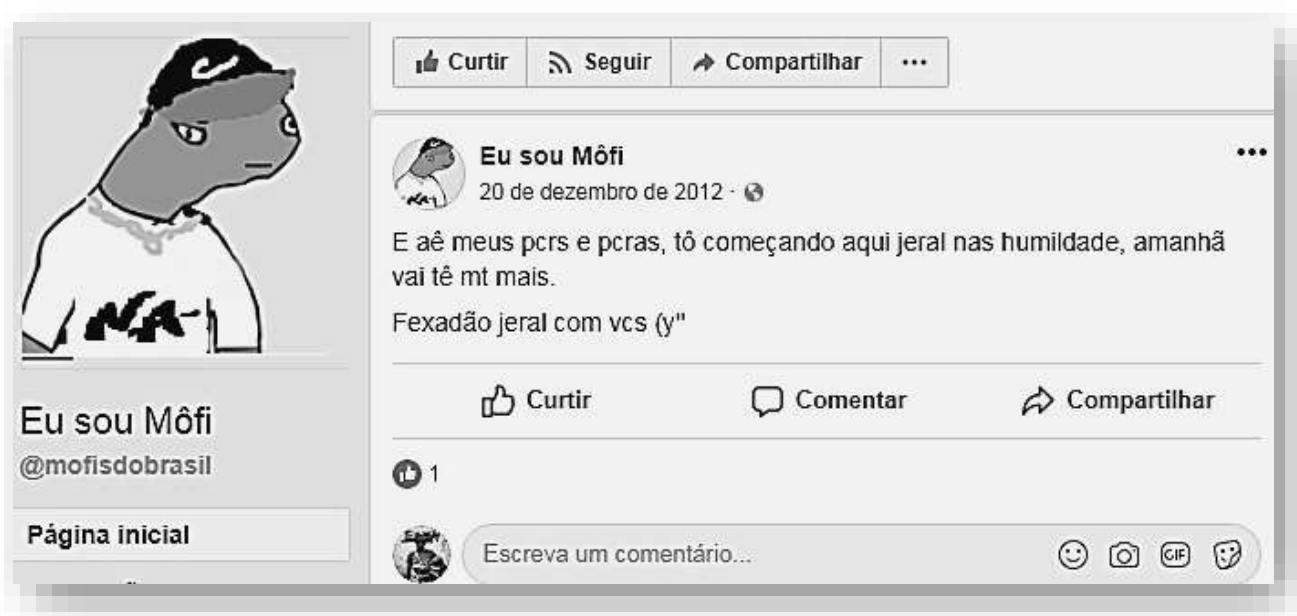
Data/Fonte:	Dezembro de 2012. Página: “Eu sou môfi”. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfi</i> . Boné Nike; corrente no pescoço; camisa de marca NA. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”.
Conteúdo textual, principais noções:	“vmo q vmomôvéééi #Diogo”; “É keentoje no CAC õ/”. Escreve o português informal. Presença de gírias e expressões regionais: oxe; viçano; ai dento; hõmi.



Captura de tela 6.

Data/Fonte:	Dezembro de 2012. Página: “Eu sou môfi”. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfi</i> . Boné Nike; corrente no pescoço; camisa de marca NA. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”.
Conteúdo textual, principais noções:	“ei boyzinha, cole na minha que é sucesso vum”; “boyzinha me chama de hospício e vem ser vida loka comigo”. Escreve o português informal. Presença de gírias e expressões regionais: boyzinha; cole; vida loka. Faz menção à masculinidade heteronormativa. Referência ao

	hospício, noções de loucura.
--	------------------------------



Captura de tela 7.

Data/Fonte:	Dezembro de 2012. Página: “Eu sou môfi”. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfi</i> . Boné Nike; corrente no pescoço; camisa de marca NA. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”.

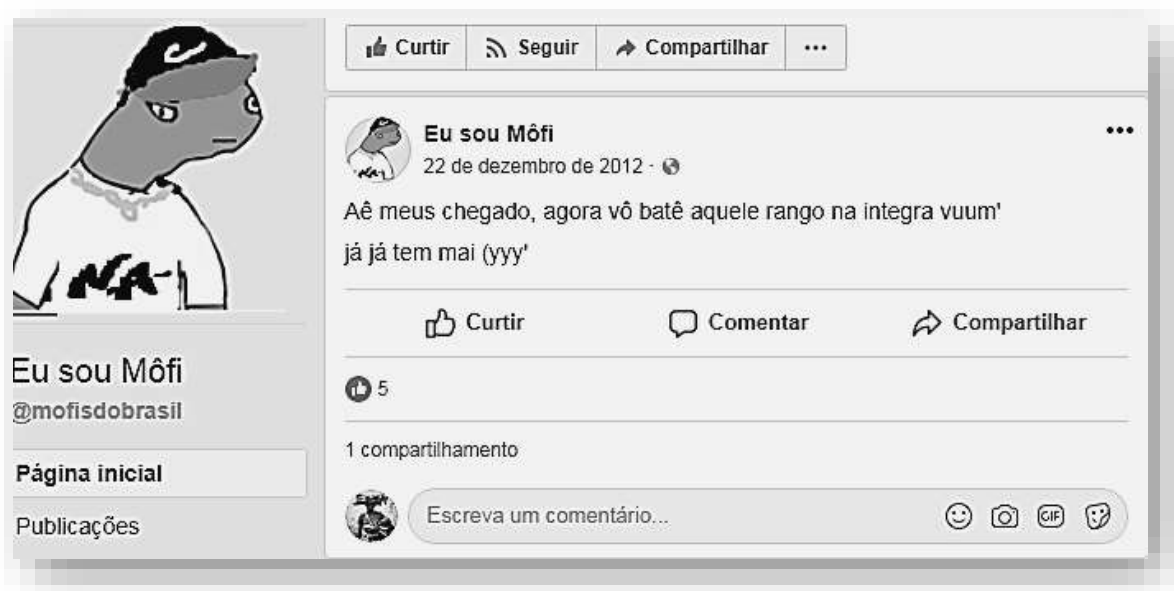
Conteúdo textual, principais noções:	“e aê meus parceiros e parceiras, to começando aqui jeral nas humildade, amanhã vai têmt mais. Fexadão jeral com vcs (y”. Escreve o português informal. Presença de gírias e expressões regionais: parceiros; fexadão, etc.
--------------------------------------	--



Captura de tela 8.

Data/Fonte:	Dezembro de 2012. Página: “Eu sou môfi”. Site de relacionamento Facebook.
-------------	---

Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfi</i> . Boné Nike; corrente no pescoço; camisa de marca NA. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”.
Conteúdo textual, principais noções:	“vaaidescêêmotôô”. Escreve o português informal. Presença de gírias e expressões regionais: moto. Alusão ao motorista do ônibus (transporte público).



Captura de tela 8.

Data/Fonte:	Dezembro de 2012. Página: “Eu sou môfi”. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfi</i> . Boné Nike; corrente no pescoço; camisa de marca NA. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”.

Conteúdo textual, principais noções:	“aê meus chegadoo, agora vô batê aquele rango na integra vuum. Jajá tem mai (yyy”. Escreve o português informal. Presença de gírias e expressões regionais: integra; chegado; mai. etc. Integra diz respeito ao terminal de integração rodoviária da cidade.
--------------------------------------	---



Captura de tela 9.

Data/Fonte:	Dezembro de 2012. Página: “Eu sou môfi”. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfi</i> . Boné Nike; corrente no pescoço; camisa de marca NA. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”. Gorro natalino com símbolo da marca Nike.

Conteúdo textual, principais noções:	“Feliiais Natal e Ano novo prus meus amigo considerado”; “Prusinimigu... só lamento vuum”. Escreve o português informal. Presença de gírias e expressões regionais. Menciona amizades e rivalidades.
--------------------------------------	--

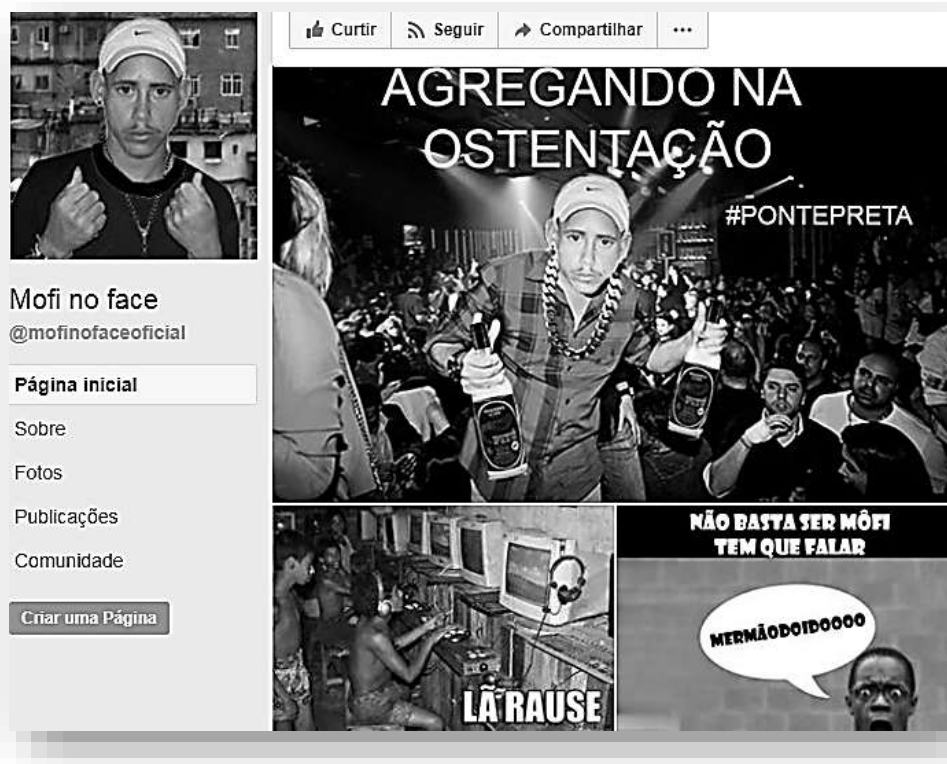


Captura de tela 10.

Data/Fonte:	Dezembro de 2012. Página: “Eu sou môfi”. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfi</i> . Boné Nike; corrente no pescoço; camisa de marca NA. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”. Imagens de bebidas alcoólicas fortes e baratas.

Conteúdo textual, principais noções:

“não basta ser môfí, tem que postar foto das bebida pra virada do ano”.
Escreve o português informal. A postagem é um compartilhamento de outra página analisada: “Môfí no face”.



Captura de tela 11.

Data/Fonte:	Maio de 2014. Página: “Môfí no face”. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfí</i> . Boné Nike; corrente no pescoço; polegares acenam o chamado “joinha”. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”. Montagem fotográfica com favela no segundo plano da imagem. Imagens de bebidas alcoólicas fortes e baratas. Colagem do mesmo rosto usando camisa social;

	corrente grossa. Imagem de um homem negro no plano inferior da montagem. Crianças seminuas utilizam computador de modelo antigo (lado esquerdo da montagem).
Conteúdo textual, principais noções:	“não basta ser mofí, tem que falar mermããã”. “#pontepreta”; “lã rause”. Escreve o português informal. A referência à casa de shows no bairro Mandacaru: Ponte Preta aparece nesta página também.



Captura de tela 12.

Data/Fonte:	Maio de 2014. Página: “Môfí no face”. Site de relacionamento Facebook.
-------------	--

Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfi</i>. Boné Nike; corrente no pescoço; polegares acenam o chamado “joinha”. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”. Montagem fotográfica com favela no segundo plano da imagem. Na publicação fotografia com dez mulheres jovens trajando roupas curtas e fazendo gestos com as mãos, algumas estão agachadas.
Conteúdo textual, principais noções:	“Amanhã as novinha do beco de Zé Borges estarão presentes na manifestação. Mas é pra protestar, não pra paquerar”. O Beco de Zé Borges é uma região do bairro Mandacaru. O Mesmo bairro da casa de shows: Ponte Preta. Escreve o português informal. Novinha? 9(nove)inha (garota jovem).



Captura de tela 13.

Data/Fonte:	Janeiro de 2012. Página: “Môfí no face”. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfí</i> . Boné Nike; corrente no pescoço; polegares acenam o chamado “joinha”. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”. Montagem fotográfica com favela no segundo plano da imagem.
Conteúdo textual, principais noções:	“Môfí bem novim” faz alusão ao modo como o repórter Emerson Machado costuma chamar os jovens presos em flagrante. Na publicação o adolescente de 12 anos é chamado de “bicho bravo”. O “Ponto de Cem Réis” é uma

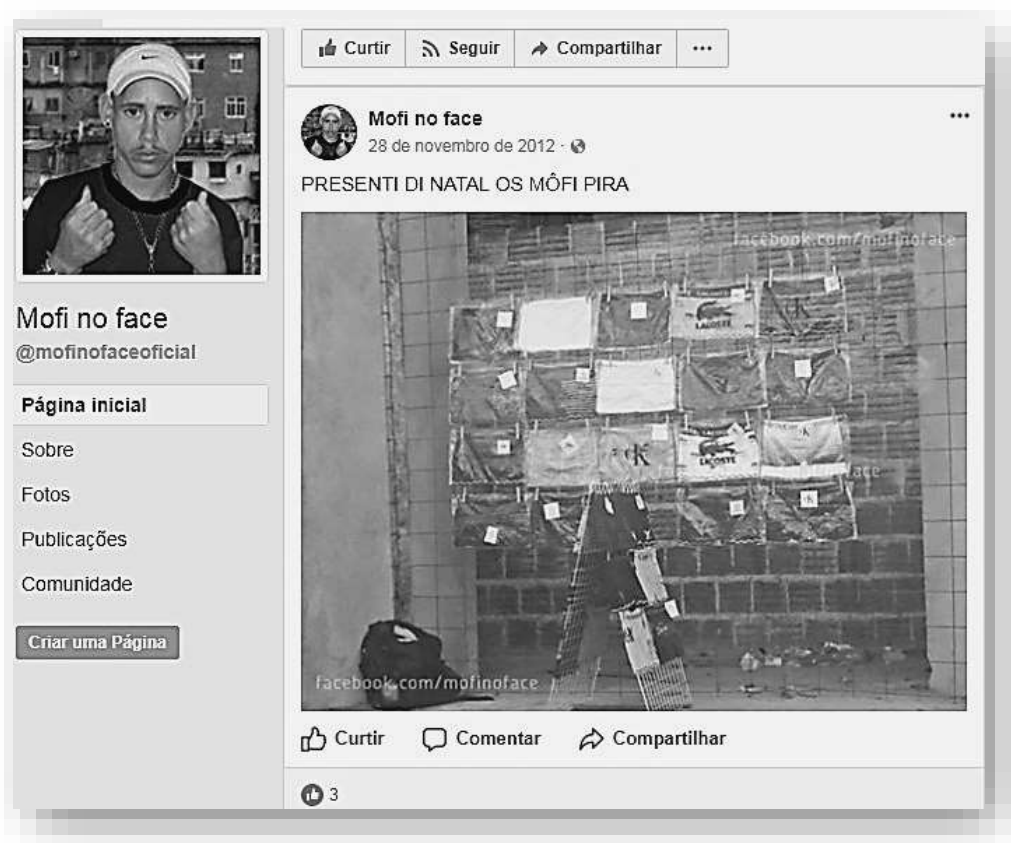
	praça na região no centro de João Pessoa. No local, shows e apresentações costumavam concentrar grande público em shows gratuitos. “Ponte Preta” é a casa de shows do bairro: Mandacaru. “Môfizada” coletivo de môfis. Ideia de grupo, galera.
--	---



Captura de tela 14.

Data/Fonte:	Dezembro de 2012. Página: “Môfi no face”. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfi</i> . Boné Nike; corrente no pescoço; polegares acenam o chamado “joinha”. Valorização de marcas de roupas.

	“Ostentação”. Montagem fotográfica com favela no segundo plano da imagem. Na publicação mapa do centro da cidade marcando o Shopping Tambiá.
Conteúdo textual, principais noções:	“Provano os pano da cyclone”. Alusão ao consumo de produtos e roupas de determinada marca. Consumo no shopping. Escreve o português informal.



Captura de tela 15.

Data/Fonte:	Novembro de 2012. Página: “Môfi no face”. Site de relacionamento Facebook.
-------------	---

Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfi</i> . Boné Nike; corrente no pescoço; polegares acenam o chamado “joinha”. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”. Montagem fotográfica com favela no segundo plano da imagem. Na publicação fotografia de uma “arara” com camisas de marca.
Conteúdo textual, principais noções:	“Presentidi natal os môfi pira”. Alusão ao consumo de produtos e roupas de determinada marca. Consumo no shopping. Escreve o português informal.



Captura de tela 16.

Data/Fonte:	Junho de 2013. Página: “Môfi no face”. Site de relacionamento Facebook.
-------------	---

Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfi</i> . Boné Nike; corrente no pescoço; polegares acenam o chamado “joinha”. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”. Montagem fotográfica com favela no segundo plano da imagem.
Conteúdo textual, principais noções:	“Bomba de São João aqui na comunidade é tenso, ninguém sabe si é bomba mermo ou se é tiro”. Alusão à incidência de tiroteios na periferia que retrata. Escreve o português informal.



Captura de tela 17.

Data/Fonte:	Junho de 2013. Página: “Môfi no face”. Site de relacionamento Facebook.
-------------	---

Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfi</i>. Boné Nike; corrente no pescoço; polegares acenam o chamado “joinha”. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”. Montagem fotográfica com favela no segundo plano da imagem. Publicação com montagem de jovem que parece ser o mesmo da foto principal da página. Roupas e bonés semelhantes.
Conteúdo textual, principais noções:	“Ei quinta to lá nu protesto vum naquele modelinho”. A publicação faz alusão ao ato em protesto à discriminação de jovens negros no shopping Tambiá. “Môfi também protesta”. Escreve o português informal. Alusão à participação popular no protesto.



Captura de tela 18.

Data/Fonte:	Junho de 2013. Página: “Môfi no face”. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfi</i> . Boné Nike; corrente no pescoço; polegares acenam o chamado “joinha”. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”. Montagem fotográfica com imagem do mesmo jovem sendo que com uma máscara popularmente conhecida através do filme: “V de Vingança”. Essa máscara também foi bastante utilizada nas “Jornadas de Junho” (2013) pelos “Black Blocks” em protesto ao aumento dos preços das passagens de ônibus em São Paulo.

Conteúdo textual, principais noções:	“O bonde do R\$: 3,20 é a nova sensação. E pra começar chama a polícia contra a manifestação. Joga bomba no chão vai. A pedidos do presidente, vem governo representando, vem governo maravilha, aumentando, aumentando”. Escreve o português informal.
--------------------------------------	--



Captura de tela 19.

Data/Fonte:	Outubro de 2013. Página: “Môfí no face”. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Imagem gráfica representando o <i>môfí</i>. Boné Nike; corrente no pescoço; polegares acenam o chamado “joinha”. Valorização de marcas de roupas. “Ostentação”. Publicação compartilha notícia sobre a manifestação em frente

	ao shopping Tambiá quando protestavam sobre o racismo contra jovens negros e de periferia no interior do shopping ⁶³ .
Conteúdo textual, principais noções:	“Tamojundo e misturado”. Faz alusão à expressão bastante difundida pelas periferias de todo o país. Escreve o português informal.



Captura de tela 20.

Data/Fonte:	Março de 2014. Perfil de usuário intitulado: “CumadêsMôfis Pops”. Site de relacionamento Facebook.
-------------	--

⁶³<http://www.jornaldaparaiba.com.br/sem-categoria/shopping-fecha-portas-mais-cedo-por-conta-de-protesto.html>

Elementos Visuais:	Imagem de perfil com jovem negro utilizando boné da marca Nike.
Conteúdo textual, principais noções:	Publicação com frase: “Representa tua quebrada aê”. Hashtags fazem menção ao bairro Valentina de Figueiredo, na zona sul da cidade. Escreve o português informal: “aê”.



Captura de tela 21.

Data/Fonte:	Novembro de 2013. Perfil de usuário intitulado: “CumadêsMôfís Pops”. Site de relacionamento Facebook.
-------------	---

Elementos Visuais:	Imagem de perfil com jovem negro utilizando boné da marca Nike. Postagem de fotografia na qual o jovem utiliza correntes metálicas no pescoço. Faz gesto com as mãos no formato da letra alfabética: O.
Conteúdo textual, principais noções:	Publicação com frase: “Esse daê é da O.K.D (Okaida)”. Okaida é uma das facções que disputa o tráfico de drogas na cidade. Escreve o português informal: “daê”.



Captura de tela 22.

Data/Fonte:	Acessado em junho de 2018. Página do Bairro São José no site de
-------------	---

	relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Fotografia aérea do bairro visto de cima mostra urbanização ribeirinha e construções pauperizadas.
Conteúdo textual, principais noções:	Avaliações feitas por usuários da rede social. “BJS (Bairro São José)”; “Eu adoro. Mim criei nó bairro São José. Minha favela. É certo de mais”. A página com 600 curtidas representa a periferia da cidade representada e “seguida” na rede social. Escreve o português informal: “Mim”.



Captura de tela 23.

Data/Fonte:	Acessado em junho de 2018. Publicação de usuário da rede social/morador do bairro na página do Bairro São José. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Fotografia de quatorze jovens utilizando vestimenta preta e branca (alvinegro). Alguns utilizam bonés e óculos escuros mesmo a noite. Fazem gestos simulando revólveres com as mãos.
Conteúdo textual, principais noções:	Não há legenda na imagem publicada pelos jovens do bairro. A comunicação visual representa uma galera. Imagem de teor provocativo.



Captura de tela 24.

Data/Fonte:	Maio de 2018. Publicação de usuário da rede social/morador do bairro na página do Bairro São José. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Fotografia de jovem utilizando boné e corrente metálica. Gestual simula um revólver.
Conteúdo textual, principais noções:	“Aquele que cai e levanta é muito mais forte do que aquele que nunca caiu. #mais um na humildade. Bom dia pra

	nós.” Sentido de superação.
--	-----------------------------



Captura de tela 25.

Data/Fonte:	Maio de 2018. Publicação de usuário da rede social/morador do bairro na página do Bairro São José. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Fotografia de jovem utilizando boné; óculos escuros espelhados, bermuda tactel e corrente metálica. Gestual simula “joinha” e letra alfabética: O em alusão á facção Okaida.

Conteúdo textual, principais noções:	“Brota alemão mizera”. Os alemães são os jovens pertencentes á facção rival: Estados Unidos. Através da imagem é possível observar os vários gestos que o rapaz executa em sua performance online como se comunicasse algo. Hostilidade presente no xingamento: mizera. Alusão a miséria.
---	--



Captura de tela 26.

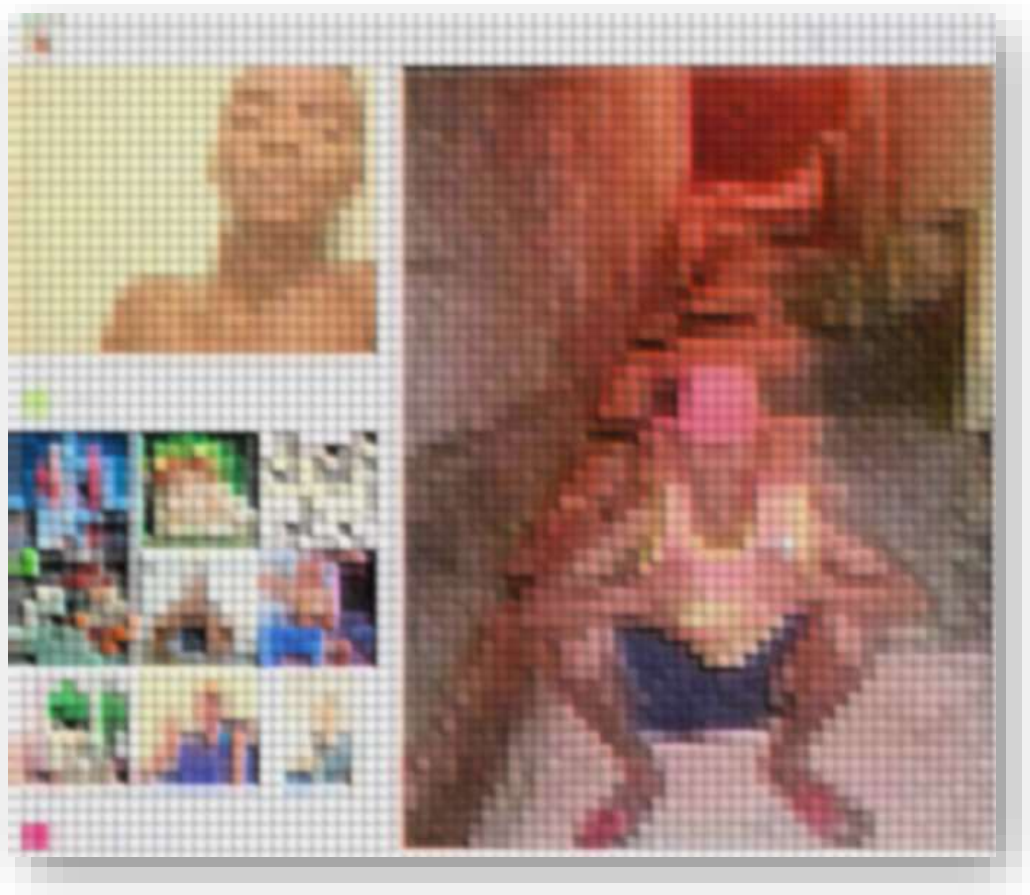
Data/Fonte:	Março de 2018. Publicação de usuário da rede social/morador do bairro na página do Bairro São José. Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Fotografia de jovem negro utilizando boné Nike. Gestual simula “joinha”.
Conteúdo textual, principais noções:	“Amor eterno aquela que mim crio”. Na linguagem juvenil a frase é uma resposta a alguma desilusão romântica. Escreve o português informal: “crio” /criou. No caso a própria mãe.



Captura de tela 27.

Data/Fonte:	Março de 2018. Publicação de usuário da rede social/morador do bairro na página do Bairro São José: LombradinhoLaysa com Juan KoringaBsj (Bairro São José) Medeiros.
-------------	--

	Site de relacionamento Facebook.
Elementos Visuais:	Fotografia de dois jovens fazendo gestos: “joinha” e letra alfabética O associada à facção Okaida.
Conteúdo textual, principais noções:	“A chapa é quente e o gato é preto e o comendo é vermelho”. Comando Vermelho é a facção carioca associada à Okaida. A facção Estados Unidos, por sua vez, é associada ao PCC.



Captura de tela 29.

Data/Fonte:	Março de 2018. Publicação de usuário da rede social/morador do bairro na
-------------	--

	página do Bairro São José: LombradinhoLaysa.
Elementos Visuais:	Fotografia do jovem agachado fazendo o “joinha”. Utiliza boné da marca Nike na cor rosa-choque e sandálias Kenner.
Conteúdo textual, principais noções:	Não existe legenda.



Captura de tela 30.

Data/Fonte:	Junho de 2018. Publicação de usuário da rede social/morador do bairro na página do Bairro São José.
Elementos Visuais:	Fotografia de jovem fazendo gesto com uma das mãos o “joinha” ou “hangloose”. Utiliza boné da marca Nike

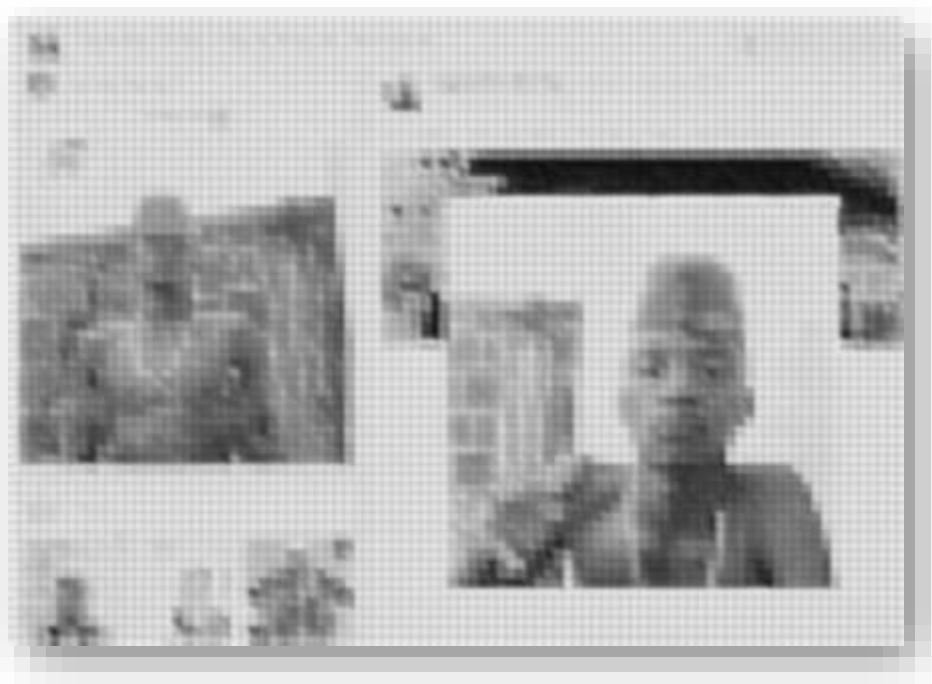
	na cor rosa-choque e sandálias Kenner.
Conteúdo textual, principais noções:	“Se não for pra mim o senhor abra meus olhos me ensina o caminho e proteja minhas costas, porque disposição nós tem de sobra”. Escreve o português informal: “nós tem”. Existe um sentido de que precisa ser salvo ou de proteção.



Captura de tela 31.

Data/Fonte:	Junho de 2017. Publicação de usuário da rede social/morador do bairro na página do Bairro São José: Ivan Trakino.
-------------	---

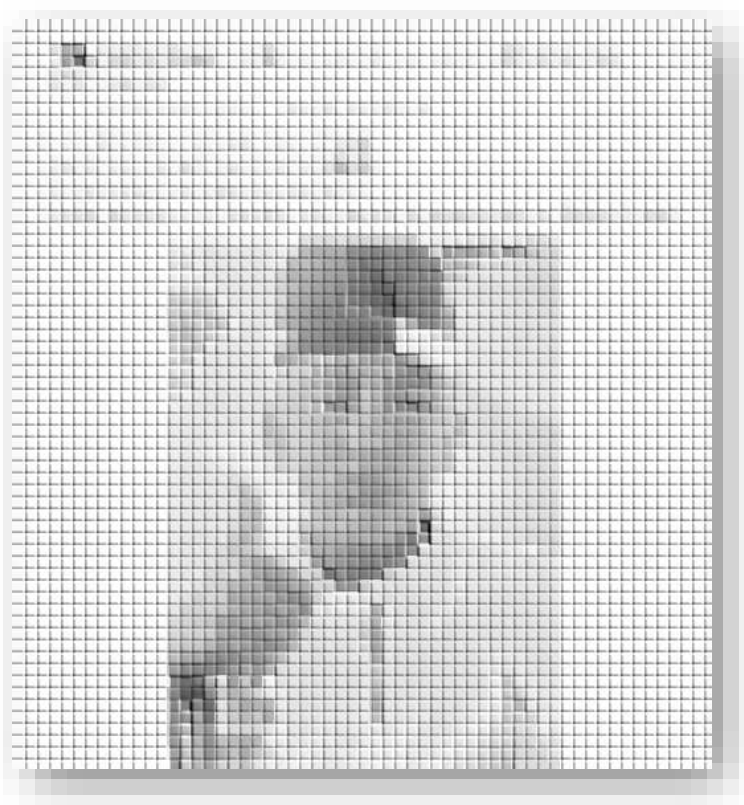
Elementos Visuais:	Fotografia de dois jovens fazendo gestos com as mãos o “joinha” ou “hangloose”. Utiliza boné da marca Nike na cor laranja, correntes e pulseiras metálicas. Estão sentados ou agachados.
Conteúdo textual, principais noções:	“Demorow, ehnóis, tranqüilidade geral”. Escreve o português informal: “nóis, geral”. Existem um comentário de “LombradinhoLaysa” na postagem .



Captura de tela 32.

Data/Fonte:	Maio de 2018. Publicação de usuário da rede social/morador do bairro na página do Bairro São José: LombradinhoLaysa.
Elementos Visuais:	Fotografias de jovem fazendo gestos com as mãos o “joinha” ou “hangloose”. Utiliza boné da marca Nike na cor

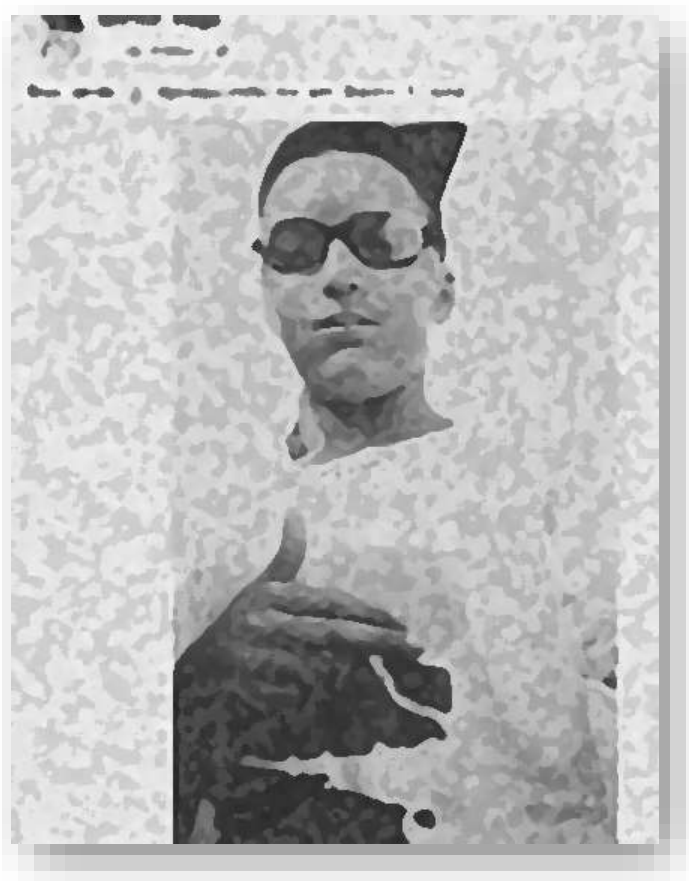
	vermelho, correntes e pulseiras metálicas. Ema das fotos está agachado ou sentado.
Conteúdo textual, principais noções:	“Em quanto Deus for meu chão não a quem mim derrubar”. “Solteiro”. Escreve o português informal. No texto forte argumentação de superação, fé e força. Metáfora: chão – alusão a queda. Existe um sentido de que precisa ser salvo ou de proteção.



Captura de tela 33.

Data/Fonte:	Outubro de 2017. Publicação de usuário da rede social/morador do bairro na página do Bairro São José.
-------------	---

Elementos Visuais:	Fotografia de jovem fazendo gesto com a mão: o “joinha”. Utiliza boné, correntes e pulseiras metálicas. Alguns emoticons de tristeza e revólver.
Conteúdo textual, principais noções:	“A vida é loka, o meu jogo éh bruto, hoje éh festa amanhã podi ser luto. Os comédias ã mim assusta não fujo do conflito porquê eu sô blindado pelo sangue de #jesuscristo”. Escreve o português informal. Existe um sentido de que precisa ser salvo ou de proteção.



Captura de tela 34.

Data/Fonte:	Março de 2018. Publicação de usuário da rede social/morador do bairro na página do Bairro São José.
Elementos Visuais:	Fotografia de jovem fazendo gesto com a mão que simula uma arma. Utiliza óculos.
Conteúdo textual, principais noções:	“Boa tarde. Pra quem fecha”. Escreve o português informal. Existe um sentido de coletividade. Fechar: apoiar.

Observação:

A imagens de adolescentes foram alteradas sua resolução gráfica a fim de preservar a identidade dos indivíduos pesquisados.

4. Apêndice Etnográfico:

“A ralé vai à praia”.

Era domingo, 12 de junho de 2016, por volta das onze horas da manhã. Resolvemos ir até a praia, eu e meu colega Nivelton. Saindo do bairro Bancários que fica entre os bairros Mangabeira – Manaíra, pegamos o ônibus da linha 5600 que faz o trajeto até a praia mais central da cidade, a praia de Tambaú. Dentro dele noto que tem alguns mômís, na verdade é quase impossível não notar quando os meninos estão no ônibus, pois os trajetos são sempre marcados por gritos, risadas e provocações de vários tipos, além dos braços do lado de fora da janela batendo na lataria do ônibus um ritmo que lembra funk. A maioria dos passageiros é de classes populares. Trabalhadores, mulheres jovens com crianças de colo, e os mômís. Também vejo outras pessoas, que continuam dentro do ônibus, pois não irão curtir o domingo na praia, mas sim iniciar suas jornadas de trabalho no grande polo de comércio da zona norte da cidade: o Manaíra Shopping. Na chegada ao destino, no final da avenida Epitácio Pessoa, muitas pessoas descem do coletivo, parte delas insiste para o motorista abrir a porta do meio, que é exclusiva para cadeirantes. O busto de

Tamandaré está colorido. São muitos os bonés nas cores rosa e verde limão que parece ser a moda padrão da juventude periférica na cidade, todos com o símbolo com a marca Nike. Além dos bonés idênticos, a juventude da periferia usa um chinelo parecido da marca Kenner, ele tem a base preta, e parece ser feito de uma borracha diferente das utilizadas pelos chinelos das havaianas, que também é moda por aqui, sendo que não a moda escolhida pelos môfis, a moda da subcidadania. Alguns meninos utilizam correntes metálicas com elos grandes no pescoço e terços com cruzes, terços de plástico e de borracha, também bastante coloridos. Os rapazes parecem felizes, ativos, interagindo entre si, fazendo piadas e se apropriando do espaço urbano enquanto os observo e os ouço às vezes discretamente, assistindo atentamente a tudo, imóvel em minha própria visão da realidade. Chegamos à areia e executo o ritual de esticar a canga, sentar e pedir uma água de coco. Permanecemos na praia cerca de duas horas e meia, que estava cheia de gente. Com o barulho do mar não consigo ouvir muito bem os diálogos e conversas. Apenas observo as brincadeiras entre eles, os gestos e expressões, as brincadeiras dentro da água, a algazarra. É importante frisar que o bairro de Tambaú, assim como os bairros vizinhos Cabo Branco e Manaíra, é um bairro de classe média alta, mas que a partir do deslocamento da periferia se esvazia da sua “população nativa”, fenômeno estudado por Boaes (2015) sobre os estabelecidos e outsiders Manaíra e São José. É como se o lugar contasse com um acordo prévio no qual as duas classes dificilmente se misturam ou coexistem em um mesmo espaço. A sazonalidade da migração da ralé até o busto propicia um ambiente no qual é possível encontrar por algumas horas uma identidade môfi, periférica. No final da tarde o ambiente será ocupado por outras configurações grupais e o lugar môfi já terá se diluído ou trocado de espaço. É por volta de duas e meia da tarde quando resolvemos ir para casa e nos dirigimos até o ponto de ônibus que fica na Avenida Epitácio Pessoa, a avenida principal da cidade que divide geograficamente João Pessoa e suas zonas sul e norte. O ponto de ônibus está repleto de môfis, suas namoradas, companheiras, esposas e filhos. Elas são mães jovens, adolescentes. Têm bebês no colo. São pessoas muito jovens, acredito que a maioria tenha menos idade do que vinte anos. Enquanto aguardamos, eu e Niv, o ônibus do retorno, sentamos no meio fio. Alguns meninos, acho que uns sete ou oito, chegam correndo muito próximos de nós e sentam ao nosso lado. Por um momento fiquei assustada,

mas resolvi “segurar a onda” na frente do colega baiano, até porque eu também não queria constranger os meninos e parecer com medo. Tudo permaneceu tranquilo, eles não estavam ali para assaltar ninguém como ouvimos cotidianamente nos programas do meio dia, estavam fazendo o seu “rolê”, utilizando-se do direito de ir e vir como qualquer outro cidadão. O ônibus da linha 510 para no ponto, este ônibus deve seguir até o terminal de integração que fica no centro da cidade, imagino que as pessoas que pegam esse ônibus estejam se dirigindo a outros bairros periféricos, localidades outras, distintas do bairro Mangabeira, visto que os ônibus das linhas 5600, 5603 e 5605 que ali param, fazem caminho, e levam as pessoas para a zona sul. Quando o ônibus para o fiscal da empresa grita ao motorista: *“fecha a de trás, fecha a de trás”*. Ao mesmo tempo em que grita se posiciona na porta do meio do ônibus na tentativa de impedir que as pessoas interessadas em entrar no ônibus, que em sua maioria são mulheres e crianças, adentrem no transporte público sem pagar a passagem. Os mômís vão todos pela porta da frente, pulando a catraca cerca de trinta meninos entram no ônibus sem objeções. Para mim, este é o grande momento da luta por reconhecimento na subcidadania. Assisto a cena do lado de fora, meus olhos estão vidrados, as pessoas que estão no ponto também. Somos todos expectadores da situação. É comum os mômís pularem a catraca do ônibus, já havia observado isso em outras situações durante a semana mesmo e em outras linhas de ônibus, mais principalmente as linhas correspondentes aos bairros periféricos da cidade: 301, 303, 1500. A diferença daquele momento é que a performance dos rapazes, no domingo, parece mais legítima. Os meninos da periferia eram ali, por alguns minutos, sujeitos do seu tempo. Não estavam mais aprisionados pela lente das câmeras do “programa do Samuka” e assujeitados à caricatura criminoso. Eram agentes, protagonistas. A atitude dos meninos não é sequer questionada. Motorista, cobrador e fiscal não têm muito o que fazer, também assistem. As mulheres que estavam com crianças de colo esperando de pé na porta de trás do ônibus, quando me dirigi perguntando ao fiscal porque elas ainda não haviam entrado. O mesmo ficou calado enquanto continuei questionando, falando alto, apontando a situação, alegando que elas precisavam entrar e sentar, pois estavam com as crianças de colo, e não poderiam entrar normalmente pela catraca. Diante da situação de descontrole sobre quem havia pagado ou não a passagem, ou pelo apelo moral da situação, o fiscal pediu que o motorista abrisse a porta de trás

de as mulheres puderam adentrar com suas crianças. Depois de cheio, o ônibus subiu a avenida na direção do centro. A região da parada de ônibus estava repleta de rapazes com seus bonés coloridos. Coloriam a orla. Parece uma grande festa de acesso a algo básico: o direito à cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural - o iluminismo como mistificação das massas. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. In: Teoria da Cultura de massa. Luiz Costa Lima (Org.). São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ADORNO, T. W. (2002) Indústria cultural e sociedade. São Paulo. Paz e Terra.

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado. 2. ed. Trad. de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AGIER, Michel. 2011. Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Ed. Terceiro Nome.

AGAMBEN, Giorgio. Estado de Exceção. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. O poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2007.

ANGRIMANI Sobrinho, Danilo Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa / Danilo Angrimani Sobrinho. – São Paulo: Summus, 1995. – (Coleção Novas Buscas em Comunicação; v. 47)

AUGÉ, Marc. (1989), Domaines et chateau. Paris, Éditions du Seuil.

AUGÉ, Marc. (1992/2005), Não lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. 1ª edição francesa. Lisboa, 90 Graus

BAUMAN, Zygmunt. (2007), Vida de consumo. Madri, Fondo de Cultura Económica de España.

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. In: Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. 7ª ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Huncitec, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. A Cultura popular na idade média e no renascimento. São Paulo: Huncitec, 2013.

BAUMAN, Zigmunt (2009). Confiança e Medo na Cidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BAUMAN, Zigmunt.(2008). Medo Líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BECKER, Howard S. Becker (2008). Outsiders: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. (1978), A construção social da realidade. Petropolis, Vozes.

BAUDRILLARD, J. A Sociedade de Consumo. 2º edição. Lisboa: Edições 70. 2010

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BECKER, Howard. Uma Teoria da Ação Coletiva. RJ: Zahar ed, 1977.

BECKER, Howard "A Escola de Chicago". Revista Mana, vol.2, n.2, 1996.

BENJAMIN, Walter. (1995). Sobre alguns temas em Baudelaire. In: Obras escolhidas III: Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, p. 103-150

BENJAMIN, Walter. (1985c). Experiência e pobreza. In: Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, p. 114-119.

BENJAMIN, Walter. (1985e). A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, p. 165-196.

BENJAMIN, Walter. (1985f). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. (1985g). Sobre o conceito da história. In: Obras escolhidas In: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, p. 222-234.

BIONDI, Karina. Junto e misturado: uma etnografia do PCC. São Paulo, Ed. Terceiro Nome, 2010.

BOURDIEU, Pierre. (2004). O poder simbólico. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BOURDIEU, Pierre. (1996) Razões Práticas: Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus.

BOURDIEU, Pierre. "La démission de l'État". La misère du monde. Paris. Éditions du Seuil, 1993

BOURDIEU, Pierre O Poder Simbólico. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

BOURDIEU, Pierre "O conhecimento pelo corpo". Meditações Pascalianas. RJ: Bertrand Brasil, 2001.

BRIGGS & BURKE; Asa, Peter. (2004). Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BUTLER, Judith. 2015. *Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BUTLER, Judith. 2009. "Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista". Pp.321-336. in *Revista de Antropología Iberoamericana* 4(3). (

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. (2000) *Cidades de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34/ Edusp.

CANCLINI, Nestor Garcia. (2002) *Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação*. OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, Vol. VIII, nº1, 2002.

COHN, Gabriel (1973) *Sociologia da Comunicação: Teoria e Ideologia*. São Paulo: Pioneira.

COHN, Gabriel (org). (1978) *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: Editora Nacional.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 6ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro

CANCLINI, Nestor G. *Consumidores e cidadãos: conflitos, multiculturais da globalização*. 4ª edição, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1999.

CALDEIRA, T. Qual a novidade dos rolezinhos? Espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo. CEBRAP. Disponível em: Acesso em: 28 nov. 2016.

CANCLINI, Nestor G. *Consumidores e cidadãos: conflitos, multiculturais da globalização*. 4ª edição, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1999.

DE CERTAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. Ed. Vozes, Petrópolis, 1994. Deleuze, Gilles. *Presentación de Sacher-Masoch. Lo frío y lo cruel*. Amorrortu, Buenos Aires, 2001.

DAMATTA, Roberto. (1997) *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Rocco.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* 12. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DELEUZE, G. Foucault. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DURKHEIM, Emile. As regras do método sociológico. Martins Fontes. São Paulo. 2007.

ECO, Umberto (1998). Apocalípticos e Integrados. 5ªEd. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador – uma história dos costumes. (v. 1). Rio de Janeiro: Zahar, 1990

ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992

ELIAS, Norbert. O processo civilizador – formação do estado e civilização (v. 2). Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, Norbert. Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. v 1.

FERNANDES, Florestan. 1965. A Integração do Negro na Sociedade de Classes, Cia Editora Nacional, São Paulo, 2 vols.

FELTRAN, Gabriel. “Valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo”. 2014. Dossiê CRH: <https://www.scielo.br/j/ccrh/>

FELTRAN, Gabriel. “Trabalhadores e bandidos: categorias de nomeação, significados políticos”. Revista Temáticas, ano15, 2007.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. SP, Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009 (37ª edição)

FREITAG, B. (1988). A teoria crítica: ontem e hoje. São Paulo, Brasiliense.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala: volume 1: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 668p. ISBN 8501056642

FREYRE, Gilberto; AYRES, Lula Cardoso; BANDEIRA, Manuel. Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. 3.ed Rio de Janeiro: Olympio, 1961.

GILROY, Paul. 2000. Atlântico Negro, São Paulo, Editora 34.

GOHN, Maria da Glória. Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. 3a edição. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Editora LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. (2002.) Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GIDDENS, Anthony. A constituição da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1984

GIDDENS, Anthony. (1997), Modernidade e identidade pessoal. Oeiras, Celta Editora.

GOFFMAN, Erving. (1988). Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC.

GOFFMAN, Erving. (2010). Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Petrópolis: Vozes.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e modernidade no Brasil. Working Paper CBS-52-04. Centre for Brazilian Studies. University of Oxford. 2003.
GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. (2002). Classes, Raças e Democracia. São Paulo, Editora 34.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. (2004). Preconceito e discriminação. São Paulo: Editora 34.

HABERMAS, J. Mudança estrutural na esfera pública: investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HABERMAS, J. Discurso filosófico da modernidade. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HABERMAS, J. (1990). Soberania popular como procedimento. In *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo

HANNERZ, U. 1969. *Soulside: Inquiries into Ghetto Culture and Community*. New York: Columbia University.

HABERMAS, Jürgen. O Discurso Filosófico da Modernidade: Doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARVEY, David. A Liberdade da Cidade. In: MARICATO, Ermínia et al. Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: _____. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003. p. 248-264.

HIRATA, Daniel. Sobreviver na Adversidade: entre o mercado e a vida. USP, tese de doutorado, 2010

HONNETH, Axel. Luta por Reconhecimento. São Paulo. Editora 34. 2003.

HUYSEN, Andreas. (1997). Memórias do Modernismo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

ILLOUZ, Eva (2008) Oprah Winfrey and the glamour of misery: an essay on popular culture. New York: Columbia University Press.

LAHIRE, Bernard. A cultura dos indivíduos. Artmed. Porto Alegre 2006.

LAHIRE, Bernard. (2002a), Homem plural: os determinantes da ação. Petrópolis, Vozes.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.

LEFEBVRE, H. O direito à cidade. 5ª edição. 4ª reimpressão. São Paulo: Centauro Editora. 2013

LONGHI, Marcia Reis. (2009). 'AQUI, TODO MUNDO CONSIDERA!' Reflexões sobre consideração e reconhecimento a partir de trajetórias de rapazes de um bairro popular do Recife. POLÍTICA & TRABALHO: Revista de Ciências Sociais n. 31 Setembro de 2009 - p. 91-106.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.17 n.49, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "Os circuitos dos jovens urbanos". Tempo Social, USP, vol17, n.2, 2005.

MAUSS, Marcel. "As técnicas corporais" (2003b). "Relações reais entre a sociologia e a psicologia" (2003a). Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003 [1934].

MBEMBE, Achille. Necropolítica. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

MISSE, Michel. "Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro. Revista de Estudos Avançados, USP, 21(61), 2007.

MISSE, M. Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: IUPERJ. 2006. Crime e violência no Brasil contemporâneo: estudos de sociologia do crime e da violência urbana. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

MISSE, M. 2007. "Notas sobre a sujeição criminal de crianças e adolescentes". In: SÉ, J. T. S.; PAIVA, V. (orgs.). Jovens em conflito com a lei. Rio de Janeiro: Garamond. 2008a.

MISSE, M. "Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro". Civitas, Porto Alegre, vol. 8, no 3, pp. 371-385. 10049-LN79_meio_af5.indd 37 6/24/10 2:54:48 PM 38 Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido" Lua Nova, São Paulo, 79: 15-38, 2010. 2008b.

MISSE, M "Sobre a construção social do crime no Brasil". In: MISSE, M. (org.). Acusados e acusadores: estudos sobre ofensas, acusações e incriminações. Rio de Janeiro: Revan.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Lisboa, Edições 70, 1988.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 2a ed. Rio de Janeiro, 2001.

MACLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensão do homem. São Paulo, Cultrix, 1969.

MARX, Karl. Manuscritos Econômicos-Filosóficos. In: FROMM, Erich. Conceito Marxista do Homem. 8ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. (2002) "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17.

MICELI, Sergio (1982) A noite da madrinha. São Paulo: Perspectiva.

MICHEL, FOUCAULT. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. 8. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2002.

MELO, Patrícia Bandeira de. (2010) Histórias que a mídia conta: o discurso sobre o crime violento e o trauma cultural do medo. Recife. Ed. Universitária da UFPE.

MISSE, Michel. (2006) Crime e violência no Brasil contemporâneo: estudos de Sociologia do Crime e da Violência Urbana. Rio de Janeiro: Lumen Juris.

NETO, Antônio Fausto; GOMES, Gilberto Pedro; BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo. São Paulo, Paulus. 2008.

NEVES, M. (1996): "Luhmann, Habermas e o estado de direito". Lua Nova 37: 93-106 PARK, Robert. "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano". in: Velho, O. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, Zahar ed., 1967.

ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural. 5a edição. São Paulo: Brasiliense, 1995.

OLIVEIRA, Danilo Duarte. (2008). Jornalismo policial, gênero e modo de endereçamento na televisão brasileira. In: Anais de: Colóquio Internacional: Televisão e Realidade – UFBA

PEIRANO, Mariza G.S. A Alteridade em Contexto: A Antropologia como Ciência Social no Brasil. 1999.

RIBEIRO D. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras; 2018.

RIBEIRO D. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento; 2017. (Feminismos plurais).

SANTANNA, Letícia Moreira. Rolezinhos: Movimentos socioespaciais do cotidiano. Unesp. 2017.

SILVA, Lucas Trindade. Biopolítica e o enunciado da autonomização das esferas sociais. Tese de doutorado. PPGSOL-UNB. 2018.

TURNER, Victor. 1974. O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura. São Paulo: Vozes.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2008) Deque João Pessoa tem Medo? Uma abordagem em Antropologia das Emoções- João Pessoa, Edições do GREM, Editora Universitária da UFPB.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2005) Medos Corriqueiros e Sociabilidade. João Pessoa-PB. Edições do GREM, Editora Universitária da UFPB.

WEBER, Max. O sentido da neutralidade axiológica nas ciências sociais. In: _____. Metodologia das ciências sociais, parte II. 2a edição. São Paulo, Cortez; Campinas, Ed. Unicamp, 1995.

WEBER, Max Economia e sociedade: fundamentos de sociologia compreensiva. 3a edição. Brasília, D.F.: Editora da Universidade de Brasília, 1994. Volume 1.

RAMOS, Alberto Guerreiro. 1995. Introdução Crítica à Sociologia Brasileira, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ

RUI, Taniele, 1982- R858c Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack / Taniele Cristina Rui. – Dissertação de Mestrado. UNICAMP. 2012.

SAFATLE, Vladimir. O Circuito dos afetos. São Paulo: Autêntica, 2015.

SENNETT, Richard. Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual. Rio de Janeiro: Record, 2004

SIMMEL, Georg. "O estrangeiro", in: Moraes Filho, Evaristo de (org). Simmel – Sociologia. São Paulo, Ática, vol.34, 1983.

SIMMEL, Georg "As grandes cidades e a vida do espírito (1903)". Revista Mana, vol.11, n.2, outubro de 2005.

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia? 3. ed. São Paulo Loyol, 2011.

SOUZA, Jessé. (2009) Ralé brasileira: quem é e como vive / Jessé Souza; colaboradores. André Grillo. [et al.] — Belo Horizonte: Editora UFMG.

SOUZA, Jessé. (2003). A construção social da subcidadania: Para a sociologia política de uma modernidade periférica. Minas Gerais: UFMG

SOUZA, Jessé. (2003). Não reconhecimento, subcidadania ou o que é "ser gente"? In: Lua Nova, n.59.

SOUZA, Jessé. (2005). Raça ou Classe? Sobre a desigualdade brasileira. In: Lua Nova, n. 65.

SOUZA, Jessé. A singularidade ocidental como aprendizado reflexivo: Jürgen Habermas e o conceito de esfera pública. In: _____. A modernização seletiva: uma interpretação do dilema brasileiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

THOMPSON, John B. A mídia e o desenvolvimento da sociedade moderna. In: _____. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. 4ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 47-76

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade. Petrópolis: Vozes, 2004.

THOMPSON, John. (2009) Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes.

VELHO, Gilberto. (2002) A utopia Urbana: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

VELOSO, Wanessa Souto. (2013) Verdade e justiça ao meio-dia: a construção da experiência moral num programa de TV. Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA

ZALUAR, Alba. (2005) Dilemas da segurança pública no Brasil. In: ZALUAR, Alba,

ŽIŽEK, Slavoj. O Violento Silêncio de um Novo Começo. In: HARVEY, David et al. Occupy: Os movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo, 2012a, p.15-25.

ZUKIN, Sharon. "Paisagens do século XXI: notas sobre a mudança social e o espaço urbano". In: Arantes, Antônio (org). O espaço da diferença. Campinas, SP, Papirus: 2000.

WACQUANT, Loic. "Três premissas perniciosas no estudo do gueto norte-americano". Mana 2(2), 1996.

WACQUANT, Loic As Prisões da Miséria. Rio de Janeiro, Zahar ed, 2001.

WACQUANT, Loic. "O corpo, o gueto e o Estado Penal". (Entrevista concedida a Susana Durão). Revista Etnográfica, Lisboa, vol.12, n.2, 2008.

WHYTE, William, Foot. (2005). "Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada". Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SITES:

https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf

<https://diplomatie.org.br/o-estado-de-excecao-e-regra-geral/>

facebook.com